

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Gutemberg de Albuquerque Machado

**A Educação humanizadora numa perspectiva agostiniana:**  
um olhar sobre a tutoria.

**Mestrado em Educação: Currículo**

São Paulo

2021

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Gutemberg de Albuquerque Machado

**A Educação humanizadora numa perspectiva agostiniana:**

um olhar sobre a tutoria.

**Mestrado em Educação: Currículo**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência para obtenção do título de mestre em *Educação: Currículo*, sob a orientação da Professora Doutora Neide de Aquino Noffs.

São Paulo

2021

**Banca examinadora**

---

Prof. Dra. Neide de Aquino Noffs

---

Prof. Dr. João Hilton Sayeg

---

Prof. Dr. Robson Medeiros Alves

A

*Todos os irmãos da  
Ordem de Santo Agostinho.*

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de  
Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.  
Código de financiamento 134061/2019-5.

## AGRADECIMENTOS

A Deus sumamente amado, motivo primeiro pelo qual escrevo esta dissertação.

À minha família que em todos os meus projetos sempre me apoia.

A Ordem de Santo Agostinho, por meio da Província Agostiniana do Brasil, e o seu governo provincial que me proporcionou a oportunidade de aprofundar ainda mais sobre a educação, para melhor servir à Igreja e aos irmãos.

À minha querida orientadora Professora Dra. Neide de Aquino Noffs, pela sua paciência, pelo seu acompanhamento desde o primeiro dia do mestrado e, principalmente, em todo o processo de escrita. Aos seus ensinamentos que levarei ao longo da minha vida pessoal e acadêmica e, acima de tudo, por ser esse ser humano iluminado que sempre tem a palavra certa na hora certa.

Aos professores do programa de pós-graduação de *Educação: Currículo* pelo acolhimento, empenho em sempre oferecer o melhor e mais atual em nossos encontros formativos, pela escuta e amizade. Sinto-me muito grato por ter participado dessa história.

À nossa querida secretária do programa de pós-graduação de *Educação: Currículo*, Maria Aparecida, pela paciência, prontidão e propriedade em todos os procedimentos para o bom andamento do programa.

Aos meus companheiros de caminhada que, ao longo dos encontros, fortalecemos nossa convicção de ter optado pela educação, encontrando afinidades e sonhando juntos. Obrigado pela amizade e espero que possamos nos reencontrar com novos sonhos por uma educação melhor.

Ao CNPq pelo financiamento durante o curso, o que foi imprescindível para chegarmos até este momento.

Ao Colégio Santo Agostinho – SP por todo o apoio e colaboração para que este trabalho acontecesse.

“A Educação será mais libertadora  
quando estiver mais de acordo com a verdade e o amor”.

Santo Agostinho – Carta 101,2.

MACHADO, Gutemberg de Albuquerque. **A Educação humanizadora numa perspectiva agostiniana: um olhar sobre a tutoria.** 119f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) – Programa de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP, 2021.

## RESUMO

A educação, como nunca, carece de elementos que ajudem os indivíduos no seu processo humanizador. Ao longo da pesquisa, que teve como seu contexto o problema de educar e aprender, e a prioridade do intelecto sobre as demais dimensões do ser humano, buscou-se responder à seguinte problemática: como o projeto de tutoria escolar se articula com a metodologia agostiniana para uma educação humanizadora? Tal questionamento encaminhou à produção de uma dissertação crítica e analítica sobre a tutoria desenvolvida nos colégios agostinianos, em particular o colégio Santo Agostinho - SP, considerando o pensamento educativo do Bispo de Hipona e, conseqüentemente, a metodologia pedagógica agostiniana desenvolvida pelos frades da Ordem de Santo Agostinho, com o propósito de compreender como esses elementos articulam-se com as práticas tutoriais tornando-as mais humanizadoras. Desse modo, para alcançar o objetivo proposto, em seu início, investigaremos a condição humana e a contribuição da educação para o desenvolvimento integral do ser humano e da educação cristã como mais um caminho possível para a humanização. Em seguida, pretende-se apresentar a herança do pensamento de Santo Agostinho voltado para a Educação, seu desenvolvimento por meio de uma metodologia própria e o estilo do colégio agostiniano assumido pela Ordem de Santo Agostinho pelo mundo e, principalmente, no Brasil. Por fim, será investigada a proposta do projeto de tutoria, alguns aspectos assumidos no estilo agostiniano e o seu impacto segundo o olhar de alguns membros da comunidade escolar. Servindo-se da abordagem qualitativa, a partir da pesquisa bibliográfica e documental, chegamos à conclusão de que o pensamento e a metodologia agostiniana complementam e alicerçam o projeto de tutoria, porque oferecem elementos a todos os personagens da comunidade educativa envolvidos para se nortear na sua atividade pedagógica e, assim, alcançarem um processo de educação humanizadora.

**Palavras-chave:** Humanização; Santo Agostinho; Tutoria.

MACHADO, Gutemberg de Albuquerque. **Humanizing education in an Augustinian perspective: a look at mentoring.** 119f. Thesis (Masters in Education: Curriculum) - Education Program: Curriculum, University of São Paulo, PUC-SP, 2021.

#### ABSTRACT

The education, as never before, lacks elements that aid individuals in their humanizing process. During the research, which had as a context the problem of educating and learning, and the intellect's priority over other dimensions of the human being, it sought to answer the following issue: how does the school-tutoring project articulate with the Augustinian methodology for a humanizing education? Such questioning led to the preparation of a critical and analytical dissertation regarding the tutorship developed in Augustinian schools, particularly Saint Augustine –SP school, considering the bishop of Hippo's educational thinking and, consequently, the Augustinian pedagogical methodology developed by the Order of Saint Augustine's friars, with the purpose of comprehending how these elements articulate with tutoring practices that become more humanizing. Thus, in order to achieve such purpose, at the beginning, it will be investigated the human condition and the contribution of education to the entire development of a human being and the Christian education as one more possible way to humanization. Right after, it's intended to present the heritage of Saint Augustine's thinking devoted to education, its development through an own methodology and the Augustinian school's style adopted by the Order of Saint Augustine throughout the world and mainly in Brazil. Lastly, it will be explored the tutoring project proposal, some aspects incorporated in the Augustinian's style and its impact according to the view of some members of the school community. Applying the qualitative approach, based on documental and bibliographical research, it arrived at the conclusion that Augustinian's thinking and methodology complement and support the tutoring project because they offer elements for all of the members from the educational community involved to guide themselves in their pedagogical activity and achieve a humanizing educational process.

**Keywords:** Humanization; Saint Augustine; Tutoring.

MACHADO, Gutemberg de Albuquerque. **La Educación humanizadora en la perspectiva agustiniana: una mirada a cerca de la tutoría.** 119f. Tesis. (Licencia en Educación: Currículo) – Programa de Educación, Pontificia Universidad Católica de São Paulo, PUC – SP, 2021.

## RESUMEM

La educación, como nunca, carece de elementos que ayuden a los individuos en su proceso humanizador. A lo largo de la investigación, que tuvo como contexto el problema de educar y aprender, y la prioridad del intelecto sobre las demás dimensiones del ser humano, se buscó responder a la siguiente problemática: ¿cómo el proyecto de tutoría escolar se articula con la metodología agustiniana para una educación humanista? Tal cuestionamiento orientó la producción de una disertación crítica y analítica sobre la tutoría desarrollada en los colegios agustinos, en particular en el colegio San Agustín – SP, considerando el pensamiento educativo del Obispo de Hipona y, por consiguiente, la metodología pedagógica agustiniana desarrollada por los religiosos de la Orden de San Agustín, con el objetivo de comprender cómo esos elementos se articulan con las prácticas tutoriales volviéndolas más humanizadora. De este modo, para alcanzar el objetivo propuesto desde el principio, investigaremos la condición humana y la contribución de la educación para el desenvolvimiento integral del ser humano y de la educación cristiana como un camino más para la humanización. En seguida, se pretende presentar la herencia del pensamiento de San Agustín vuelto para la Educación, su desenvolvimiento por medio de una metodología propia y el estilo del colegio agustino asumido por la Orden de San Agustín por el mundo y, principalmente, en Brasil. Por fin, será investigada la propuesta del proyecto de tutoría, algunos aspectos asumidos en el estilo agustiniano y su impacto según la mirada de algunos miembros de la comunidad escolar. Sirviéndose del abordaje cualitativo, a partir de la investigación bibliográfica y documental, llegamos a la conclusión de que el pensamiento y la metodología agustiniana complementan y sostienen el proyecto de tutoría, porque ofrecen elementos a todos los personajes de la comunidad educativa involucrados para orientarse en su actividad pedagógica y así alcanzar un proceso de educación humanizadora.

**Palabras clave:** Humanización; San Agustín; Tutoría.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Síntese dos princípios que o tutor deve ser e saber.

Quadro 2 – Atitudes do tutor frente aos alunos (classe e no individual), aos demais professores e a família.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ANEC – Associação Nacional de Escolas Católicas

CCA – Centro da Criança e do Adolescente

CEDESP – Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo

CSA – Colégio Santo Agostinho

FABRA – Federação Brasileira Agostiniana

FAE – *Federación Agustiniana Española*

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNE – Plano Nacional de Educação

OSA – Ordem de Santo Agostinho

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
Motivações acadêmico-profissionais e contextos culturais.....	15
Contexto, problema, justificativa e objetivos da pesquisa.....	19
Metodologia de pesquisa.....	22
Pesquisa Qualitativa.....	22
Local de estudo.....	22
Procedimentos e instrumentos de coleta de dados.....	23
Pesquisa bibliográfica.....	23
Pesquisa documental.....	24

## **CAPÍTULO 1**

<b>A EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: A CONSTRUÇÃO DO HUMANO NA EDUCAÇÃO</b> .....	25
--	----

<b>1.1 A condição humana</b> .....	25
<b>1.2 A contribuição da educação para o desenvolvimento integral do ser humano</b> .....	26
<b>1.3 Currículo humanizador e suas possibilidades</b> .....	28
1.3.1 O ser humano: centro e foco do currículo escolar.....	29
1.3.1.1 Currículo e o ser humano.....	29
1.3.1.2 Currículo, sociedade e cultura.....	30
1.3.1.3 Currículo humanizador: humanizar para emancipar.....	31
1.3.1.4 Currículo humanizador na realidade.....	33
<b>1.4 A contribuição cristã: mais uma possibilidade para a educação humanizadora</b> .....	34

## **CAPÍTULO 2**

<b>AGOSTINHO E SEU LEGADO EDUCACIONAL</b> .....	38
<b>2.1 Contexto histórico de Santo Agostinho</b> .....	38
<b>2.2 Agostinho educando e educador</b> .....	39

2.2.1 Agostinho um educando inquieto.....	39
2.2.2 Agostinho um mestre apaixonado.....	40
<b>2.3 As contribuições de Agostinho para educação.....</b>	<b>41</b>
2.3.1 <i>De Magistro</i> .....	42
2.3.2 <i>De Catechizandis Rudibus</i> .....	43
2.3.3 <i>De Doctrina Christiana</i> .....	46
<b>2.4 A metodologia agostiniana: um caminho para a educação humanizadora.</b>	<b>48</b>
2.4.1 Pedagogia <i>mente et cordis</i> (mente e coração).....	49
<b>2.5 O estilo da escola Agostiniana.....</b>	<b>52</b>
2.5.1 Características da escola agostiniana.....	54
2.5.1.1 Escola crítica.....	54
2.5.1.2 Escola participativa.....	55
2.5.1.3 Escola libertadora.....	56
2.5.2 Valores que defendem a escola Agostiniana.....	57

### **CAPÍTULO 3**

#### **A TUTORIA COMO ELEMENTO CURRICULAR DE HUMANIZAÇÃO: FUNDAMENTOS, PRÁTICAS E CONTRIBUIÇÕES..... 61**

<b>3.1 A tutoria.....</b>	<b>61</b>
<b>3.2 Caracterização da tutoria adotada nos colégios agostinianos.....</b>	<b>62</b>
3.2.1 Contexto da implantação da tutoria nos colégios agostinianos no Brasil.....	62
3.2.2 Componentes da tutoria numa perspectiva agostiniana.....	64
3.2.2.1 Propósito transcendente.....	64
3.2.2.2 Comunidade educativa.....	65
3.2.2.3 Atividade tutorial.....	66
<b>3.3 O tutor.....</b>	<b>67</b>
<b>3.4 Ações tutoriais.....</b>	<b>69</b>
3.4.1 Entrevista ou sondagem tutorial.....	69
3.4.2 Plano de Ação Tutorial (PAT).....	70
<b>3.5 A tutoria a partir da perspectiva da comunidade escolar.....</b>	<b>73</b>

<b>Considerações finais.....</b>	<b>76</b>
<b>Referências.....</b>	<b>79</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>83</b>

## **INTRODUÇÃO**

Na vida, à medida que tomamos consciência da nossa missão, começamos a enxergar os fatos que estão em nosso entorno de maneira mais crítica, e buscamos fazer essa reflexão a partir de referências que incorporamos ao longo do caminho. Por isso, inicialmente, faz-se mister esclarecer as bases que se integram na minha vida e que, conseqüentemente, refletem-se no meu pensamento: minha experiência cultural – nordestino, conhecedor de diversas culturas dentro e fora do Brasil; formação acadêmica – filósofo, teólogo e pedagogo; e vocação cristã – religioso pertencente à Ordem de Santo Agostinho.

Nesta dissertação, sistematizaremos os conhecimentos expressos na vida e pensamento de Santo Agostinho quanto às contribuições que essa visão ainda pode oferecer para a sociedade, em especial, para a educação, garantindo, assim, um diálogo profícuo com a realidade que nos é apresentada e com os demais autores contemporâneos.

Nossa proposta é apresentar as contribuições da metodologia agostiniana para uma educação humanizadora, partindo, principalmente, da experiência tutorial desenvolvida em muitos dos nossos colégios mundo a fora e, em concreto, aqui no Brasil, o Colégio Santo Agostinho – SP que, ao longo dos anos, realiza essa prática de tutoria.

### **Motivações acadêmico-profissionais e contextos culturais**

Realizando um resgate da minha vida, me vi, de alguma forma, interligado com a educação. Meus pais desde cedo propagaram que a educação é o caminho para um futuro melhor e, com isso, fizeram os esforços necessários para termos uma educação de qualidade e, minha irmã e eu, em contrapartida, realizávamos a nossa parte para deixá-los orgulhosos.

Recordo que na minha vida escolar sempre tive certa facilidade com os estudos e, conseqüentemente, busquei ajudar a outros que tinham mais dificuldades, chegando a promover pequenos grupos de estudos antes do período de provas. Na minha trajetória, até hoje, tenho o orgulho de dizer que, no meu caminho, Deus colocou diversos professores inspiradores.

Em algum momento da minha adolescência, cheguei até a cogitar o magistério por acreditar que poderia fazer, nem que fosse um pouco, o que os meus professores fizeram por mim. Com o passar dos anos, por constantes falas e fatos que desvalorizavam a profissão, acabei desmotivado e deixando de lado uma possível carreira na área da

educação. Nesse período, ingressei no grupo de jovens da Igreja e fui catequista. A partir daí, alimentou-se em mim o desejo de servir a Deus.

Aos 16 anos, ao ingressar no seminário da arquidiocese de Olinda e Recife, por meio dos estudos eclesiais da Filosofia e Teologia, fui afinando as minhas metodologias de estudo e aprofundando temas importantes para o desempenho do ministério sacerdotal. Na Teologia, a convite do coordenador do curso, tive a oportunidade de participar do PIBIC, na modalidade voluntário, quando, pela primeira vez, realizei uma pesquisa mais sistemática, com maior nível de profundidade e rigorosidade acadêmica. Fazendo a reminiscência desse período, o que fica mais claro, hoje, é que os temas/disciplinas que mais me chamavam a atenção eram ligados ao entendimento do ser humano.

Com minha ida ao seminário da OSA, em janeiro de 2014, na cidade de Curitiba - PR, por já ter completado os meus estudos eclesiais nesse mesmo ano, os meus superiores me ofereceram a possibilidade de estudar pedagogia. A princípio, a ideia não me agradou muito, porém, aceitei a proposta e, com o passar das aulas, cada vez mais queria me dedicar ao curso. Três fatores foram determinantes para isso: 1. O corpo docente da faculdade com sua acolhida, metodologia e conteúdo; 2. Os estágios curriculares desde o primeiro semestre em todas as áreas da pedagogia; 3. Os projetos integradores que nos possibilitavam escrever artigos acadêmicos, conforme os eixos temáticos de cada semestre. Tudo isso fez reavivar o interesse pelo magistério que ficara guardado desde a minha adolescência.

Em 2016, ao concluir o curso de pedagogia e, assim, a primeira etapa da minha formação, mudei-me para Lima, no Peru, a fim de realizar o meu ano de noviciado, e lá conheci as contribuições de Santo Agostinho para a educação. Na ocasião, tive a oportunidade de conhecer mais de perto os colégios agostinianos que temos naquele país, e entrei em contato com a tutoria na educação básica, dentro de uma perspectiva agostiniana. Nesse mesmo período, o estudo das *Constituições*<sup>1</sup> da OSA representou um

---

<sup>1</sup> As Constituições de Ratisbona, as primeiras conhecidas da Ordem e tantas vezes recordadas, começam com a seguinte frase: “*Quoniam ex precepto Regulae Patris nostrae Augustini jubemur habere cor unum e animam unam in Domino, iustums est, qui sub una Regula e unius voto Professionis vivimus, uniformes in observantia Sanctae Religionis inveniamur, quatenus unitatem, que interius observanda est in cordibus, foveat et repraesentet uniformitas exterius servata in moribus*”, que poderíamos traduzir da seguinte maneira: “Dado que, segundo a Regra de nosso Pai Santo Agostinho, devemos ter um só e uma só alma em direção a Deus, é justo que, os que vivemos sob a mesma Regra e segundo a mesma profissão, observemos unanimemente nossa consagração religiosa, fortalecendo interiormente esta unidade em nosso coração, e manifestando-a exteriormente seguindo os mesmos costumes”.

Fiéis a esses princípios, firmados nas mesmas raízes de nossa Ordem, as atuais Constituições mantêm ambas as dimensões: uma interior e outra exterior. E isso se manifesta claramente no fato de que

despertar para compreender a importância do apostolado educativo na Ordem, a saber:

*Visto que “é bela e de grande responsabilidade a vocação de todos os que aceitam a tarefa educativa nas escolas” e em outros centros educativos, recordando ademais a contribuição agostiniana neste campo, tenhamos todos em grande estima o apostolado da educação, e consideremo-lo como uma das missões próprias de nossa Ordem. Promovam, pois, as Circunscrições, a ereção de centros educativos para a formação de crianças e jovens. A finalidade específica de nossos centros educativos é a promoção da pessoa humana, fundamentada nos valores cristãos. Daí que, em primeiro lugar, é necessário considerar sempre este apostolado como uma atividade essencialmente pastoral, de modo que ensinemos a verdade com a caridade, e os alunos adquiram, junto com uma cultura humanística e científica, um conhecimento a respeito do mundo, da vida e da pessoa humana iluminado pela fé. (CONSTITUIÇÕES DA ORDEM, 2008, nn.161-162).*

A educação é uma vocação, um chamado, e a Ordem de Santo Agostinho, ao longo de seus anos, desde a sua criação e inspirada pelo modelo do nosso Pai espiritual, vem colocando os esforços necessários para que, por meio dos seus centros educativos, possa responder a esse chamado em que a promoção do ser humano, em sua integralidade, esteja garantida. Sabemos que toda a tarefa educativa é árdua e cheia de desafios. Cientes disso,

como agostinianos, devemos envidar todos os meios para que a comunidade educativa de nossos colégios viva os valores do evangelho, à luz da espiritualidade e pedagogia agostinianas. Cientes de esta tarefa comum, nos esforçaremos em formar os professores nos princípios espirituais e agostinianos da educação. Para tanto, promovam-se associações regionais de educadores agostinianos, para partilhar nosso ideário educativo, e conseguir uma formação de nossos alunos melhor e mais integral. (CONSTITUIÇÕES DA ORDEM, 2008, n. 163).

São inúmeros os esforços, sempre em comunhão com a Igreja Católica, visando realizar tão nobre missão com excelência. Estamos em comunhão com as diretrizes da

---

suas duas primeiras partes estão dedicadas aos princípios fundamentais de ordem teológica e espiritual, enquanto as outras duas, a terceira e a quarta, se encarregam dos aspectos organizativos e administrativos. Essas Constituições mantêm essa divisão já que, na sua estrutura fundamental, são ecos da nova redação que teve lugar depois do Concílio Vaticano II, no ano de 1968.

Ao longo dos anos, os diversos Capítulos Gerais foram introduzindo algumas mudanças, especialmente depois da publicação do Código de Direito Canônico em 1983. Foi necessário fazer uma nova revisão que unificasse os critérios das sucessivas modificações, e que tornassem mais homogêneas as diversas adaptações a alguns novos princípios surgidos na vida da Igreja nos últimos decênios.

O Capítulo Geral de 2001 reformou a terceira e quarta parte, e o de 2007 revisou a primeira e a segunda parte. Trata-se de um importante trabalho realizado por diversas Comissões Internacionais da Ordem, para o qual foram consultadas todas as comunidades, enviando-lhes sucessivos rascunhos.

Todo esse trabalho respeitou tanto a estrutura fundamental como os grandes princípios das Constituições de 1968, de modo que não podemos falar de novas Constituições, mas simplesmente de uma revisão.

congregação para a Educação Católica, bem como temos nossas comissões em nível mundial de América Latina e de Brasil, onde, periodicamente, com especialistas em educação, nos reunimos em congressos, seminários e conferências para trilharmos, juntos, caminhos concretos para que essa educação no estilo agostiniano possa se fazer realidade e obter um impacto na formação dos nossos alunos.

A idônea formação da personalidade dos alunos depende, em grande parte, da influência do ambiente e dos modelos pessoais. Portanto, os responsáveis da educação devem esforçar-se em criar sempre um ambiente de amistosa harmonia na comunidade educativa, e que todos trabalhem com unidade de critérios no desenvolvimento das atividades educativas. (CONSTITUIÇÕES DA ORDEM, 2008, n.164).

Em nossos centros educativos, é constante a formação continuada dos nossos colaboradores<sup>2</sup>, pois entende-se que cada indivíduo que forma parte de um centro educativo agostiniano contribui para que esse ambiente seja propício para o desenvolvimento humano, que é integral, não apenas voltado ao intelecto.

Já que na educação integral dos alunos concorrem muitos fatores, como a família, a sociedade e a escola, e que a formação não termina com os estudos escolares, promovam-se as relações com os pais dos alunos e com as associações de ex-alunos. (CONSTITUIÇÕES DA ORDEM, 2008, n.165).

A partir disso, iniciou-se de maneira mais clara e latente, para mim, o processo de identificação com a educação, os valores e a filosofia de Santo Agostinho, de modo que me senti estimulado a aprofundar sobre esses temas.

Em 2017, com meu regresso ao Brasil, agora já em São Paulo, fui designado, nos primeiros seis meses, a acompanhar o CCA e, no 2º semestre desse mesmo ano, fui convidado a coordenador a pastoral educativa do Colégio Santo Agostinho – SP, onde fiquei até o fim de 2019. Nesse período, tive grande contato com o corpo docente e a equipe técnica pedagógica, representando um período de muita aprendizagem em nível pessoal e profissional.

As experiências obtidas ao longo desses dois anos e meio proporcionaram novas rotas de aprendizagens que complementaram, aprofundaram e deram sentido à minha formação inicial da pedagogia. As reuniões semanais de planejamento da equipe técnica, as formações com o corpo docente e do administrativo, eventos religiosos e sociais e o

---

<sup>2</sup> Colaboradores – como são designados todos os funcionários que exercem alguma atividade laboral dentro da Instituição.

contato com as famílias despertaram a potencialidade e complexidade que é o organismo de uma escola.

Dentro desse período, outra experiência marcante e que despertou minha curiosidade sobre o tema da tutoria na educação agostiniana foi quando, no início do ano de 2019, fui convidado a realizar o curso de auditoria escolar. No término do curso, a avaliação final era aplicarmos tudo o que aprendemos durante o período formativo. Um dos setores ao qual fui designado foi a tutoria. Realizar a auditoria na tutoria me ajudou e instigou a compreender a opção pedagógica humanizada do colégio e seu impacto frente a toda comunidade escolar.

A partir dessa experiência, ao acompanhar o processo, as intervenções e os relatos dos tutores, o interesse pelo tema se intensificou. Nesse mesmo ano, o meu superior me ofereceu a possibilidade de realizar uma pós-graduação na minha área de interesse. Como já estava imerso na educação e instigado por essa problemática, prontamente aceitei a oferta, pois já tinha em mente a inquietação do tema a ser dissertado.

Faz-se necessário salientar que a escolha pelo programa de pós-graduação em *Educação Currículo*, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, deu-se pela sua tradição, por ser uma Universidade que dialoga com o seu tempo, consequência da competência e responsabilidade do corpo docente em formar educadores-pesquisadores, solidificados na ética e comprometidos com os temas educacionais.

### **Contexto, problema, justificativa e objetivos da pesquisa**

Ao constatarmos a maneira de como o sistema educacional ainda se encontra organizado, pautado no método cartesiano e que privilegia, em muitas ocasiões, a quantidade em detrimento ao conhecimento, não é difícil notar as dificuldades presentes nesses espaços escolares.

Hoje, comumente, percebemos que muitos colégios privados e públicos possuem elevado número de alunos por classe, os primeiros para se manterem financeiramente ou para lucrarem de forma excessiva e, os outros porque o nosso sistema público não mantém o direito da oferta de uma educação para todos, reforçando, assim, a “educação” de massas. Em ambos os casos, não há garantia de aprendizagem para todos, muito embora sejamos um país que, teoricamente, possui políticas educacionais fortes, porém, infelizmente, no momento da implantação, acaba se tornando uma proposta inviabilizada.

Para entendermos esse dilema, Vasconcellos, ao citar Perrenoud, indica como essa

prática entrou nos currículos de nossas escolas:

Os vínculos existentes entre as hierarquias escolares e outras hierarquias de excelência são tão mais explicáveis na medida em que se pretende que o ensino constitua uma preparação para a vida: neste sentido, as classificações escolares não são senão uma prefiguração de hierarquias vigentes na sociedade global, em virtude de modelos de excelência que recebem uma valorização suficiente para ocupar um espaço no currículo. (PERRENOUD, 1990 *apud* VASCONCELLOS, 1998, p.76).

E ainda Vasconcellos complementa:

Esta seletividade social, do ponto de vista do sistema de ensino, se concretiza no vestibular (concurso, competitividade, ou a seleção, de maneira geral), que tem se constituído, na prática, o verdadeiro paradigma da organização escolar e curricular, o grande referencial do trabalho do professor, enfim, sua real finalidade. (VASCONCELLOS, 1998, p.76).

Um exemplo atual no nosso Brasil é o ENEM. Como é de conhecimento comum, existem diversos “sistemas de ensino” que desenvolvem materiais didáticos apostilados com foco em conteúdos e exercícios presentes no exame, garantindo, assim, que o aluno esteja “preparado” para ser exitoso e, conseqüentemente, obtenha uma nota satisfatória que lhe permita o ingresso nas melhores universidades do país.

Tendo presente essa leitura do aspecto educacional do Brasil e olhando para minha formação pessoal e profissional<sup>3</sup>, em conjunto com a atuação<sup>4</sup>, vejo-me provocado a pensar sobre as reais conseqüências (para toda a comunidade escolar) desse tratamento dado à educação que privilegia o intelectual, deixando de lado outras dimensões do ser humano, intimamente ligadas ao processo de aprendizagem.

Logo, levando em consideração a relevância do pensamento de Santo Agostinho nos meios acadêmicos, principalmente no ocidente, e em diversas áreas do conhecimento, inclusive na educação, o que, por hipótese, o qualificaria também como expoente necessário para discutirmos como a sua proposta educacional pode contribuir para uma

---

<sup>3</sup> Gutemberg de Albuquerque Machado é religioso da Ordem de Santo Agostinho. cursou Bacharelado em Filosofia no Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Olinda e Recife - IFTAOR (2007-2009) [Curso livre], Bacharel em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP(2010-2013), Licenciatura plena em Pedagogia na Faculdade Padre João Bagozzi (2014-2015) e licenciado em Filosofia pela Faculdade Padre João Bagozzi (2018-2019). Atualmente é discente do programa de pós-graduação em *Educação: Currículo* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

<sup>4</sup> Coordenador de Pastoral do Colégio Santo Agostinho (agosto de 2017 até dezembro de 2019) e Diretor Institucional das Obras Sociais Agostinianas [uma creche, dois CCA’s, um CEI e um CEDESP] (janeiro de 2020 até o presente momento).

educação mais humanizada, define-se, assim, a questão central dessa pesquisa: como o projeto de tutoria escolar articula-se com a metodologia agostiniana?

Objetiva-se a produção de uma dissertação crítica e analítica sobre a tutoria desenvolvida nos colégios agostinianos, em particular o CSA - SP, considerando o pensamento educativo do Bispo de Hipona e, conseqüentemente, a metodologia pedagógica agostiniana desenvolvida pelos frades da OSA, buscando compreender como esses elementos articulam-se com as práticas tutoriais tornando-as mais humanizadoras.

Desse modo, para alcançar o objetivo proposto, em seu início, investigaremos a condição humana e a contribuição da educação para o desenvolvimento integral do ser humano e da educação cristã como mais um caminho possível para a humanização. Em seguida, pretende-se apresentar a herança do pensamento de Santo Agostinho voltado para a Educação, seu desenvolvimento por meio de uma metodologia própria e o estilo do colégio agostiniano assumido pela Ordem de Santo Agostinho pelo mundo e, principalmente, no Brasil. Por fim, será investigada a proposta do projeto de tutoria, alguns aspectos assumidos no estilo agostiniano e o seu impacto segundo o olhar de alguns membros da comunidade escolar.

Diante dos diversos colégios mantidos pelos(as) religiosos(as) com Carisma Agostiniano, fizemos a opção de tomar o Colégio Santo Agostinho –SP como objeto de estudo, pois este participa ativamente, aqui no Brasil, da comissão para Educação da FABRA<sup>5</sup> e está alinhado com as suas diretrizes.

Tendo em vista que, atualmente, no Brasil, existem aproximadamente vinte colégios e obras educativas de cunho filantrópico dirigidos por Ordens e Congregações de espiritualidade agostiniana, o presente estudo se faz relevante, pois, até o momento se desconhece, em nosso país, uma pesquisa que trate diretamente da pedagogia agostiniana no currículo escolar.

Atuando em parceria com a equipe pedagógica por mais de dois anos, foi possível acompanhar a constante preocupação desses profissionais do Colégio Santo Agostinho em manter a Proposta Educativa atualizada, pois como nos diz Antunes (2014, p.23-24):

É essencial educar para o global, sem perder de vista o ambiente local.  
É imprescindível superar a tensão de preparar os alunos para conceitos e vivências planetárias, mas não é menos importante que aprendam e não percam suas raízes e possam, assim, participar da vida do seu país

---

<sup>5</sup> A FABRA é uma associação de religiosas (os) de diversas Ordens e Congregações que vivem o Carisma Agostiniano com diversas comissões de colaboração mútua, a saber: Espiritualidade e Vida Consagrada, Formação, Educação entre outras.

e de suas bases comunitárias.

É a partir desse pressuposto que queremos ampliar nossa discussão acerca do tema. Sabemos que não é uma tarefa fácil, e que em muitos momentos a teoria poderá estar dissociada da prática cotidiana, porém, faz-se necessário refletir sobre o assunto, pois nos encontramos em um momento de mudanças significativas dentro da educação brasileira e precisamos entender que:

a mobilidade das transformações impõe soluções a curto e também a longo prazo, com o domínio dualista do efêmero e do permanente se traduzindo em inevitável tensão entre pensamentos sistêmicos, sem que se abandonem estímulos e descobertas pessoais. (ANTUNES, 2014, p.24)

### **Metodologia da pesquisa**

Tendo em vista o tema que nos propomos a dissertar e visando a alcançar o seu objetivo, apresentaremos, inicialmente a metodologia de pesquisa escolhida, para que, assim, ao longo do trabalho se possa ter clareza dos caminhos trilhados para a argumentação de nossa ideia.

### **Pesquisa Qualitativa**

Dentro do campo da pesquisa educacional, temos duas grandes linhas de abordagem: quantitativa e qualitativa. A partir do tema proposto, viu-se que a abordagem mais conveniente seria a qualitativa pois ela “organiza-se em torno de um quadro de referências, quadro este decorrente de posturas, crenças, valores que se configuram sob a forma de concepção de mundo, de vida, de conhecimento” (FRANCO, 2003, p.193).

Assim, a pesquisa bibliográfica presta-se a tratar da formação do ser humano e das contribuições de Santo Agostinho para a educação (capítulos 1 e 2), já a pesquisa documental, em conjunto com a pesquisa bibliográfica, volta-se ao programa de tutoria (capítulo 3).

### **Local de estudo**

Para compreender como ocorre o processo da educação humanizadora, a partir do programa de tutoria adotado pelos colégios de estilo agostiniano, esta pesquisa realizará

um estudo em conformidade com a experiência do CSA-SP.

A opção em definir uma instituição em concreto está baseada na literatura de Lüdke e André (2018), que apresenta todo um itinerário de características fundamentais fornecendo bases para o desenvolvimento da escrita desta dissertação, principalmente ao tratar do último capítulo. Assim, no próximo passo serão apresentados os procedimentos e instrumentos utilizados para a coleta de dados.

### **Procedimentos para a coleta de dados**

A abordagem qualitativa oferece um enorme leque de possibilidades investigativas. Diante dessa variedade, foram escolhidos dois procedimentos para a coleta de dados: a pesquisa bibliográfica e a análise documental. Com essas opções metodológicas, acredita-se que este estudo encontrará elementos significativos e relevantes ajudando, assim, a responder à problemática.

### **Pesquisa bibliográfica**

O primeiro procedimento escolhido foi a pesquisa bibliográfica, pois,

é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos e teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2017, p.220).

É importante destacar que, a partir do levantamento bibliográfico realizado inicialmente, percebeu-se a grande preocupação da educação com a formação do ser humano, traduzida nas inúmeras obras consultadas e citadas no percurso realizado.

Em contrapartida, diferente de outras áreas como filosofia, teologia, direito, música, entre outras, detectou-se, aqui no Brasil, poucas referências de dissertações, teses e livros que falam das contribuições de Santo Agostinho para a educação, o que nos levou a recorrer às diversas obras em língua espanhola que apresentam o pensamento desse grande teórico da cultura ocidental.

## **Pesquisa documental**

A opção pela pesquisa documental está fundamentada em que

os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Representam uma fonte natural de informação. Não apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (LÜDKE E ANDRÉ, 2018, p.45).

Ao entender a importância dos documentos institucionais e como eles podem ajudar a entender as ações e seus contextos, o segundo passo e talvez o mais difícil foi selecionar quais documentos seriam relevantes e contribuiriam para o andamento da pesquisa.

A partir disso, à medida que o trabalho avançava com a apropriação da literatura, entendeu-se que “a escolha dos documentos não é aleatória. Há, geralmente, alguns propósitos, ideias ou hipóteses guiando a sua seleção” (LÜDKE E ANDRÉ, 2018, p.47). Assim, os documentos selecionados visam entender os propósitos institucionais para a educação humanizada a partir do programa de tutoria.

Com isso, entende-se que:

embora pouco explorada não só na área da educação como em outras áreas de ação social, a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. (LÜDKE E ANDRÉ, 2018, p. 44-45).

Portanto, pretende-se que, com os resultados obtidos pela pesquisa documental, seja possível validar os nossos referenciais teóricos e apresentar novos aspectos ainda não percebidos acerca do tema.

## **CAPÍTULO 1**

### **A EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: A CONSTRUÇÃO DO HUMANO NA EDUCAÇÃO**

O ser humano está em constante construção. Desde que nascemos até o último suspiro, estamos em constante mudança. Mudamos porque frequentemente recebemos influências externas: nosso meio familiar, comunidade local, escolas, igrejas, amigos etc. Em cada ambiente que frequentamos, estamos expostos a modelos de seres humanos que impactam diretamente na construção do nosso “eu”.

Desse modo, podemos nos questionar: qual a contribuição da educação na construção do ser humano? Visando compreender como a educação colabora para o desenvolvimento integral do ser humano, inicialmente vamos investigar como nos tornamos humanos, em seguida, analisaremos como a educação e, em especial, o currículo contribui para esse desenvolvimento e, por fim, apresentaremos a educação cristã como um caminho de educação humanizadora.

#### **1.1 A condição humana**

Nascemos plenamente humanos ou nos tornamos humanos? À primeira vista esse questionamento pode parecer simples. Mas, se acharmos que já nascemos humanos, essa afirmação nos levaria a pensar que, sem nenhuma intervenção externa, desenvolveremos todas as capacidades necessárias do ser humano. Ao contrário, se admitirmos que nos tornarmos humanos, isso significa dizer que, ao longo de nossa vida, a partir do meio em que convivemos, vamos nos apropriando de certas atitudes que nos definirão como humanos e nos distinguirão dos demais animais.

Para melhor ilustrar esse pensamento, tomemos um exemplo concreto que ocorreu no norte da Índia, em 1920, quando duas crianças hindus Amala e Kamala foram “resgatadas” de uma família de lobos por um missionário anglicano e postas no orfanato. Conforme o relato de Malson ( *apud* ANDRADE *et al.*, 2007), quando as meninas foram transferidas para o orfanato, elas tinham comportamentos semelhantes aos dos lobos: andavam de quatro pés, não sabiam falar, caçavam as galinhas do local, comiam carne crua, lambiam os líquidos e, à noite, às vezes, aninhavam-se nos cantos do quarto e até uivavam. Elas não tinham apreço por contato humano, não demonstravam emoções

humanas e sempre tentavam fugir do local.

Amala, a mais nova, no ano seguinte, faleceu provocando o primeiro choro de Kamala que ainda conseguiu sobreviver por mais oito anos. Nesse período, aos poucos, Kamala mudou seus hábitos alimentares, realizou alguns gestos e teve avanços significativos na sua motricidade, de maneira que chegou a ficar sob os dois pés e, até o final de sua vida, conseguia falar cerca de cinquenta palavras e reconhecer as pessoas mais próximas pelos nomes.

Diante desse breve relato, voltamos a nos questionar: nascemos humanos ou nos tornamos humanos? Vejamos, enquanto as duas meninas estavam com os lobos, elas se comportavam como lobos, mesmo não sendo lobos. A partir do momento em que elas começam a ter contato com os humanos, paulatinamente, elas adquiriram diversos aspectos comportamentais humanos por meio do convívio social e da educação, mesmo que até o fim de suas vidas não conseguissem se comportar plenamente como tais.

Com isso, podemos inferir que não nascemos plenamente humanos, mas que somos humanos em potência, como afirmou a professora Branca Jurema Ponce, no II Congresso de Educadores Agostinianos sobre educação e humanização:

Tornar-se humano não é, portanto, um processo natural. O homem nasce duas vezes: um nascimento é biológico, que sem dúvida já lhe confere a humanidade na medida que nasce de um homem e de uma mulher; mas isso não basta para sentir-se plenamente humano. É preciso que lhe sejam oferecidas diversas oportunidades de um segundo nascimento que lhe possibilitará a busca, junto aos seus semelhantes, da completude de seu processo de humanização. (PONCE, 1999, p.56).

Com isso, fica claro o entendimento desta pesquisa: tornar-se humano é um processo. Um processo não tão simples. Um processo custoso que necessita de vários agentes internos e externos. O tema da humanização, por ser tão importante, pode ser abordado por diversos ângulos da ciência, porém, agora, queremos nos deter no papel da educação para o desenvolvimento do ser humano.

## **1.2 A contribuição da educação para o desenvolvimento integral do ser humano**

Com muita facilidade pode-se reduzir o papel da educação a apenas ao desenvolvimento intelectual do ser humano. Sabe-se que os casos menos exitosos de aprendizagem não estão relacionados exclusivamente a uma falta de capacidade intelectual, mas outros campos da vida do ser humano interferem diretamente para que os

alunos alcancem um nível satisfatório de aprendizagem dos conteúdos ensinados.

Um passo concreto para superar esse tipo de pensamento é inserir a complexidade do ser humano partindo da própria maneira como organizamos nosso currículo escolar.

O ser humano é, a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural e histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio de disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. (MORIN, 2011, p.16).

Sabe-se que, atualmente, mesmo diante de diversos esforços realizados por muitas instituições que investem em projetos interdisciplinares, ainda estamos muito distantes do ideal, pois é notório o quanto organizamos nossos currículos a partir da lógica do método cartesiano. Por isso,

Com base nas disciplinas atuais, reconhecer a unidade e a complexidade humanas, reunindo e organizando conhecimentos dispersos pela ciência da natureza, nas ciências humanas, na literatura e na filosofia, põe em evidência o elo indissolúvel entre a unidade e diversidade de tudo que é humano. (MORIN, 2011, p.16).

Nesse aspecto, quanto mais os espaços educativos organizarem seus conhecimentos de forma que façam sentido com a vida, mais seremos eficazes na construção de uma educação humanizada. Esse reconhecimento é um passo importante para potencializar o ser. Como visto anteriormente, não é possível ser humano sem o outro, sem conhecer sua história ou até entender como funciona o seu próprio corpo. Nesse processo de humanização na educação, a convivência com os demais é essencial pois,

os seres humanos se humanizam na medida em que se integram, conscientemente, em seu contexto, necessitando, para isto, desenvolver a capacidade e a coragem de refletir sobre a realidade circunjacente e sobre a sua situação e/ou postura dentro e diante da mesma. (HENZ, 2007, p.154).

Ao entrarmos em contato com o outro, automaticamente somos tocados. Tocados pelos seus ensinamentos, tocados pelas suas lutas e história. Não é possível sairmos ilesos. Esse toque volta-se para nós e nos interpela. Esse retorno que ecoa no mais íntimo de nós é o desabrochar da nossa humanidade:

Homens e mulheres irão descobrindo que são ontologicamente seres de esperança; e assumem a aventura e o risco histórico de re-humanizarem o mundo no qual eles (as) próprios (as) estão sendo desumanizados,

para se reencontrarem e reconquistarem humanamente, não como objetos, mas como sujeitos que tomam na mão os rumos da história e da própria existência. (HENZ, 2007, p.155).

Somos seres de esperança. Esperamos mudanças, evolução, novidade, vida em abundância. Corre-se atrás da felicidade, atualmente, mais do que nunca, mas esquecemos que, para a alcançarmos, antes, precisamos ser verdadeiramente humanos e, com isso, a educação tem um papel muito importante a desenvolver, como enfatiza Edgar Morin (2011, p.54),

Por isso, a educação deveria mostrar e ilustrar o Destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações da Educação do futuro serão exame e o estudo da complexidade humana.

Assim, se queremos responder ao chamado da vocação para a educação do futuro, de maneira compromissada com o desenvolvimento integral do outro, urge a necessidade de salientarmos em nossos currículos esses aspectos integrativos tão importantes para a compreensão de quem somos e do que temos possibilidade de ser.

### **1.3 O Currículo humanizador e suas possibilidades**

Pensar currículo é um desafio que perpassa todas as épocas da educação. As concepções de currículo mudaram com os tempos. Hoje, dificilmente concebe-se que currículo seja apenas uma “grade” de disciplinas que o aluno deve aprender. Currículo requer movimento, leitura da sociedade, das pessoas e seus contextos, porém, sempre precisamos ter em mente que currículo é feito “com” e “por” um conjunto de pessoas que visam transformar pessoas e, com isso, a sociedade e, conseqüentemente, o mundo. Por isso, a ideia de currículo que trazemos para este trabalho está alicerçado em Sacristán; Gómez (1998, p.125):

O termo currículo provém da palavra latina *currere*, que se refere à carreira, a um percurso a ser realizado e, por derivação, a sua representação ou apresentação. A escolaridade é um percurso para os alunos/as, e o currículo é seu recheio, o seu conteúdo, o guia do seu progresso pela escolaridade. [...] Aparece como problema a ser resolvido por necessidades organizativas, de gestão e de controle do sistema educativo, ao se necessitar uma ordem e uma sequência na escolarização. Um sistema escolar complexo, frequentado por muitos alunos/as, deve organizar-se servindo a interesses sociais com conseqüências tão decisivas, tende ser controlado inevitavelmente. Implica, pois, a ideia de regular a distribuição do conhecimento. [...] É óbvio, que tem certa capacidade reguladora da prática, desempenhando

o papel de uma espécie de partitura interpretável, flexível, mas de qualquer forma determinante da ação educativa.

Essa tarefa não é fácil. E, a cada dia, torna-se mais desafiadora a missão de construir um percurso que olhe o ser humano na sua globalidade, principalmente se nos depararmos com um contexto em que a Educação se tornou meramente um produto a ser consumido, um mercado. Seja na rede pública, na busca desenfreada das escolas por “melhores resultados” para que sejam premiadas financeiramente, ou na rede privada em que se buscam os famosos e tão sonhados *rankings* de melhores escolas, os quais garantem o ingresso nas renomadas universidades do País.

Com isso, não queremos dizer que toda essa prática é perversa só pelo fato de, muitas vezes, esses profissionais estarem interessados na recompensa financeira, pelo contrário, acredita-se que todo o esforço deve ser, sim, recompensado e esse é apenas um aspecto. No fundo, o que se está em jogo é como “eu” olho esse meu aluno, que é um ser complexo com qualidades e limitações, com dúvidas, anseios, entre tantos outros aspectos que compõem esse humano: Com que olhar, eu enxergo meu aluno?

Entende-se que na base da construção de todo currículo temos que ter em vista o humano. Por mais que, atualmente, exista uma tendência por currículos tecnológicos, se essa tecnologia não servir para desenvolvermos seres humanos melhores, que almejam um mundo diferente e mais justo, talvez estejamos pelo caminho equivocado.

### 1.3.1 O ser humano: centro e foco do currículo escolar

#### 1.3.1.1 Currículo e o ser humano

Nos dias atuais, tonar-se urgente falar de um currículo humanizador. Quando abrimos os jornais, ligamos a televisão ou até mesmo nas redes sociais percebemos, facilmente, como dentro da nossa sociedade nos comportamos em relação a nós mesmos, aos outros e ao mundo. Gradativamente, estamos nos afastando do contato com o outro. A dor do outro, muitas vezes, já não nos afeta. Os acontecimentos ao nosso redor dificilmente nos incomodam. A constante violência contra a natureza pouco nos diz.

Ao pensarmos em currículo, sempre precisamos ressaltar que “o currículo está construído para ter (e tem efeitos) sobre as pessoas [...] e que diferentes currículos produzem diferentes pessoas” (GOODSON, 2018, p.10). Com isso, deveríamos nos perguntar que tipo de pessoas estamos querendo educar. Num primeiro momento pode

parecer até uma pergunta óbvia, mas, ao olharmos para a nossa realidade, verificamos que esse questionamento se torna bastante pertinente.

Diante desse cenário, a escola tem uma importante tarefa: ajudar a sociedade a reencontrar a sua humanidade. Edgar Morin, no seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, afirma, no capítulo III, que a escola precisa começar a ensinar a *condição humana*. Não é uma tarefa fácil, porém, se faz urgente, pois “o humano continua esquartejado, partido os pedaços de um quebra-cabeça no qual falta uma peça” (MORIN, 2011, p.43). Se o homem moderno se encontra diante dessa situação crítica, a escola, por meio de um currículo humanizador, pode colaborar para a transformação do ser humano e conseqüentemente da sociedade.

Uma educação que coloca o ser humano no centro de sua prática curricular está realizando uma tarefa muito importante de conscientização pessoal, pois, conforme afirma MORIN (2011, p.46), “a hominização conduz ao novo início. O hominídeo humaniza-se. Doravante, conceito de homem tem duplo princípio; um princípio biofísico e um psicossociocultural, um remetendo ao outro”, de modo que, ao olhar para si mesmo e compreender-se na sua complexidade, esse indivíduo é capaz de transcender a sua realidade.

#### 1.3.1.2 Currículo, sociedade e cultura

O currículo tem um poder determinante na sociedade, pois a “educação e currículo são vistos como profundamente envolvidos com o processo social” (MOREIRA, 2000, p.26), logo, ele ‘desenha’ que tipo de indivíduos se pretende para aquela sociedade. Por isso, a professora Mere Abramowicz afirma que currículo “é visto como uma arena, um campo de lutas que refletem as contradições” (2006, p.3), pelo fato de que “a classe dominante transmitiria suas ideias sobre o mundo social, garantindo assim a reprodução da estrutura social existente” (MOREIRA, 2000, p.21), de maneira que sempre são os que estão no poder, ou até mesmo as culturas “superiores” são as que determinam que tipos de saberes são importantes a serem ensinados à população.

Se queremos oferecer um currículo humanizador, um passo importante a ser dado é trazermos para dentro dele os principais anseios que circundam essa comunidade escolar, pois, conforme o pensamento de N. FILHO (1981, p. 111):

os problemas que mais afligem a comunidade são transformados em temas, em torno dos quais o currículo encontra uma configuração

polêmica e estimulante. As disciplinas perdem a sua estrutura clássica e cedem seus conteúdos para contribuição aos temas de maior significado junto as principais questões da comunidade regional. Nesse enfoque, as sequências lineares que constituem a estrutura interna das disciplinas podem ser rearticuladas em experiências interdisciplinares em torno de temas relevantes. Não existe, a rigor, uma obediência restrita a racionalidade e rigidez da organização curricular acadêmica e clássica.

Como percebemos, consiste uma prática curricular que exige, dos que estão à frente da escola, muita abertura, ousadia e seriedade pelo fato de visar justamente a reconstrução social na qual esse indivíduo exerce um papel singular.

Disso decorre que, para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo; dos conhecimentos derivados das ciências humanas, bem como para integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente da filosofia e da história, mas também da literatura, da poesia, das artes. (MORIN, 2011, p. 44).

A ideia apresentada pelo autor pode iluminar os primeiros passos da nossa prática para um currículo mais humanizador. Sabemos bem que, na realidade, principalmente nos últimos anos, as disciplinas voltadas à compreensão do humano estão cada vez menos valorizadas, pois são tidas como menos importantes. Todos que se encontram na linha de frente da educação precisam possibilitar espaços de conversas para que essa área do conhecimento realize o seu objetivo de compreender o ser humano em toda a sua complexidade.

### 1.3.1.3 Currículo humanizador: humanizar para emancipar

Quando o indivíduo se reconhece como um ser humano que vive numa sociedade, dentro de um contexto cultural específico e dotado de qualidades e limitações, ele é capaz de transformar a si mesmo e a sua realidade.

Dentro da história do nosso país, temos o grande educador professor Paulo Freire. Ele conseguiu enxergar o importante papel da educação na vida das pessoas. Ele, como ninguém, realizou uma leitura sobre a ideologia dos mais ricos sobre os mais pobres. Paulo Freire compreendeu, com sua experiência no contexto escolar e convivendo com todos, desde os mais simples aos mais instruídos, a necessidade de libertar-se dessa imposição curricular determinada pela classe dominante, que quase sempre impossibilita o ser humano de transcender a sua realidade social.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, o professor Paulo Freire nos convida a refletir sobre a necessidade de pensarmos na educação que estamos oferecendo a nossos alunos e como será o impacto na vida de cada um deles. Por isso, ele entende que é preciso nos humanizarmos para que assim possamos crescer e nos transformar.

Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de *ser mais*. A reflexão e a ação se impõem quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica do ser homem. (FREIRE, 2019, p. 72).

Esse reconhecer-se homem (ser humano), ao primeiro olhar, pode parecer algo simples e até mesmo inato. É importante termos claro que, dependendo do contexto em que cada pessoa se encontra, existem muitos mecanismos sociais que nos desviam, negam ou anulam nossa humanidade. A escola tem, nas suas mãos, a missão de fazer com que cada indivíduo entenda o seu processo histórico e, com isso, possa assumir com responsabilidade a sua própria história.

A intersubjetividade em que as consciências se enfrentam dialetizam-se, promovem-se, e a tessitura última do processo histórico de humanização está nas origens da “hominização” e anuncia as exigências últimas da humanização. Reencontrar-se com o sujeito, é liberar-se, é todo o sentido do compromisso histórico. Já a antropologia sugere a “práxis”, se humana e humanizadora, é a “prática da liberdade.” (FREIRE, 2019, 23).

Como vimos, Paulo Freire compreende que quando o indivíduo, naturalmente, perpassa uma experiência humanizadora, ele está pronto para exercer a sua liberdade, em outras palavras, é um ser emancipado, capaz de tomar suas próprias decisões com responsabilidade e lutar pelos seus direitos e dos demais. Nesse momento, é necessário entendermos que

o sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. (FREIRE, 2019, p.137).

Com isso, queremos demonstrar que, no currículo humanizador, diferente de outros currículos, os resultados são mais lentos, nem sempre são percebidos facilmente, porque existem contextos que se encontram em situações tão dramáticas que as mudanças só poderão ser realizadas a partir de um trabalho conjunto entre escola, comunidade local e governo. Só assim um indivíduo humanizado pode emancipar-se.

#### 1.3.1.4 Currículo humanizador na realidade

Agora, é preciso discorrer como podemos colocar na prática o currículo humanizador. Um primeiro passo é refletirmos sobre a nossa prática escolar. Com o tempo, como tudo na vida, sempre que realizamos uma mesma tarefa, acabamos nos acostumando até o ponto de fazê-la automaticamente. Com a educação não é tão diferente. Se entendemos os alunos como depósitos de conhecimentos, temos uma grande chance de estarmos no piloto automático. Por isso, é importante incorporarmos na nossa prática pedagógica o processo reflexivo.

O processo reflexivo constitui-se em um momento contínuo indagar sobre o homem e o mundo para melhor entendê-los criticamente. Ao problematizar a realidade, envolvemo-nos com ela, responsabilmente repensando nossa prática pedagógica, utilizando metodologicamente, alguns procedimentos. (ABRAMOWIZ, 2002, p.138).

Dessa maneira, refletindo nossa prática, indagando sobre a singularidade dos nossos alunos e dos fatos que permeiam o cotidiano do qual eles estão inseridos, podemos ajudá-los, por meio de atividades pedagógicas, a lerem a sua própria realidade e a transformá-la.

Quando, em um projeto de currículo, o ser humano está no centro, e toda a comunidade escolar já se encontra imbuída dessa prática, podemos encontrar relatos significativos como o de Domingues:

Fazer currículo começou a desvelar-se para mim mais como um empreendimento humanístico, uma situacionalidade educador-educador, dialógica e problematizadora, mediatizada pela proposta cultural de uma sociedade que também é temporal e tem um ritmo histórico, de como um conjunto de problemas técnicos a ser resolvido dentro de um esquema teórico que se pretende impor de fora para dentro. (DOMINGUES, 1988, p.20).

Entendemos que pensar currículo sempre será um dos grandes desafios da educação, pois ele pode (deve) ser comparado à função do oxigênio nos seres humanos: é fundamental para que haja a vida. Assim como para o ar que respiramos não nos serve qualquer tipo de ar: precisa ser limpo para que, ao entrar no nosso organismo, ele possa realizar sua função vitalizadora no nosso corpo.

O presente texto tentou discorrer sobre essa ideia. O currículo precisa tocar as vidas, porém, não de qualquer forma ou maneira, mas sim olhando para cada indivíduo no seu próprio contexto. Como sabemos, o currículo sempre foi um campo de lutas ideológicas que estão intimamente interligadas ao momento histórico-político de cada

sociedade.

Por estar interligado a um momento concreto, é preciso compreender o currículo como um processo nem sempre contínuo e com diversas rupturas que, em tempos e tempos, variam em suas prioridades de valores, habilidades e conhecimentos. Esses elementos entendidos e priorizados pela sociedade constroem os currículos e estruturam a própria sociedade, pois ela mesma é fruto dessa diversidade. Como afirma o professor SILVA (2018), na apresentação do livro *Currículo: teoria e história*: “Diferentes currículos produzem diferentes pessoas, mas naturalmente essas diferenças não são meras diferenças individuais, mas diferenças sociais, ligadas a raças e gêneros”.

Dado o exposto, é importante a compreensão sobre os conflitos curriculares por meio de estudos sérios e aprofundados, já que entendemos a sua importância não apenas no âmbito escolar, mas, principalmente, no impacto dentro de nossa sociedade.

E é justamente *impacto* que o currículo humanizador quer causar ao nosso entorno. Ao enfatizarmos a necessidade de termos como base um currículo humanizador, queremos deixar claro que, se não conseguirmos desenvolver o ser humano em toda a sua potencialidade, por mais que ofereçamos currículos tecnológicos, tecnicistas, dentre outros, o indivíduo pouco saberá utilizar desses conhecimentos para o seu crescimento pessoal e social.

Dessa forma, dentro da esfera educacional é preciso pensar em uma formação voltada à empatia, em indivíduos que se reconheçam como homens e mulheres dotados de direitos e deveres, sentimentos, emoções, qualidades e defeitos, capazes de transcender e transformar a sua realidade. Acreditamos que temos uma tarefa longa pela frente, difícil, mas não impossível.

#### **1.4 A educação cristã: mais uma possibilidade para a educação humanizadora**

Dentro desse processo de humanização na educação, o cristianismo e, aqui, em especial a Igreja Católica, ofereceu ao longo da história ocidental diversas contribuições. Ao realizarmos o estudo e entendermos todo o processo histórico entre o cristianismo e a educação, compreendemos melhor o motivo pelo qual até hoje a educação cristã tem sua relevância na sociedade.

Como é de se notar, o cristianismo tem uma forte preocupação com o tema relacionado à educação: não foi uma mera contribuição que ficou no passado, mas ainda

ecoa na atualidade. Todavia, embora o Estado brasileiro seja laico, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ainda garante o direito de atuação das escolas privadas confessionais, dentre outras, como podemos ver no inciso III do 20º Artigo:

Art. 20. As instituições privadas de ensino se enquadrarão nas seguintes categorias: III - confessionais, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas e ao disposto no inciso anterior. (BRASIL, 1996).

A constante atuação das escolas confessionais cristãs, ainda hoje, demonstra que o cristianismo está longe de afastar-se da sua missão e postura em relação à educação. Borges (2002, p. 176) aponta a educação cristã como “toda e qualquer prática educativa que considera o ser humano do ponto de vista do Evangelho”, com isso, queremos salientar que, com essa visão, a educação cristã tende a olhar o indivíduo de um modo muito particular:

Em termos gerais, a educação cristã não rejeita os alvos comumente defendidos pela perspectiva secular sobre educação. Ela aceita aqueles valores que refletem a nobreza da atividade educacional e acrescenta a eles uma perspectiva mais holística do ser humano e do universo ao seu redor, pois busca interpretá-los à luz dos princípios do Criador, revelados nas Escrituras Sagradas. Neste sentido, a educação cristã parece combinar com as dimensões descritivas da educação secular e com as dimensões normativas fundamentais a uma cosmovisão cristã. O caráter distinto da educação cristã é que, em seu espectro, ela se compromete com a realização dos objetivos educacionais por meio de um currículo que integra as variadas áreas do conhecimento com a epistemologia bíblica e dispensa uma atenção integral ao ser humano sempre partindo de uma cosmovisão bíblica. (SANTOS, 2008, p. 158).

É perceptível que a proposta da educação cristã compreende a escola como um prolongamento da vida familiar e, assim, a participação da família é mais que necessária para o bom êxito da escola (BORGES, 2002).

Diante de tudo que foi explanado até o momento, é preciso realizarmos uma distinção entre “Educação Cristã” e “Educação Religiosa”: a primeira está relacionada aos princípios bíblicos ou ao cristianismo; já a segunda está intimamente ligada a um “sistema religioso” que aborda os ensinamentos de qualquer religião (Santos, 2008). A partir dessa diferenciação, queremos dizer que a escola confessional católica de hoje, no Brasil, por meio da ANEC tem por finalidade:

atuar em favor de uma educação de excelência, assim como promover uma educação cristã evangélico-libertadora, entendida como aquela que visa à formação integral da pessoa humana, sujeito e agente de

construção de uma sociedade justa, fraterna, solidária e pacífica, segundo o Evangelho e o ensinamento social da Igreja. Além disso, proclamar a liberdade de ensino consagrada na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Constituição da República Federativa do Brasil e nos ensinamentos do magistério eclesial. Defender a liberdade de escolha das famílias ao tipo de educação que desejam para os filhos, segundo seus princípios morais, religiosos e pedagógicos. (ANEC,2019).

Percebemos que a atuação das escolas confessionais católicas busca, continuamente, o desenvolvimento global do ser humano. Encontramos nas políticas educacionais do Brasil alguns elementos que podem legitimar a atuação dos nossos centros educativos.

Dentro do contexto da Educação brasileira temos o PNE, que tem como objetivo “oferecer uma educação com mais qualidade para toda a população brasileira” por meio do documento que “apresenta um conjunto de metas e estratégias que contemplam todos os níveis, modalidades e etapas educacionais”. (Meta 6, OBSERVATÓRIO, 2019).

Diante dessa reflexão, precisamos entender que o tempo em que o aluno se encontra na escola deve oportunizar mais momentos de aprendizagem nos mais diversos aspectos que compõem a sua vida social, sempre alinhados ao projeto político-pedagógico da escola.

O grande aporte da educação cristã, para a escola de hoje, é mostrar o ser humano a partir de uma perspectiva integral, em que o relacionamento com Deus é parte da necessidade de transcender, portanto, o homem, embora sem menosprezar a importância do conhecimento, cultura, de desenvolver valores e uma postura crítica, possui desenvolvimento incompleto sem a fé em Deus. Com isso, a verdadeira educação cristã não pretende ignorar as descobertas e investigações científicas, antes, visa realizar ligações entre essas descobertas e a doutrina cristã. Conclui-se que o ser humano necessita do outro para desenvolver-se na sociedade, e a educação possui um papel fundamental para que cada aluno tenha a possibilidade de construir-se. Mas, para isso, é mister que o currículo escolar contemple elementos humanizadores, como foi possível constatar com o cristianismo que, até os dias de hoje, continua sugerindo propostas concretas para que a educação possa ser esse instrumento de desenvolvimento integral do ser humano.

É com esse contexto que será apresentada a figura de Agostinho de Hipona, cristão, estudante apaixonado pela sabedoria, mestre entusiasmado em ensinar. Seu pensamento educacional e a metodologia agostiniana desenvolvida pelos frades da OSA,

nos farão retomar nossas reflexões sobre a tutoria adotada nos colégios de estilo agostiniano e sua contribuição humanizadora.

## CAPÍTULO 2

### AGOSTINHO E SEU LEGADO EDUCACIONAL

*Aurelius Augustinus Hipponensis*, conhecido como Agostinho de Hipona ou, no universo cristão- católico, como Santo Agostinho, sem dúvida, é um dos personagens mais intrigantes da nossa história ocidental. Nascido em 363, em Tagaste<sup>6</sup>, norte da África, sua vida, principalmente seus escritos e seus pensamentos, até hoje, são reconhecidos e difundidos no mundo acadêmico, nas mais diversas áreas de conhecimento.

Para entendermos as contribuições de Santo Agostinho no campo educacional, apresentaremos, brevemente, o contexto histórico em que ele se encontrava, para depois tratarmos de sua relação pessoal com a educação (ora como educando, ora como educador), sua contribuição para a educação por meio de seus principais escritos e, posteriormente, a tradição assumida pelos seus seguidores, os membros da Ordem de Santo Agostinho – OSA e como vem sendo elaborado o estilo da escola agostiniana.

#### 2.1 Contexto histórico de Santo Agostinho

A educação dos cidadãos ao longo da história, com as suas nuances, sempre foi uma preocupação da sociedade. A figura de Agostinho surge no séc. IV, na transição da Antiguidade para a Idade Média, marcada historicamente pela crise do Império Romano e, conseqüentemente, pela decadência do poder do Estado. Em paralelo, a Igreja, que estava se difundindo geograficamente, não apenas com seu poder espiritual, aos poucos, começa a influenciar diversos setores da sociedade, inclusive a educação.

Nunes (1979, p.102), em seu livro *História da Educação na Idade Média*, sobre esse período histórico relata que

essa época, todavia, era de transição e de mudança, pois os estabelecimentos escolares mais importantes ou eficientes eram cada vez mais raros e, à medida que as instituições oficiais desapareciam, estavam a surgir, entre o fim do século IV e o começo do século V, as escolas paroquiais, sob administração exclusivamente eclesiástica.

É nesse contexto que surge Agostinho: norte africano e cidadão romano. Filho de pai pagão e mãe cristã fervorosa. Cresce num mundo em transformação, por isso, em

---

<sup>6</sup> Atualmente a moderna Souk Ahras, na Argélia.

alguns momentos de sua vida, sente-se confuso e sem esperança. Na sua personalidade, há traços de inquietude, ousadia, ambição, mas sempre sincero consigo mesmo e os demais. Um aspecto interessante e que lhe vai perseguir durante uma boa parte de sua vida é a sua constante busca da Verdade e o faz em diversos lugares: filosofias, seitas, pessoas, mas, em certo momento, percebe que essa Verdade é Cristo, que não se encontra fora, mas dentro dele mesmo. Com essa descoberta que muda totalmente sua vida, ele torna-se cristão, em seguida, junto com seus amigos, funda o primeiro monastério, depois é escolhido para ser sacerdote e, por fim, é aclamado bispo.

Assim, após esse brevíssimo relato da história que formou esse grande homem, vamos nos ater à sua ligação com a educação e suas contribuições ao longo da sua trajetória de vida.

## 2.2 Agostinho educando e educador

### 2.2.1 Agostinho: um educando inquieto.

Agostinho, conforme ele mesmo relata em seu livro *Confissões*, sempre foi um estudante inquieto. Talvez, a inquietude hoje possa ser entendida de forma negativa: aquele que não para quieto, sem concentração ou sem foco nas suas atividades. Dentro da concepção agostiniana, o olhar é outro. Ser inquieto é sentir-se inacabado. É entender que sempre é possível desenvolver-se um pouco mais. É nunca se cansar em buscar o novo, como o próprio Agostinho nos diz em seu Sermão 169,15,18:

[...] se já nos contentamos com o que somos, deixaremos de avançar. Continuemos a caminhar, sempre avante, para a nossa meta. Não paremos no meio do caminho, nem voltemos para trás e abandonemos a rota. Quem para não avança. Quem fica remoendo o passado volta os ombros para a meta. Quem se desvia perde a esperança de chegar.

Durante toda a vida, a inquietude acompanhou Agostinho e, provavelmente, por esse motivo, ele foi um estudante que se destacou em sua trajetória acadêmica. Os pais de Agostinho não tinham condições financeiras de arcar com os custos de todo os seus estudos, por isso, Romaniano, amigo de seu pai, vendo o quão brilhante ele era, acabou custeando uma boa parte de sua vida escolar:

No império romano da época tardia, a escola, em três níveis, se articula em torno da figura do mestre: *litterator* (primeiras letras), *gramaticus* (latim) e *rethoricus* (humanidades, sobretudo, jurisprudência e oratória). Agostinho cursou estes três níveis em Tagaste, seu povoado

natal (6-13 anos), Madaura (13-16 anos) e em Cartago (17-20 anos) graças a um mecenas, Romaniano (MARCOS, 1993, p.19)<sup>7</sup>.

É importante salientar que, durante todo esse percurso, Agostinho teve contato com as obras de Cícero o que lhe proporcionou um modelo de autoeducação, desde a sua tenra juventude, e a partir delas extraiu diversos valores humanos que buscou vivenciar e aplicar durante toda a sua vida. (FINCIAS, 2006).

### 2.2.2 Agostinho um mestre apaixonado.

Após terminado seus estudos acadêmicos, Agostinho tem o anseio de algo mais. Todo o conhecimento adquirido na sua trajetória precisa ser transmitido, por isso, aos vinte e três anos de idade, em sua própria cidade natal, Tagaste, ele começa sua experiência docente ensinando gramática, onde fica cerca de um ano. Logo em seguida, ele assume, em Cartago, a cátedra de Retórica e artes liberais, onde permanece oito anos de sua vida, seguido de um ano em Roma e três em Milão.

O caminho de ascensão do educador Aurélio Agostinho é notório. É reconhecido como um ilustre professor de oratória, de forma que, com seus trinta anos, alça a mais alta posição de catedrático de retórica na corte imperial em Milão.

Como visto anteriormente, Agostinho é um homem inquieto. Sempre está em busca de sua completude. Mesmo estando no mais alto posto do império, ainda não se encontra satisfeito. Em Milão, ele conhece a figura de Santo Ambrósio, famoso pelas suas homilias e oratória e, com isso, após diversas escutas, vivencia profundos diálogos com o Bispo de Milão, quando começa um processo de amadurecimento, iniciado com a filosofia platônica, os livros do apóstolo Paulo e, auxiliado com a graça de Deus, decide converter-se a Jesus Cristo. Como consequência direta da sua “vida nova”, após doze anos, resolve abandonar sua carreira profissional de educador, renunciando a sua cátedra, em Milão, como enfatiza Marcos, com um breve resumo desse período de sua história:

Terminada sua formação, começa a exercer como mestre convulsionado e dominado pela competência. Gramático em Tagaste (374-375), tem aluno Alípio, amigo e companheiro de toda a vida; retórico em Cartago, ajudado pelo seu patrono (375-376). Permanece sete longos anos resistindo à tempestade da melhor maneira possível; Em Roma (383) abre sua escola de retórica, porém os alunos pagam mal. Lá ele ganhou o concurso para cobrir a cadeira de retórica na casa

---

<sup>7</sup> *En el imperio romano de la época tardía, la escuela, en tres niveles, se articula en torno de la figura del maestro: litterator (primeiras letras), gramaticus (latín) y rethoricus (humanidades, sobre todo, jurisprudencia y oratoria). Agustín curso estos tres niveles en Tagaste, pueblo natal (6-13 años), Madaura (13-16) y en Cartago (17-20 años) gracias a un mecenas, Romaniano (MARCOS, 1993, p.19).*

imperial de Milão. Em Milão (384) chega às máximas aspirações como profissional, porém emocionalmente quebrado. O encontro com santo Ambrósio, o reencontro com sua mãe, a leitura dos neoplatônicos e São Paulo, viram seu pensamento de cabeça para baixo. Fecha um período magistral de 12 anos. (MARCOS, 1993, p.20, tradução nossa)<sup>8</sup>.

É importante lembrar que todo o caminho de Agostinho está intimamente interligado com a sua busca da Verdade, que culmina com a sua conversão definitiva ao cristianismo, de forma que seus mais importantes escritos estão entranhados aos pensamentos e valores cristãos.

### 2.3 As contribuições de Agostinho para a educação

Os escritos do Bispo de Hipona, até os dias de hoje, são pontos de referência nas academias mundo afora. Seus incontáveis escritos são frutos de reflexões, respostas e diálogos com pessoas ou problemas da sociedade de sua época.

Em relação à originalidade do pensamento pedagógico de Santo Agostinho, segundo RÍO (2006), pode-se afirmar que nunca houve a pretensão de ser original, antes, “assumi e pôs em prática, cristianizando-o, os saberes pedagógicos que herdou da cultura greco-romana, especialmente da ‘Paideia grega’ e dentro desta a maiêutica socrática.” (RÍO, 2006, p.46, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Conforme Santo Agostinho, como afirmam diversos estudiosos, no campo educacional não teve pretensão de escrever diretamente sobre o tema, mas “o conceito e a prática educativa de Agostinho se refletem em boa parte de suas obras, cartas e sermões.” (FINCIAS, 2006, p.43, tradução nossa)<sup>10</sup> sendo que, independentemente do tema abordado, podemos perceber algumas de suas concepções educativas. Dentre suas inúmeras obras, três delas destacam-se em seu argumento educativo: *De Magistro*, *De Catechizandis Rudibus* e *De Doctrina Christiana*.

---

<sup>8</sup> *Terminada su carrera, comienza a ejercer como maestro en un mundo convulso y dominado por la competencia. Gramático en Tagaste (374-375), tiene alumno Alipio, amigo y compañero de toda la vida; Retórico en Cartago, ayudado por sus mecenas (375-376). Permanece siete largos años capeando el temporal como puede; Roma (383) Abre su escuela de retórica, pero los alumnos pagan mal. Gana allí el concurso para cubrir la cátedra de retórica de la Casa Imperial de Milán; Milán (384) llega a las máximas aspiraciones como profesional pero anímicamente está roto. El encuentro con San Ambrosio, el reencuentro con su madre, la lectura de los neoplatónicos y San Pablo, dan vuelco a su vida. Cierra un período magistral de 12 años (MARCOS, 1993, p.20).*

<sup>9</sup> “asumió y puso en práctica, cristianizándolos, los conocimientos pedagógicos que había heredado de la cultura grecorromana, sobretudo de la ‘paideia griega’ y dentro desta la mayéutica socrática” (RÍO, 2006, p.46)

<sup>10</sup> “el concepto y la práctica educativa de Agustín se reflejan en buena parte de sus obras, cartas y sermones” (FINCIAS, 2006, p.43)

### 2.3.1 *De Magistro*

A primeira obra de argumento educativo de Santo Agostinho é o *De Magistro* (O mestre). A sua redação é realizada em Tagaste, por volta dos seus trinta e cinco anos de idade, logo após dois anos de sua conversão ao cristianismo. O pano de fundo desse escrito é um diálogo de Agostinho com o seu próprio filho Adeodato, no estilo da escola grega, conforme nos relata Fincias (2006, p. 43):

Nesta obra, Agostinho cristianiza a pedagogia grega. O método de perguntas e respostas era o usado nas escolas e aquele que Agostinho praticava em Cascissíaco com seus discípulos. Porém, Agostinho aplica nele sua pedagogia da interioridade, levando o discípulo das coisas exteriores as interiores; Ele começa a voar baixo no chão, mas seu olhar aponta para o alto. (tradução nossa)<sup>11</sup>.

Conforme Fincias (2006), a obra está construída em duas partes: A linguagem e a busca da verdade. Na sua primeira parte, Agostinho prepara Adeodato com diversos exercícios linguísticos em que busca enfatizar a importância e limitação das palavras:

Agostinho. Que achas que almejamos quando falamos?  
 Adeodato. Pelo que o me ocorre agora, pretendemos ensinar ou aprender.  
 Agostinho. Percebo uma dessas coisas e concordo, pois é claro que queremos ensinar quando falamos. Mas aprender? Como?  
 Adeodato. Não achas que é quando perguntamos? [...] (*De Magistro*, I, 1).

Percebe-se, a partir desse pequeno trecho que inicia o livro, uma distinção entre ensinar e aprender. Dentro dessa perspectiva do exercício da linguagem (com suas limitações), o diálogo, segundo Alcalde (2006), na perspectiva da educação agostiniana, é uma metodologia significativa, motivadora e social porque é a partir dele que aprendemos a aprender, aprendemos a fazer e aprendemos a viver juntos.

Outro ponto a ser destacado no diálogo entre Agostinho e seu filho é o alinhamento entre a palavra e a vivência. No discurso, as palavras são importantes, pois esse é o canal de mediação para o nosso processo de ensino-aprendizagem:

Agostinho. Portanto não te preocupes com o fato de que o soberano Mestre ensinou a seus discípulos a rezar, ele tinha ensinado algumas

---

<sup>11</sup> En esta obra, Agustín cristianiza la pedagogía griega. El método de las preguntas y respuestas era el empleado en las escuelas y el que Agustín practicó en Casiciaco con sus discípulos. Pero Agustín aplica en él su pedagogía de la interioridad, llevando al discípulo de las cosas exteriores a las interiores; comienza volando a ras de tierra pero su mirada apunta muy arriba (FINCIAS, 2006, p.43).

palavras, e nisto não te parece ter feito outra coisa senão ensinar como convinha falar ao rezar?

Adeodato. Isto não me preocupa absolutamente, pois não lhe ensinou palavras, mas por meio das palavras, ensinou-lhes as próprias coisas pelas quais eram exortados a respeito de quem e o que pedissem quando rezassem, como foi dito no interior da mente. [...] (*De Magistro*, I, 2).

Pode-se compreender, a partir desse trecho, que a linguagem é necessária para o ato de ensinar, mas a aprendizagem é efetivada a partir da experiência, da conexão com a realidade vivenciada, como nos afirma NOFFS (2013, p.77-78):

Ensinar é possibilitar que o outro aprenda. Esse ensino requer pessoas que para construir seu próprio pensamento, sua aprendizagem, tenham como ferramenta dessa construção, experiências vividas, posturas abertas ante o novo, a disponibilidade para a mudança, conhecimentos significativos construídos e a humildade para reconhecer e enfrentar os erros.

Agostinho, ao ter consciência da limitação das palavras para ensinar as coisas, entendia que aprendemos as palavras a partir da experiência com as coisas e não ao contrário, porém, só é possível realizar este caminho se deixamos nos guiar pelo próprio Deus que é o Mestre por excelência.

Com isso, nos possibilita avançar num outro aspecto relevante que encontramos na segunda parte da obra, em que Agostinho realiza uma exposição da verdade a que se pretende chegar: o mestre interior.

Sobre as muitas coisas que entendemos, consultamos não aquelas cujas palavras soam no exterior, mas a verdade que interiormente preside à própria mente, movidos talvez pelas palavras para que consultemos. E quem é consultado ensina, o qual é Cristo que, como se diz, habita no homem interior, isto é, a virtude incomutável de Deus e a eterna Sabedoria, que toda a alma racional consulta, mas que se revela a cada alma o quanto esta possa abranger em função da sua própria boa ou má vontade. (*De Magistro*, XI,38).

Assim, *De Magistro* tem a sua relevância na educação pois indica o início de uma metodologia propriamente agostiniana: do exterior ao interior e do interior ao superior (FINCIAS, 2006).

### 2.3.2 *De Catechizandis Rudibus*

Segundo Fincias (2006), essa obra encontra-se datada entre os anos 400 a 405 d.C., e surge como uma resposta de Agostinho de Hipona a um diácono chamado

*Deogratias*, que não se encontrava satisfeito com os seus métodos catequéticos. A partir da inquietação desse servo de Deus, Agostinho apresenta uma série de atitudes e temas que são essenciais para a eficácia da internalização dos conteúdos apresentados pelo catequista.

A presente obra é formada por duas partes: na primeira, Agostinho expõe diversas normas práticas de como abordar situações problemáticas, com as quais se encontra o catequista-educador. Num segundo momento, coloca, de forma concreta, um itinerário coerente de apresentação da doutrina cristã.

Embora, inicialmente, a impressão seja de que *De Catechizandis Rudibus* possa despertar interesse apenas no mundo cristão católico, por ser um manual de catequese cristã, Fincias (2006, p.44), ao citar José Oroz Reta, aponta uma importante contribuição dessa obra para a educação:

O tratamento que Agostinho oferece em seu método catequético nos surpreende com sua magistral acuidade e competência. Os problemas psicológicos e didáticos, aludidos de passagem, são de uma modernidade que pode ser desconcertante: relação entre intuição e expressão; teoria da linguagem; linguagem visual, essencial na expressão; o sentimento como condição e ao mesmo tempo como limitação da harmonia da linguagem; o ambiente como elemento que favorece ou impede e dificulta, conforme o caso, o processo de aprendizagem; o erro do professor, em relação ao seu prestígio disciplinar; o tédio, tanto de quem ensina como de quem escuta, que quase nunca falta na rotina didática; a alegria perene –*hilaritas*– de doar-se espiritualmente aos alunos; caridade, como fonte de vida. Em vista de todos esses aspectos que Agostinho aborda em seu tratado, podemos afirmar que nos parece que estamos diante de um compêndio dos mais modernos problemas educacionais. (tradução nossa)<sup>12</sup>.

Diante do exposto, logo percebe-se a riqueza pedagógica dessa obra apresentada nas entrelinhas. Agostinho, ao escrever parte de sua experiência de mestre e pastor que tem a missão de ensinar com uma notória sensibilidade, demonstra, assim, uma visão holística de elementos fundamentais para o processo ensino-aprendizagem que

---

<sup>12</sup> *El tratamiento que ofrece Agustín en su método catequético nos sorprende por su agudeza y competencia magistrales. Los problemas psicológicos y didáticos, aludidos como de paso, son de una modernidad que puede desconcertar: relación entre intuición y expresión; teoría del lenguaje; el lenguaje visivo, primordial en la expresión; el sentimiento como condición y al mismo tiempo como limitación de armonía del lenguaje; el ambiente, como elemento que favorece o impide y dificulta, según los casos, el proceso de aprendizaje; el error del maestro, en relación con su prestigio disciplinar; el tedio, tanto del que enseña como del que escucha, que casi nunca falta en la rutina didáctica; la alegría –hilaritas– perenne de entregarse espiritualmente a los alumnos; la caridad, como fuente de vida. A la vista de todos estos aspectos que Agustín toca en su tratado, podemos afirmar que nos parece estar frente a un compendio de la más moderna problemática educativa (RETA apud FINCIAS, 2006, p. 44).*

poderíamos dizer que estão além de sua época.

Nessa obra, conforme o relato de Alcalde (1998), Agostinho demonstrou uma certa preocupação pela teoria da educação e, de forma muito particular, pela metodologia, visando oferecer para o diácono *Deogratias* um esquema útil e prático sobre o modo de ensinar.

Diante da dificuldade de *Deogratias* em ensinar os seus catecúmenos, Santo Agostinho lhe oferece dois princípios básicos, segundo Alcalde (1998):

1. Partir do homem (do aluno) concreto: as motivações que tem para aprender, seu estado de espírito, seu contexto social e suas condições físicas. Dessa maneira, pode-se entender que estamos tratando de um ensinamento individualizado em que há uma carga empática por parte do educador em que ele se coloca na situação do outro, desenvolvendo, assim, uma atitude compreensiva, acolhedora e tolerante.
2. Adaptar-se às ao aluno: iniciando com uma observação atenta das suas reais necessidades, visando chegar a um ensinamento personalizado. O que se encontra no pano de fundo dessa adaptação ao aluno é o amor: deve fazer-se pelo amor que se tem a eles. Nesse caso, o que está na base é uma adequação à sua capacidade, ao tempo e à cultura pois “não se pode oferecer a todos o mesmo remédio.” (*Catechizandis Rudibus* 15,23).

Nesse comentário, é notório que a obra está atenta à pessoa do aluno: tem como princípio o que ele é para, a partir disso, traçar um caminho em que ele possa, gradativamente, sentir-se seguro, e que, com a mediação do educador, tenha a possibilidade de desenvolver-se na sua essência.

Fincias (2006), comentando sobre essa obra, diz que a educação deve ter a finalidade de conduzir o ser humano à plena realização e, para isso, é necessário desenvolver, por parte dos educadores, elementos como sensibilidade, delicadeza, equilíbrio e doçura de espírito. Essas qualidades só frutificam à medida que cada educador assume com empenho sua vocação, que tem como base o amor. Por isso, categoricamente, Fincias (2006, p. 41) afirma:

E dizer vocação é dizer amor. A chave do sucesso na missão de educar não está tanto na qualidade profissional do professor, mas em sua qualidade humana. Muitos ex-alunos continuarão a se lembrar do professor iluminado com admiração; mas confessarão que quem

marcou a sua vida foi o educador humano, que lhes deu proximidade, cordialidade, carinho, acompanhamento, encorajamento e compreensão e penetrou na alma. Não existe metodologia educacional que supere a metodologia do amor e da amizade sincera. Educação eficaz é educação afetiva (tradução nossa)<sup>13</sup>.

Partindo do princípio de que essa obra apresenta todos os aspectos comentados pelo autor, e tem uma relevância para o pensamento humanizador de Santo Agostinho, destacamos, ainda, conforme Fincias (2006), mais algumas metodologias dessa pedagogia:

1. Partir sempre das “necessidades sentidas” do educando (*Catechizandis Rudibus* 15,9).
2. Conectar com as aspirações e perguntas mais fundas do coração humano. (*Catechizandis Rudibus* 9,7; 8, 1,1; 16,24).
3. Adaptar-se aos educandos na linguagem dos conteúdos e no ritmo evolutivo (*Catechizandis Rudibus* 15,23).
4. Dar primazia ao interior, mais do que à exterioridade e literalidade das palavras (*Catechizandis Rudibus* 9,13).
5. Respeitar, estimular a singularidade, o caráter único original e repetível de cada educando (*Catechizandis Rudibus* 15,23).
6. Insistir na superação do mal e negativo através do estímulo no bom e o positivo (*Catechizandis Rudibus* 16,24).
7. Educar com alegria (*Catechizandis Rudibus* 10,14; 12,17).

### 2.3.3 *De Doctrina Christiana*

A terceira e última obra de cunho educativo considerada pelos estudiosos em Agostinho é intitulada como *A doutrina Cristã*. Esse livro foi escrito pouco tempo depois que Agostinho foi elevado ao cargo de Bispo de Hipona, por volta dos seus quarenta e três anos de idade. Uma curiosidade desse escrito é que a última parte que o compõe só é finalizada trinta anos depois, o que se leva a crer que estava direcionada à formação dos clérigos da sua comunidade de Hipona. (Fincias, 2006).

Como o próprio título já indica, o tema central da obra consiste em fazer uma ampla exposição sobre a doutrina cristã, a partir da Sagrada Escritura. O que torna essa

---

<sup>13</sup> *Y decir vocación es decir amor. La clave del éxito en la misión de educar está, no tanto en la calidad profesional del maestro cuanto su calidad humana. Muchos exalumnos seguirán recordando con admiración al profesor lumbrera; pero confesarán que quien marco su vida fue el educador humano, que les brindó cercanía, cordialidad, afecto, acompañamiento, estímulo y comprensión y se les metió en el alma. No hay metodología educativa que pueda superar a la metodología del amor y de la amistad sincera. La educación efectiva es la educación afectiva* (FINCIAS, 2006, p.41).

obra relevante para o campo educativo é a sua metodologia, conforme o relato de Fincias (2006, p.45):

Mas o seu método é particularmente importante, baseado na distinção entre coisas e signos (palavras), sempre ambíguos e polivalentes, não são a realidade significada, mas sempre temos a tendência de identificá-los. Particularmente importante para a missão educacional-formativa é a distinção entre valores médios e valores-objetivo; em sua expressão “bens para usar e bens para amar”. Os primeiros constituem um simples “instrumento”; os segundos definem a felicidade a que o homem é chamado (tradução nossa)<sup>14</sup>.

Desse modo, pode-se entender que a metodologia desenvolvida pelo bispo de Hipona busca orientar os seus ouvintes sobre como os conhecimentos adquiridos devem ajudar o ser humano a tomar decisões coerentes, que lhes permitam uma verdadeira felicidade a qual todos nós somos chamados.

Notoriamente, a educação agostiniana perpassa pelos valores cristãos, pois, como realçado anteriormente, a experiência de conversão de Agostinho o fez perceber que cada ser humano traz em si o valor e a dignidade de ser imagem e semelhança de Deus.

[...] A lei do amor assim foi estabelecida por Deus “Amarás o próximo como a ti mesmo, mas a Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com todo teu espírito” (Lv19,18; Dt 6,5; Mt 22,37.38). Em consequência, consagra teus pensamentos e toda tua vida e toda a tua mente de quem recebestes estes bens. Porque quando é dito, de ‘todo o coração, de toda a tua alma e de toda tua mente’, não te é permitido nenhuma parte de tua vida ficar desocupada para que possas gozar de outro objeto. [...] Logo, quem ama realmente o seu próximo deve tratar que esse alguém também ame a Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todo o seu espírito. Amado-o assim como se ama a si próprio, referirá todo o amor, próprio e alheio, naquela direção do amor de Deus [...] (*Doctrina Cristiana*, I, XXII, 20).

Tendo como ponto de partida a sagrada escritura, Agostinho enxerta, na visão educativa, o tema do amor como elemento essencial para que o ser humano possa desenvolver toda a sua potencialidade. Para Agostinho, os valores aos quais os homens devem ser instruídos possuem uma ordem, uma hierarquia que garante a sua realização plena: “o primeiro está acima de nós; o segundo somos nós próprios; o terceiro o que se acha ao nosso lado; o quarto o que está abaixo de nós” (*Doctrina Cristiana*, I, XXII, 20).

---

<sup>14</sup> *Pero es particularmente importante su método, fundamentado en la distinción entre cosas y signos (las palabras), siempre ambiguos y polivalentes, non son la realidad significada, pero tenemos siempre la tendencia a identificarlos. Particularmente importante para la misión formativa-educativa es su distinción entre valores-medio y valores-meta; en su expresión “bienes para usarlos y bienes para amarlos”. Los primeros constituyen un simple “instrumento”; los segundos definen la felicidad a que el hombre está llamado (FINCIAS, 2006, p.45).*

Podemos entender essa afirmação do Bispo de Hipona não apenas como um mero conselho doutrinário, mas como mais uma chave metodológica de educação humanizadora.

Mediante isso, neste momento do trabalho, diante de tudo que foi exposto sobre a doutrina educativa de Santo Agostinho, é necessário apresentar como os agostinianos, ao longo dos anos, traduziram esses ensinamentos na realidade de seus centros educativos. Por isso, realizaremos um esforço de transmitir de maneira sucinta e objetiva um legado educativo secular (na Europa) e quase centenário em terras brasileiras.

#### **2.4 A metodologia agostiniana: um caminho para a educação humanizadora**

A palavra metodologia, etimologicamente, pertence ao grego *methodos* = *meta*, (objetivo, finalidade) e *hodos* (caminho, intermediação, procedimento), de forma que se pode entender que *methodos* é um caminho para se alcançar certa finalidade, modo de trabalhar e, nesse caso, a maneira de educar. E ainda temos o termo *logia* que significa conhecimento, estudo. A partir disso, compreendemos que metodologia significa o estudo de caminho(s) (práticas) visando alcançar um objetivo.

Diante dessa concepção, será exposta a metodologia agostiniana, a partir do pensamento de Prado<sup>15</sup> (1998), tendo como referência o *directorio pastoral agustiniano*, publicado em 1986 pela FAE, na Espanha. Inicialmente, três elementos básicos são apresentados como essenciais para uma metodologia pedagógica agostiniana: recolhimento e introversão, caminho em busca da sabedoria e a pedagogia do amor.

O primeiro elemento apresentado é o Recolhimento e introversão. A maturidade de uma pessoa forma-se a partir do seu interior, quando há uma busca sincera ao conhecimento e aceitação de si mesma. Dentro dessa perspectiva agostiniana, em nós, há uma riqueza interior que, quando descoberta e cultivada, necessariamente nos abre ao outro por meio de um diálogo profícuo, amizade sincera e uma convivência pacífica. Segundo o pensamento de Prado (1998, p.111) “na educação, interioridade e introversão equivalem ao silêncio, reflexão, estudo, oração” (tradução nossa)<sup>16</sup>. Sabemos que na

---

<sup>15</sup> Frei agostiniano da Província Agostiniana da Espanha, educador e pesquisador sobre o pensamento de Santo Agostinho na educação.

<sup>16</sup> “*en educación, interioridad e introversión equivalen a silencio, reflexión, estudio, oración*” (PRADO, 1998, p. 111).

cultura atual, em que se dá grande ênfase às coisas externas, torna-se um desafio a personalização, o olhar para dentro de si, mediante uma supervalorização à extroversão.

O Caminho em busca da sabedoria é o segundo elemento metodológico da educação agostiniana. A escola é um espaço privilegiado para aquisição do conhecimento. Por meio dele, o ser humano vai ao encontro da sua plenitude pessoal. Na concepção de Agostinho, a sabedoria – entendimento das razões eternas – é a meta do conhecimento, pois é a partir dela que surge uma vida ordenada, o amor à verdade e ânsia da transcendência (PRADO, 1998).

Dessa forma, ainda dentro do pensamento agostiniano, o homem que é buscador da Verdade a encontra não tanto com a razão, mas com coração. Dentro do método educacional agostiniano, “comunidade e amizade facilitam seus esforços, porque a verdade deve ser compartilhada, discutida, colocada em comum” (PRADO, 1998, p. 111, tradução nossa)<sup>17</sup>. Assim, percebe-se que pensamento e coração estão intimamente unidos dentro da concepção agostiniana na busca de superar o intelectualismo da educação tradicional.

Por fim, temos uma Pedagogia do “amor na Liberdade”. Conforme Prado (1998), ela se caracteriza por ser uma pedagogia paciente, compreensiva, tolerante, amistosa e dialogante, que humaniza e oferece fundamentos para o bom exercício da liberdade.

Se educar é humanizar e a humanização é fruto do uso correto de nossa liberdade, a educação agostiniana deve ser educação em liberdade para a liberdade. A criança que começa a aprender imitando, amadurece ganhando autonomia. (PRADO, 1998, p.111, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Desse modo, entende-se que ser capaz de atuar com liberdade e responder pelos seus atos simboliza o alcance à maturidade, pois a autêntica educação necessita ajudar o ser humano a “ser” e a “fazer-se”.

#### 2.4.1 Pedagogia *mente et cordis* (mente e coração)

Comumente, quando nos referimos ao termo filosofia, entendemos tratar-se de um pensamento/conhecimento dotado de pura racionalidade, o que reverberou para a esfera educacional em uma pedagogia racional. Mas, o cenário atual e o encontro dessa filosofia

---

<sup>17</sup> “*le facilita su empeño la comunidad y la amistad, porque la verdad debe ser compartida, dialogada, puesta en común*” (PRADO, 1998, p. 111).

<sup>18</sup> *Si educar es humanizar y la humanización es fruto del recto uso de nuestra libertad, la educación agostiniana debe ser la educación en libertad para libertad. El niño que inicia su aprendizaje imitando madura ganando autonomía* (PRADO, 1998, p.111).

com a modernidade fizeram surgir um outro conceito, agora voltado para uma filosofia cordial (do coração).

O primeiro a desenvolver essa filosofia afetiva no Ocidente foi Santo Agostinho, pois, para ele, “O conhecimento especulativo e abstrato da filosofia aristotélica não é suficiente; só o conhecimento afetivo da verdade é um conhecimento perfeito” (RÍO, 2006, p.48, tradução nossa)<sup>19</sup>. Diante do surgimento do racionalismo aristotélico-escolástico, essa original e prometedora corrente do pensamento filosófico Agostiniano não tardou em desaparecer do Panorama cultural do ocidente (RÍO, 2006).

Se é possível falar em Santo Agostinho, a partir de uma filosofia ou racionalidade cordial, como o faz M. Fraijó (1993), em sua obra *Racionalidad de las convicciones religiosas*, com maior fundamento pode-se falar de uma “*pedagogia cordis*”, uma “*pedagogia cordial*”, cujo princípio, como indica a expressão, é o coração, o amor. Agostinho, incontavelmente, em suas diversas obras, ressalta a força cognitiva do amor. Nessa força apoia-se, precisamente, a importância que o Santo de Hipona concede à função do coração/amor (RÍO, 2006). Um resumo desse pensamento podemos encontrar em sua obra *Contra Fausto* 32,18: “*non intratur in veritatem nisi per caritatem*” (não se entra na verdade, senão pelo amor), de maneira que se pode dizer que quanto mais uma pessoa se aprofunda na busca da verdade, o motor que impulsiona esse agente conhecedor é o amor (RÍO, 2006).

Em Agostinho, o amor não só segue o conhecido, como também o precede, pois para ele não se pode conhecer a verdade sem amor, já que não estudaríamos se não amássemos a beleza da Verdade e a utilidade dos conhecimentos (*De Trinitate* 10,1,1 ss.). Em suma, o conhecimento em Agostinho inicia, desenvolve-se e se culmina pela força do amor (RÍO, 2006).

A interpretação mais coerente dessa filosofia educativa agostiniana, no sentido considerado, vem sendo transmitida na filosofia e na prática educativa de seus seguidores que hoje compõem a OSA, conhecida numa das máximas agostinianas “as coisas se conhecem na medida que se amam”, em que se coloca o amor como medida do conhecimento. Com isso, pretende-se indicar a inseparabilidade que existe entre o conhecimento e o amor. Assim, fica claro que, para Agostinho, diferentemente da mentalidade moderna, o conhecer não é para ter e poder, mas para amar (RÍO, 2006).

---

<sup>19</sup> “*no basta el conocimiento especulativo y abstracto de la filosofía aristotélica; solo el conocimiento afectivo de la verdad es conocimiento perfecto*” (RÍO, 2006, p.48)

Colocar o amor como espinha dorsal dessa pedagogia não significa, longe disso, descartar a razão. Quer apenas indicar que entre os elementos integrais da educação - entre os quais ocupa lugar de destaque, porque a razão não poderia ser diferente - na escola agostiniana se concede o valor primado do amor. Este é o valor que imprime o caráter diferencial desta escola. Porque essa escola, insistimos, também é racional. Também como a filosofia, a pedagogia agostiniana se distingue por ser um “opus mentis et cordis”, uma obra indivisa da razão e do coração. Com isso quer afirmar que nesta escola o ordenamento do amor também pertence, substancialmente, ao método de busca e compreensão da verdade, objeto de todo tipo de educação e pesquisa científico-cultural (RÍO, 2006, p.49-50, tradução nossa)<sup>20</sup>.

Sabe-se que fazer gravitar um projeto educativo sobre a razão e sobre o coração tem derivações educativas muito diferentes; a diferença está principalmente no impulso que nasce, o motor que move, a meta que persiste e as diferentes atitudes que um e outro princípio geram entre todos os agentes educativos ao relacionarem-se, levando adiante uma ação educadora.

Dessa maneira, pretende-se deixar claro que, para Agostinho e, conseqüentemente para os agostinianos,

educar (*educere* = tirar), para Agostinho, como era para Sócrates, é ajudar a dar à luz a verdade que o homem e as coisas trazem dentro de si. É fazer acontecer a potencialidade pura. A tarefa do educador deve centrar-se em fazer resplandecer no aluno aquelas imagens divinas que o homem e as coisas imprimiram em si, e que é a sua verdade, o seu logótipo” (RÍO, 2006, p.56, tradução nossa)<sup>21</sup>.

Dado que a educação moderna não precisa ser apenas formação humana, como também deve procurar elementos científicos e culturais, o objeto da educação agostiniana busca desenvolver ambas as modalidades, visando ajudar o aluno a descobrir as suas potencialidades humanas e auxiliando-o a encontrar, nas leis da natureza, o sentido oculto das coisas. Somente dessa maneira pode-se alcançar o progresso e a perfeição do homem e do mundo, objetivos que buscam contemplar toda a seriedade de um projeto educativo.

---

<sup>20</sup> *Poner el amor como elemento vertebrador de esta pedagogía, no significa, ni mucho menos, desechar la razón. Sólo quiere indicarse que entre los elementos integrantes de la educación – entre los que ocupa un lugar destacado, como no podía ser de otro modo la razón – en la escuela agustiniana se otorga la primacía valorativa del amor. Este es el valor que imprime el carácter diferencial de esta escuela. Porque esta escuela, insistimos también es racional. Como la filosofía, también, la pedagogía agustiniana se distingue por ser un “opus mentis et cordis”, una obra indivisa de razón y corazón. Con esto quiere afirmarse que en esta escuela la ordenación del amor pertenece también, substancialmente, al método de búsqueda y comprensión de la verdad, objeto de toda clase de educación y de investigación científico-cultural (RÍO, 2006, p.49-50).*

<sup>21</sup> *Educare (educere=sacar), para Agustín, igual lo fue para Sócrates, es ayudar a dar a luz la verdad que el hombre y las cosas llevan dentro de sí. Es lograr hacer pasar a acto la pura potencialidad. La tarea del educador debe centrarse en hacer alumbrar en el alumno esas imágenes divinas que el hombre y las cosas llevan impresas en sí mismas, y que es su verdad, su logos” (RÍO, 2006, p.56)*

Diante do exposto, será colocado o estilo da escola agostiniana com suas principais características e valores buscando dar sustentação à metodologia apresentada.

## 2.5 O estilo da escola agostiniana

Inicialmente, é importante entender a finalidade da escola dentro da concepção agostiniana. Segundo Agustín Alcalde<sup>22</sup> (2005, p.138) “*se vai à escola para ser humano, para crescer em humanidade e alcançar a maior plenitude possível*” (tradução nossa)<sup>23</sup>. Com isso, não se quer afirmar que a escola agostiniana seja um espaço de sentir-se superior aos demais, mas, antes é um lugar de desenvolvimento pessoal onde, somente a partir do diálogo com a Verdade interior (Deus) e orientados por nossos mestres, encontraremos o caminho para o qual fomos chamados.

Eu te havia prometido, se te lembras, de haver de provar que existe uma realidade muito mais sublime do que a nossa mente e razão. Ei-la diante de ti: é a própria Verdade! Abraça-a, se a podes. Que ela seja o teu gozo! Pois o que mais desejas senão ser feliz? E haverá alguém mais feliz do que aquele que goza de inabalável, imutável e muito excelente Verdade? [...] Muito pelo contrário, já que é na Verdade que conhecemos e possuímos o Bem supremo, e já que essa Verdade é Sabedoria, fixemos nossa mente para captarmos o Bem e gozarmos dele. Pois é feliz aquele que disfruta do sumo Bem! (O livre Arbítrio II,13,35-36).

Santo Agostinho reflete desde a sua experiência pessoal. Houve um momento de sua vida em que foi tomado pela busca incessante de reconhecimento, glórias e prestígios até que se encontrou num caminho sem saída e que lhe afastava da felicidade. Por isso, em seus escritos, ele enfatiza um ser humano que aspire a possuir não só as coisas boas da terra, mas, também, o sumo Bem, eterno, que é a Verdade, Deus, pois “caminhando em direção a Deus o ser humano se humaniza, distanciando-se dele, se esvazia e se perde” (*De Trinitate* 12,11,16).

Um passo importante a ser dado na compreensão desse pensamento de Santo Agostinho é afastar-se da desconfiança de que Deus é rival do ser humano, pois, para o Bispo de Hipona, “no âmago mais profundo do humano está Deus, e quando o homem está dentro de si, ele dialoga ‘gaguejantemente’ com Deus” (ALCALDE,2005, p.138,

---

<sup>22</sup> Religioso Agostiniano, foi diretor em diversas instituições escolares na Espanha e aqui no Brasil, atualmente é um dos principais pesquisadores na OSA sobre o pensamento pedagógico de Santo Agostinho.

<sup>23</sup> “a la escuela se va para ser hombre, para crecer en humanidad y llegar a la mayor plenitud posible” (ALCALDE, 2005, p.138).

tradução nossa)<sup>24</sup>.

Dito isso, a escola agostiniana tem como característica principal ser uma escola humanizadora, pois “o modelo de ser humano que a Escola Agostiniana tenta apresentar está aberto à transcendência e à relação” (ALCALDE, 2005, p.140, tradução nossa)<sup>25</sup>. Estar aberto à transcendência e à relação são componentes essenciais para uma educação humanizadora, tendo em vista que a escola não pode ser banco de dados onde se implanta informações ou simplesmente um lugar de aperfeiçoamento de aprendizagens, antes, a escola agostiniana busca colaborar para que cada estudante possa crescer em humanidade, a partir da Verdade que reside no interior de cada um. Desse modo, à medida que este aluno se torna mais humano, conseqüentemente, a sociedade também é mais humana.

Conforme a visão de Alcalde (2005), para alcançarmos essa meta, faz-se necessário apostar na personalização do aluno, da escola, do educador, da metodologia e dos conteúdos utilizados nos programas educativos. Nesse sentido, mediante a proposta de uma “educação personalista”, é importante realizar certa adequação à singularidade de cada estudante como pessoa e membro da sociedade. Assim, se impõe a urgência da adaptação da escola às diferenças e circunstâncias dos alunos.

Muitas vezes, quase de maneira inconsciente, colocamos o encargo de que apenas o educador possui a legítima verdade transmissível da civilização ou da cultura, porém, de acordo com a perspectiva agostiniana, todo o ser humano tem uma centelha de sabedoria no seu interior conferida pela Verdade (Deus). Nessa perspectiva, a escola agostiniana, em sua totalidade, precisa ser aberta e aceitar qualquer pessoa, seja qual for sua capacidade, e ser capaz de flexibilizar sua metodologia em função da diversidade dos alunos (ALCALDE, 2005).

A educação deve revelar-se intransitiva porque educar é crescer, emergir, estabelecer relações com tudo o que nos rodeia. É aqui que entra o respeito pela natureza e não o seu domínio, porque o verdadeiro crescimento humano ocorre quando nos abrimos à realidade e a nomeamos, quando acolhemos os outros e partilhamos a vida com eles, quando descobrimos Deus e acreditamos nele. (ALCALDE, 2005, p.141, tradução nossa)<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> “en la entraña más profunda de lo humano está Dios, y cuando el hombre está dentro de sí mismo dialoga de modo balbuciente con Dios” (ALCALDE, 2005, p.138)

<sup>25</sup> “el modelo de ser humano que intenta presentar la Escuela Agostiniana está abierto a la transcendencia y la relación” (ALCALDE, 2005, p.140)

<sup>26</sup> *La educación debe revelarse como intransitiva porque educar es crecer, surgir, establecer relaciones con cuanto nos rodea. Aquí entra de lleno el respeto a la naturaleza y no su dominación, porque el verdadero crecimiento humano se produce cuando nos abrimos a la realidad y la nombramos, cuando acogemos a los demás y compartimos con ellos la vida, cuando descubrimos a Dios y creemos en él* (ALCALDE, 2005, p.141).

Dessa forma, se realmente deseja-se superar uma educação puramente conteudista que, muitas vezes, fomenta no aluno uma passividade e dependência frente à figura do educador, é preciso, assim como Santo Agostinho, conceber o estudante como “um ser vivente cheio de possibilidades, uma semente capaz de se desenvolver” (ALCALDE, 2005, p.141, tradução nossa)<sup>27</sup>. Com isso, não queremos dizer que sejam dispensáveis as ajudas dos professores, mas, antes elas devem ser mediações que possibilitem um desenvolvimento integral, pois “um cresce na humanidade na sombra de outra humanidade que nos acompanha” (ALCALDE, 2005, p.141 -142, tradução nossa)<sup>28</sup>.

Para crescer em humanidade é necessário que haja um ambiente propício. Por isso, a escola agostiniana apresenta-se a partir de três características e na defesa de cinco valores essenciais que possibilitam o desenvolvimento integral do ser humano.

## 2.5.1 Características da escola agostiniana

### 2.5.1.1 Escola crítica

Quando se apresenta a possibilidade de uma escola crítica, minimamente, entendemos em dois sentidos: um primeiro é o encontro da pessoa com a verdade e o segundo é o que nos impulsiona para a leitura e transformação do mundo. Sabemos que o caminho de acesso à verdade não é fácil pois, hoje mais do que nunca, vivemos presos a imagens externas que ofuscam os nossos sentidos. Como consequência, à medida que lançamos nosso olhar para fora, torna-se mais difícil acessar o nosso interior e encontrarmos com a Verdade que, segundo Santo Agostinho, é o próprio Deus.

Segundo Alcalde (2005, p.142) “existe uma verdade aparente que é apenas o fenômeno, o espetáculo, o invólucro da realidade” (tradução nossa)<sup>29</sup>, por isso, o argumento em relação às coisas não se encontram na superficialidade, no aparente, e sim nas esferas mais profundas, o que nos exige um olhar mais atento.

Torna-se urgente a necessidade de que a escola seja um espaço crítico, reflexivo, de maneira que ofereça elementos sólidos para a construção de critérios próprios. Estamos cientes de que, inicialmente, aceita-se que o educando carregue consigo o ideário do

---

<sup>27</sup> “*un ser vivo lleno de posibilidades, una semilla capaz de desarrollo*” (ALCALDE, 2005, p.141)

<sup>28</sup> “*se crece en humanidad a la sombra de otra humanidad que nos acompaña*” (ALCALDE, 2005, p.141 - 142)

<sup>29</sup> “*Hay una verdad aparente que solo es el fenómeno, el espectáculo, la envoltura de la realidad*” (ALCALDE, 2005, p. 142)

professor, porém, com o passar do tempo, uma vez que se tenham elementos suficientes para filtrar e selecionar, deverá desenvolver um senso crítico próprio.

Na sociedade contemporânea, torna-se evidente a descompensação entre informação e sentido crítico. Com o advento das tecnologias, a oferta nunca foi tão ampla e diversificada e, ao mesmo tempo, tão contraditória nos canais de comunicações.

Todas essas constatações nos levam à necessidade de dois importantes lembretes: a possibilidade de olhar para o mundo a partir de nossa casa e a importância do treinamento para o uso crítico dos meios de comunicação. Contemplar a realidade com olhar crítico é entendê-la. (ALCALDE, 2005, p.143, tradução nossa)<sup>30</sup>.

Só é possível uma verdadeira atitude crítica desde a interioridade, porque é ali onde fala o Mestre interior e de onde se aprende a discernir juízos e opiniões. Educar para o encontro e escuta do Mestre Interior é uma garantia de autonomia. O mestre humano só é um pedagogo (no sentido mais profundo da palavra) em direção ao outro mestre que é o único Mestre.

Quando a crítica é um olhar a si mesmo, converte-se em autocrítica. Santo Agostinho oferece um exímio exemplo de autocrítica. Ao final de sua vida, depois de ter escrito incontáveis obras, dedicou-se a escrever *Revisiones*. Apesar de ser um homem maduro na fé e no pensamento, Agostinho não hesitou em revisar seus escritos e a retificar o que acreditava ser necessário. Isso foi um sinal de sua honestidade intelectual e fidelidade à Verdade, o que foi progressivo ao longo de sua jornada.

#### 2.5.1.2 Escola participativa

Conforme exposto anteriormente, segundo Santo Agostinho, existe um único mestre em uma única verdade da qual somos depositários e não proprietários: “a verdade não é minha nem tua para que seja Minha e Tua” (AGOSTINHO *apud* ALCALDE, 2005, p.144) pois o dono da verdade é o único mestre que é Deus. O descobrimento pessoal da verdade pode converter-se no bem comum que participa os demais.

A verdade compartilhada não se diminui, pelo contrário, se alarga; necessita da contribuição de todos e da clareza do diálogo confiado. Compartilhar a verdade exige clareza e transparência como o Cristal. É assim que todos nós nos convertemos em

---

<sup>30</sup> Todas estas constataciones nos llevan a necesidad de dos recordatorios importantes: la posibilidad de asomarse al mundo desde nuestra casa y la importancia de una formación para el uso critico de los medios de comunicación. Contemplar con ojo crítico la realidad es comprenderla. (ALCALDE, 2005, p.143).

doadores de algo e receptores de muito. O enriquecimento mútuo, ainda que seja assimétrico, é o ideal pedagógico em toda a comunidade educativa.

Seria contraditório que a cultura de cooperação e colaboração encontrasse fechadas as portas da escola, muito mais na escola agostiniana. A partir desses pressupostos, não resulta forçado o imperativo da participação da ação educativa e dizer o papel ativo das pessoas e sua implicação no processo educativo.

Há uma educação que não estimula a participação, mas induz à passividade e à resignação; não gera criadores, mas multiplica consumidores e dependências, ao impedir que o ser humano se reconheça como possibilidade, pensando com a própria cabeça, sentindo com o próprio coração e caminhando com os próprios pés. O ideal de um projeto educacional consiste em trabalhar juntos, conviver e sonhar juntos. (GARCÍA, 1998, p.43, tradução nossa)<sup>31</sup>.

Educar para participação é hoje uma contribuição básica da escola. Cumprirá com esta função se entendermos a educação como uma aventura coletiva que se sustenta sobre a colaboração.

Uma metodologia participativa tem sua raiz mais profunda no pensamento muitas vezes repetido por Santo Agostinho: “a verdade é patrimônio comum e pertence a todos amadores da Verdade” (Confissões 12, 25,34). A escola, por meio da participação, permite ensaio da prática democrática.

### 2.5.1.3 Escola libertadora

No mundo da educação, recorreremos novamente a Paulo Freire, agora, como um grande pensador:

“aprendi no exílio a estar cada dia mais aberto ao mundo, estar disposto a pensar. Estar cada dia preparado para não aceitar o que se diz sensivelmente porque se diz, estar disposto a reler o que se lê, investigar, questionar e duvidar cada dia. Acredito que é sumamente necessário duvidar. Penso ser sempre necessário não estar seguro, quer dizer, exageradamente seguro acerca de certas certezas” (FREIRE *apud* ALCALDE, 2005, p.145-146, tradução nossa)<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> Hay una educación que no estimula la participación, sino que induce a la pasividad e la resignación; no genera creadores, sino multiplica los consumidores y las dependencias, al impedir que las personas humanas se reconozcan como posibilidad, piensen con su propia cabeza, sientan con su propio corazón y caminen con sus propios pies. El ideal de un proyecto educativo consiste en trabajar juntos, vivir juntos y soñar juntos (GARCÍA, 1998, p.43).

<sup>32</sup> “Aprendí en el exilio a estar cada día más abierto al mundo, estar dispuestos a pensar; estar cada día preparados para no aceptar lo que dice sencillamente porque se dice, estar dispuesto a releer lo que se lee; investigar, cuestionar y dudar cada día. Creo que es sumamente necesario dudar. Pienso que siempre

A partir dessa afirmação, podemos pensar que uma escola libertadora traz consigo uma inquietação diante dos fatos que lhes circundam. Ela questiona e se deixa questionar. Não permanece estática. Ela é livre em suas opções e promove a liberdade no seu espaço.

Agostinho faz uma clara distinção entre ter liberdade e ser livre. Quando existe a possibilidade de eleição entre distintas possibilidades, falamos de liberdade ou livre arbítrio. Ser livre, portanto, significa escolher o bem, aquilo que se faz crescer e madurar as pessoas (*De correptione et gratia*. 12,32).

A liberdade verdadeira precisa estar unida ao bem, pois uma escolha equivocada pode converter-se em escravidão (S.177,3). Dito isto, queremos afirmar que uma escola não é libertadora pela permissividade sem limites, senão quando é capaz de oferecer uma proposta clara de valores que sirvam de referência para saber escolher. Nesse sentido, a escola não pode renunciar a estabelecer uma pedagogia da liberdade que vai unida ao exercício da autoridade e ao estabelecimento de algumas normas e indicadores precisos. Ninguém nasce livre, mas nascemos com a convocação de sermos livres.

Pelo impulso de suprimir todo elemento que possa ir contra a vontade dos alunos, esqueceu-se que educar, às vezes, é contrariar, apresentar outros critérios, discordar sem medo. Depois de diferentes ensaios de liberdade e uma catarata de palavras sobre o medo de frustrar, reprimir ou coagir, volta-se a falar da necessidade da disciplina. Uma recordação necessária e urgente porque banir a disciplina da aula é uma fraude para o aluno e uma falta de responsabilidade para o educador. Claro que a solução não está em voltar aos métodos disciplinares de outros tempos, mas de recuperar o valor da disciplina, utilizando instrumentos de acordo com as pedagogias e tendências atuais.

A escola, para ser libertadora, não pode renunciar à autoridade, à disciplina, às normas: todos esses elementos são meios e não fim. Santo Agostinho critica qualquer ensinamento que possa ignorar a formação para verdade e o amor que garanta a liberdade verdadeira (ALCALDE, 2005). Dessa maneira, a educação será mais libertadora quanto mais estiver alinhada com a verdade-amor (Epistolae 101,2).

### 2.5.2 Valores que defendem a escola agostiniana

Os que defendem a laicidade absoluta da sociedade advogam logicamente por uma escola vazia de conteúdos religiosos, porque existe a convicção de que o religioso tem

---

*es necesario no estar seguro, es decir, exageradamente seguro acerca de ciertas certezas (FREIRE apud ALCALDE, 2005, p. 145-146)*”

um caráter alienador. A partir desse pressuposto, “se pretende esvaziar a educação de todo conteúdo ético” (ALCALDE, 2005, p.148). Desse modo, aponta-se a um dos objetivos mais nobres da educação: melhorar o comportamento das pessoas. A ética não contribui para que saibamos mais, mas sim, para que sejamos melhores (ALCALDE, 2005).

Com o atual processo de secularismo, o homem volta-se contra ele mesmo. Apesar das aparências, o futuro da sociedade não está em desenvolvimento econômico, exclusivamente, senão numa concepção do ser humano que tem vista para a sua antropologia em toda sua integridade.

Assim, a escola agostiniana sabe que o ser humano é cidadão deste mundo e, como tal, precisa viver e aprender a se desenvolver dando a cada coisa o valor que lhe é próprio. Santo Agostinho chama isso de ciência, que não é só o acúmulo de conhecimentos, senão o saber utilizá-los bem (*De trinitate*, 12,22). Porém, não se conformar só com isso, mas buscar educar o homem inteiro para que encontre a sua maior pretensão: A felicidade.

Educar para a felicidade é Educar para a sabedoria que só se alcança quando o homem entra em seu interior e vive reconciliado consigo mesmo e, desde ali, acessa a Deus (ALCALDE, 2005). Assim, integram-se ciência e sabedoria. Sem a ciência, a escola não alcançaria sua função docente, e sem a sabedoria estaria fadada a criar “máquinas inteligentes”, mas sem alma. A evolução tecnológica não deve ser sinônimo de desumanização.

O problema não será mais tanto preparar as crianças para viver em uma determinada sociedade, mas, sim, dar a cada qual forças intelectuais e pontos de referência permanentes que lhes permitam compreender o mundo que os rodeia e se comportarem como um elemento responsável e justo. Mais do que nunca, a função essencial da educação é dar a todos os seres humanos a liberdade de julgamento, sentimento e imaginação de que precisam, para que seus talentos alcancem sua plenitude e continuem a ser arquitetos, na medida do possível, de seu destino. (DELORS, 1966, p.106-107, tradução nossa)<sup>33</sup>.

Neste momento histórico em que a função da escola está envolvida em transvalorização ou mutação de valores, estes são múltiplos e é necessário selecioná-los, hierarquizá-los, propô-los e adaptá-los.

---

<sup>33</sup> *El problema ya no será tanto preparar a los niños para vivir en sociedad determinada como, más bien, dotar a cada cual de fuerzas y puntos de referencia intelectuales permanentes, que les permitan comprender el mundo que le rodea y comportarse como un elemento responsable y justo. Más que nunca, la función esencial de la educación es conferir a todos los seres humanos la libertad de juicio, de sentimientos y de imaginación que necesitan, para que sus talentos alcancen la plenitud y sigan siendo artífices, en la medida de lo posible, de su destino* (DELORS, 1966, p.106-107).

A lista de valores pode ser ampla e cada escola pode fazer sua proposta particular, promovendo uma distinção entre as instituições e os diferentes estilos pedagógicos. Dessa forma, entendemos que toda escola transmite princípios, porém, é distinto o assento que se pode pôr nos valores éticos. Podemos falar de educação para uma vida saudável, educação para convivência e, em todos esses projetos, subtrai-se um mínimo conteúdo ético. Existe, portanto, uma pedagogia que propõe, de forma clara, um quadro de valores éticos e os coloca como nervo central de toda a ação Educativa.

A conversão de Santo Agostinho supõe uma mudança radical que também afeta o seu modo de entender a educação. A nova concepção educativa inclui a chamada explícita, a moral e a ética. As expectativas de Agostinho frente a seus alunos não são a acumulação de conhecimentos, muito menos a especialização em alguma disciplina, mas sim que seus alunos sejam, a cada dia, melhores (*De Ordine* 1, 11,33).

Essa perspectiva ética tem a sua origem no contexto do sistema educativo vigente no tempo de Santo Agostinho, apresentado anteriormente. Sua obra *Confissões* apresenta um panorama da escola tal como ele vivenciou.

Segundo Alcalde (2005) não se pode definir a metodologia agostiniana como algo fechado e perfeitamente definido. Teríamos que falar de alguns apoios metodológicos, de outros grandes referentes que canalizam toda a educação. De modo que, no momento de instrumentalizar estratégias, possa-se estabelecer programas ou organizar a vida escolar para que se ajustem a essas grandes pautas de ação.

A ausência de um método detalhado significa que existe um método velado, sempre presente, que equivale às grandes vias em que se move todo o trabalho educativo. Teremos sempre que nos perguntar se as atividades instrumentais selecionadas se enquadram nesse horizonte, onde vislumbramos uma escola humana e humanizadora, crítica, participativa, libertadora e promotora de valores éticos. [...] Quando as metas são definidas, é mais fácil escolher caminhos. A pergunta constante será: essa forma de agir com os alunos, essa atividade que vamos realizar, ela promove valores éticos? Incentiva a participação de um espírito crítico? Contribui para a humanização das nossas relações e o crescimento da liberdade? [...] O método, portanto, nada mais é do que o veículo que nos leva a uma jornada que vai além dos limites da sala de aula. (ALCALDE, 2005, p.151, tradução nossa).<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> *La ausencia de un método detallado significa que hay un método encubierto, siempre presente, que equivale a los grandes carriles sobre los que se mueve todo el quehacer educativo. Siempre tendremos que preguntarnos si las actividades instrumentales seleccionadas se ajustan a ese horizonte, donde vislumbramos una escuela humana y humanizadora, crítica, participativa, liberadora y promotora de valores éticos. [...] cuando están definidas las metas, es más fácil elegir caminos. La pregunta constante será: este modo de actuar con los alumnos, esta actividad que vamos realizar ¿promueve los valores éticos? ¿fomenta la participación del espíritu crítico? ¿contribuye a la humanización de nuestras*

A partir do exposto neste capítulo, em que se constatou que Agostinho de Hipona, por meio de suas obras de cunho educativo e, principalmente, do pensamento desenvolvido pelos frades da OSA, herdeiros desse legado, dialoga de forma concreta com a formação integral do ser humano que a educação se propõe. Agora, tendo como ponto de partida a tutoria, como próximo passo, investigaremos os elementos da metodologia agostiniana e como se articulam com o projeto de tutoria, garantindo uma educação humanizadora.

## CAPÍTULO 3

### **A TUTORIA COMO ELEMENTO CURRICULAR DE HUMANIZAÇÃO: FUNDAMENTOS, PRÁTICAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO AGOSTINIANA.**

A tutoria ainda é um campo em desbravamento. Existem diferentes estilos e concepções de tutoria que surgem de acordo com as necessidades e contextos de cada lugar, sempre em busca de responder melhor ao Projeto Educativo de cada instituição. A sua implementação nos colégios agostinianos não foi diferente.

Aspirando perceber como ocorreu esse processo, a princípio, buscaremos entender o que é a tutoria e o seu lugar dentro do currículo escolar. Posteriormente, investigaremos suas particularidades e práticas dentro dos colégios agostinianos e, finalmente, apresentaremos a contribuição da tutoria para o processo humanizador, a partir da perspectiva da comunidade escolar.

#### **3.1 A tutoria**

A palavra tutoria possui a sua raiz etimológica do latim *tutor;oris*, que significa, basicamente, “guarda, protetor e defensor” ou ainda “quem supervisiona, dirige, governa”, conforme a descrição do dicionário Houaiss (2009). A partir desses conceitos, podemos ter uma primeira impressão de que a tarefa da tutoria está em função da relação pessoal que se estabelece com o outro, sendo este outro um indivíduo que tenha limitação em se autogovernar.

A tutoria, hoje, pode ser entendida por diversos pontos de vista. Com o advento das tecnologias e sua inserção no campo educacional, o mais comum e com o qual as pessoas rapidamente realizam uma associação é quando nos referimos aos cursos superiores no ensino à distância. Ainda assim, no geral, não se tem clareza sobre o que realmente significa a tutoria, o que é o tutor e o papel que desempenha.

O essencial, neste momento, é buscarmos entender o conceito de tutoria aplicado à educação, qual o espaço que ela ocupa e como se desenvolve dentro da educação básica, conforme nos diz NOFFS; TORRES (2016, p.70)

O conceito de tutoria educacional caracteriza-se como um espaço curricular de acompanhamento, gestão e orientação individual ou em grupo desenvolvido por um professor-tutor, criando um espaço de

acolhimento aos educandos e a construção do sentimento de pertencimento a unidade escolar, na perspectiva de permanência e qualidades no processo ensino-aprendizagem, propiciando aos educandos a possibilidade de sucesso em sua vida pessoal, escolar e aos professores mudanças significativas em sua prática, bem como defende-se que o professor-tutor é agente fundamental para o desenvolvimento do princípio educativo da educação básica, a formação do sujeito histórico, apropriado da cultura humana.

Diante do exposto, é importante ressaltar que a tutoria é parte constituinte do currículo escolar e, com isso, diversas ações são necessárias para a sua prática. As ações apresentadas visam que o aluno se desenvolva a partir do que ele é, na sua singularidade, diante da diversidade que é a sala de aula.

Dessa maneira, podemos entender que a tutoria é uma possibilidade de personalização do ensino no qual o aluno é convidado, a partir da mediação e acompanhamento do seu professor-tutor, a gradativamente assumir a autonomia na sua trajetória acadêmica, visando ao seu desenvolvimento global ao longo dos anos escolares.

### **3.2 Caracterização da tutoria adotada nos colégios agostinianos**

A prática da tutoria no ensino básico ainda não é comum no Brasil. Hoje, pouco a pouco, já se escutam algumas experiências bem sucedidas a respeito dessa proposta na educação básica, e como ela vem colaborando positivamente para um melhor aproveitamento global do aluno dentro da instituição escolar.

Nessa perspectiva, é possível notar que, por mais que haja uma mesma proposta de tutoria, cada escola, a partir de sua missão e valores, precisa enfatizar certos aspectos e, dessa maneira, contribuir com diversas experiências, por não dizer estilos, iluminando outros espaços e apresentando possibilidades de inovação na educação.

Por isso, ao apresentar a tutoria no estilo agostiniano, tem-se a intenção de oferecer uma contribuição a mais nesse campo educativo que, aos poucos, vem conquistando o seu espaço nas nossas escolas aqui no Brasil.

#### **3.2.1 Contexto da implantação da tutoria nos Colégios Agostinianos no Brasil**

Para os Agostinianos, a tutoria não é um projeto desconhecido, tampouco distante. O esforço para trazer a experiência do programa de tutoria foi realizado pelos freis

espanhóis<sup>35</sup>, no final dos anos 90, na busca de atualizar o Projeto Educativo dos colégios pertencentes à Ordem de Santo Agostinho, no Brasil, que tem como objetivo principal a educação integral, que é considerada “ideal e característica da educação humanística e agostiniana, deve desenvolver todas as dimensões da pessoa: intelectual, socioafetiva e espiritual” (ARIAS, 2019, p.23), de modo que, ao aluno, no espaço escolar, seja garantido o seu desenvolvimento global dentro da sua trajetória ao longo dos anos.

Nessa busca de ofertar um ensino diferenciado que correspondesse às demandas educacionais e, diante da concepção de educação integral, a partir da experiência trazida dos agostinianos espanhóis do modelo da *Ley general de educación*<sup>36</sup>, do sistema de ensino público da Espanha, iniciou-se um processo de implementação do “Projeto de Tutoria”, inicialmente com o colégio Agostiniano São José, em 2004, localizado na cidade de São José do Rio Preto e, posteriormente, no colégio Santo Agostinho, em 2009., localizado em São Paulo, conforme testemunho do Fr. José Luís Arias (2019):

Considero que as experiências profundas e inovadoras para a educação integral, como é a nossa, abrangem quatro perguntas cujas respostas exigem: intencionalidade, capacidade de criação, autoria e competência. A primeira diz respeito ao perfil e papel do educador e a relação aluno-professor; a segunda refere-se à transformação do currículo e às metodologias, especialmente a avaliação; a terceira a uma reforma na estrutura organizacional do sistema educativo e em quarto lugar, ao espaço arquitetônico da atividade educacional que deve ser coerente com as alterações propostas. Nesse contexto, vejo os dez anos da tutoria como uma resposta à primeira dessas perguntas: a tutoria é um diferencial para o seu corpo docente na relação com os alunos. A educação que permanece fundamentada no seu Projeto Educativo, razão da sua existência mais do que na escolarização, acontece na relação aluno-professor. Quando um novo professor entra na sala de aula, o aluno se interessa antes pela pessoa do que pelo professor e o professor, que é tutor e comprometido com essa resposta, se interessa antes pelos alunos que pelo conteúdo, assumindo ser autor, criando e adaptando metas. [...]. Assim, o tutor estará coerente ao que diferencia em sua função além da escolarização: humanizar. (ARIAS, 2019, p.7-9).

Como é notório nesse depoimento, a finalidade da tutoria num colégio agostiniano

---

<sup>35</sup> Responsáveis pela presença da Ordem de Santo Agostinho no Brasil.

<sup>36</sup> O sistema de ensino público da Espanha dos anos 70 e, concretamente, a partir da “*Ley general de Educación*” considerava “a tutoria” eixo central da atividade educacional das escolas de Educação básica. Estabelecia que um professor indicado, entre os que lecionavam para a mesma turma, deveria assumir a tutoria. Posteriormente, em 1989, no “*Libro Blanco de la Reforma del Sistema Educativo*”, apresentava a tutoria como prática inerente à atividade docente de uma visão de uma educação integral. (ARIAS, 2019, p. 23-25).

é humanizar. E esse processo de humanização ocorre na interação do professor-aluno: essa interação acontece a partir do momento em que o docente vê o aluno como um ser humano que tem possibilidades e limitações, e o aluno percebe que o seu tutor é um acompanhante de jornada, que está para indicar caminhos e não um impositor de ideias.

Assim, a tutoria nos colégios agostinianos vem se aperfeiçoando, sendo coerente com a proposta do projeto educativo, que é a educação integral do ser humano.

### 3.2.2 Componentes da tutoria numa perspectiva agostiniana

Em sua obra “¿Cómo inquietar corazones?: guía práctica para la formación de profesores-tutores”, Fr. Elías Neira Arellano<sup>37</sup>(2019), adaptando a proposta de *Simon Sinek*, apresenta três componentes necessários, em ordem de importância, para uma tutoria que vise o desenvolvimento integral, a saber: o propósito transcendente, a comunidade educativa e a atividade tutorial.

Arellano (2019) aponta que o grande desafio consiste em que, muitas vezes, os colégios seguem o caminho reverso: iniciam com a atividade tutorial, porque a entendem como uma aula a mais, centrando-se apenas na programação de conteúdos e atividades programadas, convertendo a tutoria em pura teoria e atividades lúdicas, buscando atender, dessa forma, as expectativas da comunidade educativa, deixando de lado o propósito transcendente.

#### 3.2.2.1 Propósito transcendente

Segundo Arellano (2019), o propósito transcendente permite conectar a missão institucional com a vocação-missão de cada pessoa. Se essa conexão não ocorre adequadamente, o professor pouco contribuirá para a formação integral do estudante e, no melhor dos casos, não atrapalhará, e, tampouco, esse aluno se identificará com a escola, de maneira que a experimentará como uma prisão que lhe exige coisas que para

---

<sup>37</sup> Frei agostiniano pertencente a Província Agostiniana *Nuestra Señora de Gracia-Perú*, foi diretor do colégio San Agustín de Lima y Chiclayo e do Instituto ISAT, além de presidente do *CADE Educación 2017*, coordenador da comissão de educação do Peru e membro da comissão internacional dos Agostinianos. É magíster em Inovação, currículo e cultura institucional pela Universidad Complutense de Madrid; *Magíster* em Educação pela *Universidad Marcelino Champagnat*; *Licenciado* em Educação pela *Universidad Peruana Cayetano Heredia* e bachiller em Teologia. Atualmente é professor na Faculdade de Educação e gestão de aprendizagem da UPC e cursa *Doctorado de Humanidades con mención en cultura* na *Universidad de Piura*. Também realiza conferências relacionadas a temas como competência espiritual, tutoria, formação docente, cultura escolar e gestão educativa.

ele não tem sentido, nem maior valor. Por isso, ainda se destaca que,

O propósito concretiza a missão e o perfil da escola no cotidiano do professor e dá-lhe contenção diante da tensão que isso vai gerar. Por exemplo, se o perfil da escola propõe formar pessoas livres e responsáveis, diante de um menino de onze anos que sempre perde suas coisas deixando-as em lugares diferentes e esperando que seus pais e professores resolvam o problema, os professores devem evitar apanhar as coisas que perde e exigir que as procure e mande, caso contrário, terão que arcar com as consequências da sua irresponsabilidade, suportando a tensão que o possível acesso de raiva da criança trará e a reclamação dos pais que superprotegem seus filhos. Por esse motivo, a finalidade do formulário é feita no perfil do aluno (ARELLANO, 2019, p.79-80, tradução nossa)<sup>38</sup>.

É importante entendermos que o propósito funciona como um motor que nos impulsiona a fazer algo e a exercitar a nossa autonomia, de maneira que nos sentimos inspirados a atuar e dar sentido a todas as coisas que realizamos. Melhor ainda, se esse propósito for transcendente, quer dizer, que esteja no nosso interior e, por isso, não limite a nossa liberdade. (ARELLANO, 2019).

Diante dessa perspectiva, Arellano (2019) sugere que os tutores ajudem os estudantes na sua formação, aproveitando-se da particularidade de cada um, por meio de cada conflito pessoal e grupal, cada crise e cada problema, como uma aprendizagem vital, de forma que o tutor desempenhe o labor de “inquietar corações” por meio de perguntas que estimulem a busca da Verdade de si, do outro, do mundo e de Deus.

### 3.2.2.2 Comunidade educativa

Uma comunidade educativa é mais do que uma equipe, pois seu propósito deve ser a educação de todos a partir da convivência e trabalho comum, pois educar é “liderar ou orientar alguém para germinar e desenvolver todas as potencialidades que possui” (ARELLANO, 2019, p. 80, tradução nossa)<sup>39</sup> tornando, assim, o educando protagonista do seu processo de desenvolvimento integral.

---

<sup>38</sup> *El propósito concretiza la misión y el perfil de la escuela en día a día del maestro y de le da contención ante la tensión que generará. Por ejemplo, si el perfil de la escuela propone formar personas libres y responsables, ante un niño de once años que siempre pierde sus cosas dejándolas en diversos lugares y esperando que sus padres y profesores le solucionen el problema, los maestros deben evitar recogerle las cosas que pierde y exigir que las busque y ordene, de lo contrario, tendrán que asumir la consecuencias de su irresponsabilidad, soportando la tensión que traerá el posible berrinche del niño que y la queja de los padres que sobreprotegen a su hijo. Por esto se hace el propósito de forma en el perfil al estudiante (ARELLANO, 2019, p.79-80).*

<sup>39</sup> *“conducir o guiar a alguien para que germine y desarrolle todas las potencialidades que tiene” (ARELLANO, 2019, p. 80)*

Para que o educando possa desenvolver-se, faz-se necessário que na comunidade educativa seja permissível a diversidade. Por isso, para ser uma comunidade que educa os seus membros, é necessário que seja “uma unidade na diversidade, que valoriza as diferenças assumindo-as como uma riqueza quando os conflitos que toda adversidade traz consigo são orquestrados e utilizados como oportunidade de aprendizagem para todos.” (ARELLANO, 2019, p. 80, tradução nossa)<sup>40</sup>.

Assim, seguindo o pensamento de Arellano (2019), o clima de uma comunidade educativa é tarefa e responsabilidade de todos seus membros, não apenas do tutor. Aliás, quando se impõe esse “peso” sobre o tutor, o próprio autor já adverte que a tutoria pode ser entendida apenas como “o cuidado da harmonia entre os alunos da sala de aula entre si, entre os pais da família e a escola, e entre os alunos e os demais professores.” (ARELLANO, 2019, p. 80, tradução nossa)<sup>41</sup>.

Quando se propõe a comunidade educativa como um dos componentes da tutoria, pelo contrário do dito anteriormente, quer se sugerir justamente que esta seja um lugar de apoio e desenvolvimento mútuo, em que todos olham e caminham para a mesma direção diante da diversidade pela qual está composta.

### 3.2.2.3 Atividade tutorial

A atividade tutorial, segundo a concepção de Arellano (2019, p.81) “É o conjunto de atividades que foram elaboradas para serem realizadas na tutoria” (tradução nossa)<sup>42</sup>. O tutor é o gestor destas atividades, desde o seu planejamento até a sua avaliação, passando pela execução com a devida coordenação.

Essas atividades se convertem em pretexto para o conhecimento mútuo e pessoal, à medida que haja um propósito claro e a participação de toda a comunidade escolar. Seria lamentável que a tutoria fosse compreendida como mais uma disciplina, pois quando isso acontece, alerta Arellano (2019, p.76) “essas atividades podem ser perfeitas sem causar nenhum impacto significativo na vida dos alunos”(tradução nossa).<sup>43</sup> E quando falamos

---

<sup>40</sup> *“una unidad en la diversidad, que valore las diferencias asumiéndolas como una riqueza cuando se orquestan los conflictos que toda adversidad trae consigo y se aprovechan como una oportunidad de aprendizaje para todos”* (ARELLANO, 2019, p. 80).

<sup>41</sup> *“el cuidado de la armonía entre los estudiantes del aula entre sí, entre los padres de familia y escuela y entre los estudiantes y los demás maestros”* (ARELLANO, 2019, p. 80).

<sup>42</sup> *“es el conjunto de actividades que se han diseñado para ser realizadas a tutoría”* (ARELLANO, 2019, p.81)

<sup>43</sup> *“estas actividades pueden salir perfectas sin tener ningún impacto significativo en la vida de los estudiantes”* (ARELLANO, 2019, p.76).

em atividades tutoriais, queremos enfatizar que, diferente das disciplinas tradicionais comumente encontradas na escola, a tutoria por meio das suas atividades é uma oportunidade de atingir outros campos do ser humano que dificilmente seriam contemplados no currículo tradicional.

Em suma, como pôde ser constatado, os três componentes (o propósito transcendente, a comunidade educativa e a atividade tutorial) possuem sua importância no programa de tutoria, por isso, é necessária uma integração realizada de forma harmônica desses componentes para que, assim, a tutoria cumpra eficazmente seu objetivo dentro do currículo escolar.

### 3.3 O tutor

Conforme Galve e Flores (2002), a tutoria nunca pode ser uma ação isolada, antes, necessita ser uma ação coletiva e coordenada, que implica a todos os professores da instituição, especialmente, os tutores.

Como tudo na escola, a responsabilidade primeira é de toda equipe diretiva, assim como os coordenadores e orientação educacional. O tutor não pode estar só diante de sua árdua tarefa, mas precisa de apoio, principalmente junto ao núcleo de orientação (GALVE; FLORES, 2002). Por isso, inicialmente, necessitamos entender quem é o tutor dentro desse espaço escolar em concreto, para, assim, avançarmos nas suas funções.

A partir da concepção de Galve e Flores (2002), podemos definir que o tutor é o professor que coordena os processos educativos de um grupo ou classe, coordenando a dinâmica educativa e orientando os seus alunos por meio do Plano de Ação Tutorial.

Para Galve e Flores (2002, p.105), o tutor é o professor que mediante técnicas específicas:

Conhece os alunos da sua turma ou grupo; orienta e ajuda cada um de seus alunos; coordena a ação do restante dos professores; coordena a ação de outros profissionais envolvidos na formação de seus alunos e de seus pais ou responsáveis legais; dirige e coordena o processo ensino-aprendizagem<sup>44</sup>.

Diante de tais responsabilidades, buscamos sintetizar, no quadro abaixo, alguns princípios que Galve y García (1992) apresentam e que devem guiar o tutor em suas

---

<sup>44</sup> Conoce a los alumnos de su clase o grupo; orienta y ayuda a cada uno de sus alumnos; coordina la acción del resto de los profesores; coordina la acción de otros profesionales implicados en la educación de sus alumnos y de los propios padres o tutores legales; dirige y coordina el proceso de enseñanza-aprendizaje (GALVE; FLORES, 2002, p. 105)

ações.

Quadro 1 – Síntese dos princípios que o tutor deve ser e saber.

Princípios	Deve ser	Deve saber
Com os alunos se quiseres conseguir algo, deve-se colocar-se a seu nível.	Flexível, não rígido.	Educar: formar e informar, em outras palavras, ajudar e aprender.
Ao aluno tem que dar-lhe o que necessita e o que convém e não sempre o que ele pede.	Deve ser compreensivo, não ingênuo.	Motivar o aluno sem colocar-lhe excessivas expectativas.
Toda ação tutorial vai acompanhada de burocracia, expedientes, questionários, inventários escalas registros etc.	Hábil para sugerir e não para impor.	Prestar atenção no momento adequado já que atenção é um reforçador positivo que contribui na manutenção, tanto de condutas adequadas como inadequadas.
Não existem receitas universais na educação. Este trabalho costuma ser longo e custoso em tempo e esforço.	Firme, não volúvel.	Exigir sem ter que castigar.
Mostre a sua autoridade quando for necessário, porém, não se comporte de modo autoritário.	Confiável sem intrometer-se na vida do aluno, porém, fazendo-se merecedor de sua confiança.  Amável, sempre.	Exercer autoridade no momento adequado, nunca deverá atuar autoritariamente.  Transmitir afeto sem chegar a ser superprotetor.
Não trates ao adolescente como adulto nem como uma criança. Trate a criança com uma criança, não como ignorante	Com mentalidade aberta capaz de sintonizar com a idade de seus alunos, seus interesses e atitudes.  Assertivo, seguro, não agressivo nem passivo.	Quais são as contradições e inseguranças de cada idade.
Conhecer as possibilidades e limitações, interesses graus de esforços do grupo e de cada indivíduo.	Bom observador dos Progressos e dificuldades.	Ajudar o aluno no maior número possível das áreas da sua vida.

Fonte: elaborado pelo autor a partir do texto de Galve y García (1992).

Como podemos verificar no quadro acima, o tutor precisa de alguns princípios básicos para a sua atuação frente aos alunos. Porém, não se exige apenas que se tenha esses princípios teoricamente assimilados, é necessário que a postura que compõe o

próprio ser docente e o projeto educativo, quer dizer, os valores e missão institucional estejam bem alinhados para bem vivenciá-los, porque, caso contrário, não surgirão os efeitos esperados.

### 3.4 Ações tutoriais

Para entender como a tutoria vem a ser um componente curricular que colabora para o processo de humanização no espaço escolar, isto é, para o desenvolvimento global das capacidades do aluno, é necessário conhecer quais ações ela utiliza para realizar tal tarefa.

Como referência para aprofundamento do tema, temos o Plano Educativo 02 – Tutoria de um dos colégios agostinianos (anexo A), a Pasta do Tutor (Anexo B) e, como embasamento teórico para análise, temos as contribuições de Galve; Flores (2002) e Galve; García (1992), autores espanhóis versados sobre o tema de tutoria na educação básica.

#### 3.4.1. Entrevista ou sondagem tutorial

Diante dos documentos da instituição, relativos à tutoria, nos deparamos com a Pasta do Tutor (Anexo B). Nela encontramos alguns instrumentais utilizados pelo tutor durante o ano letivo. O aluno, desde que ingressa na instituição e avança na sua trajetória acadêmica, possui uma pasta com todas as informações coletadas durante o seu processo de desenvolvimento pessoal.

Assim, para realizar o acompanhamento do aluno, o tutor necessita dessas informações, como também realiza uma entrevista com os pais, ao se tratar de alunos da Educação Infantil ao 5º ano dos Anos Iniciais; ou a sondagem tutorial, referente aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental aos Anos Finais ao Ensino Médio.

Como podemos verificar, a sondagem tutorial, de acordo com o modelo em anexo, trata de um questionário respondido por escrito, aplicado pelo tutor e respondido pelo aluno, sem ou com a companhia dos pais, composto por perguntas direcionadas à vida do estudante, com ênfase na sua vida acadêmica e a outras dimensões do ser humano que possam contribuir ou não ao seu desenvolvimento integral.

Nesse sentido, B. Bailard *apud* Galve e Flores (2002, p.223) define esse momento como “um encontro amistoso de duas ou mais pessoas que sentem pela mesma pessoa e

falam sem formalidades como propósito construtivo” (tradução nossa)<sup>45</sup>, pois é visando o crescimento do estudante que todos os envolvidos necessitam colaborar de maneira sincera e aberta para que se busquem as melhores possibilidades de aprendizagem.

A estrutura da sondagem tutorial está dividida em informações pessoais elementares em nível pessoal e escolar, buscando entender como o estudante se encontra no seio familiar e em qual contexto escolar do ano vigente.

Depois, procura-se conhecer as atividades extracurriculares realizadas dentro e fora da instituição que perpassam diferentes dimensões formativas. Um outro aspecto é a forma como o aluno se comporta frente a seus estudos. Por fim, são estabelecidas metas em nível acadêmico e pessoal que, ao final de cada semestre, são avaliadas e revisadas para um novo direcionamento.

O tutor, com esse instrumento, tem em suas mãos informações que lhe permitirão construir um Plano de Ação Tutorial individual, para assim, realizar, com o aluno, um caminho consciente do seu próprio crescimento.

#### 3.4.2 Plano de Ação Tutorial (PAT)

Como tudo dentro da escola, o Plano de Ação Tutorial deve ser precedido de uma reflexão, tendo como base o contexto real em que a instituição está inserida, incluindo, o aluno e sua família. Por isso, antes de tudo, o tutor necessita realizar a sondagem tutorial, para, junto com o aluno, elaborar o Plano de Ação Tutorial.

Esse plano seria uma resposta organizada da escola por meio da tutoria para personalizar os processos de ensino-aprendizagem dos seus alunos, assim, de igual forma, concebe-se o tutor como o mediador entre os alunos, os professores e os pais ou, dito de outra forma, entre os pais e o aluno e entre o aluno e seus professores. Dentro dessa perspectiva, trata-se de articular e dotar de maior coerência a proposta curricular geral que se oferece ao grupo de alunos, de forma a concretizá-la da maneira mais específica possível (GALVE; FLORES, 2002).

Podemos entender que o Plano de Ação Tutorial é um processo integral e personalizado, que está intrínseco à própria ação docente e cuja finalidade última é facilitar a integração pessoal dos processos de aprendizagem que se realizarão, tanto no plano individual, como no coletivo (GALVE; FLORES, 2002).

---

<sup>45</sup> “un encuentro amistoso de dos o más personas que sienten por una misma persona y hablan sin formalismos con fin constructivo” (BAILARD *apud* GALVE; FLORES, 2002, p.223).

Segundo Galve e Flores (2002), a ação tutorial inicia-se quando o aluno se matricula na escola, o acompanha ao longo da sua caminhada dentro da instituição e, sobretudo, seus efeitos irão perpassar durante toda sua vida escolar.

Como toda a comunidade educativa precisa estar inserida na ação tutorial, existem diferentes níveis de responsabilidade em seu desenvolvimento. Conforme Galve e Flores (2002), a equipe diretiva deve facilitar as condições para que os valores, missões e concepções, que estão dispostos no Projeto Educativo da escola, desenvolvam-se e se concretizem no Plano de Ação Tutorial, porém, é a figura do orientador educacional que deve contribuir com elementos técnicos para qualificar e facilitar a ação de cada tutor, pois ele deve ser o dinamizador principal.

Por último, a equipe docente desenvolve um papel fundamental, tanto por ser a maioria tutores, como por também serem colaboradores dos tutores por mediar cada componente curricular como professores especialistas de cada área do conhecimento. Por essa razão, é preciso entender a ação tutorial como um trabalho de equipe em que o tutor é o coordenador e responsável de cada grupo, porém, não é o único responsável de realizar tal ação. (GALVE; FLORES, 2002).

Assim, Galve e Flores (2002) resumem em oito pontos objetivos básicos o Plano de Ação Tutorial:

1. Favorecer a interação entre professores e alunos: trata-se de coordenar o desenvolvimento das programações dos processos de avaliação, as interações que se produzem durante a aula, nos processos de ensino-aprendizagem.
2. Coordenar a informação relativa a seus alunos: elaboração e dinamização dos canais de informação complementação de documentos, entre outras.
3. Coordenar os processos de avaliação de seus tutorandos, fazendo-se que se respeite a legislação vigente e seu desenvolvimento contemplado no projeto curricular da escola.
4. Assessorar, informar as famílias sobre os progressos de seus filhos: dificuldades de aprendizagem, aptidões, eleição de atividades extracurriculares, entre outras.
5. Fomentar a integração e participação de cada um dos componentes dos grupos na sala de aula e dinâmica geral da escola.
6. Realizar o seguimento do processo de ensino e aprendizagem de seus alunos, colaborando na superação de suas dificuldades de aprendizagem e das necessidades educativas especiais, com a finalidade de dar respostas educativas

pertinentes.

7. Orientar para o desenvolvimento pessoal e profissional de seus alunos mediante o assessoramento na eleição de componentes curriculares optativos.
8. Orientar profissionalmente e vocacionalmente seus alunos na busca de itinerários educativos e opções de trabalho ao finalizar os estudos atuais

A partir do demonstrado a respeito da figura do tutor e do PAT, Galve e Flores (2002 p. 120-124) apresentam algumas atitudes do tutor frente aos alunos (classe e no individual), aos demais professores, e à família e que buscamos sintetizar no quadro abaixo.

Quadro 2 – Atitudes do tutor frente aos alunos (classe e no individual), aos demais professores, e a família.

	Alunos	Aos outros professores	Famílias
Objetivos	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Fomentar e facilitar a integração dos alunos na sua classe e na dinâmica da escola.</li> <li>2. Contribuir para a individualização e personalização dos processos de ensino-aprendizagem.</li> <li>3. Coordenar o processo de avaliação dos alunos.</li> <li>4. Assessorar e orientar os alunos sobre a passagem de um ano para o outro.</li> <li>5. Fomentar o desenvolvimento de atitudes participativas na escola e no seu entorno sociocultural.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Coordenar adequadamente as programações dos conteúdos com o grupo de alunos, especialmente os que possuem necessidades educativas especiais.</li> <li>2. Coordenar o processo de avaliação desenvolvido pelos professores do seu grupo de tutorandos.</li> <li>3. Possibilitar, junto com os demais professores, linhas de ação comuns para auxiliar os alunos em aspectos que mais necessitem.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Fomentar e contribuir para o estabelecimento de relações adequadas com pais de alunos.</li> <li>2. Envolver, na medida do possível, os pais no apoio à aprendizagem e orientação de seus filhos.</li> <li>3. Informar, assessorar e orientar os pais em todos os assuntos que afetem a educação de seus filhos.</li> </ol>
Organização tutorial	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Garantir a participação do grupo na construção do PAT, no planejamento e seleção das atividades.</li> <li>2. Trabalhar, fundamentalmente, por meio de entrevistas individuais do tutor com</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Organização de reuniões entre o tutor e os demais professores.</li> <li>2. Coordenar as avaliações de seu grupo garantindo que o processo de ensino-</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Reuniões coletivas e individuais com os pais.</li> <li>2. Comunicar as incidências significativas a respeito de seus filhos.</li> </ol>

	seus alunos. É conveniente preparar-se com roteiros e realizar registros nos devidos instrumentais.	aprendizagem mantenha sua devida coerência.	
Propostas de possíveis atividades	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Realizar atividades de acolhida no início do ano letivo.</li> <li>2. Informar sobre o regimento interno da instituição.</li> <li>3. Explicar as funções e tarefas da ação tutorial, solicitando que sugiram, no momento posterior, atividades a serem realizadas.</li> <li>4. Conhecer individualmente cada membro do grupo, visando favorecer sua adaptação.</li> <li>5. Fomentar no aluno o conhecimento e aceitação de si mesmo.</li> <li>6. Aprofundar o conhecimento e atitudes de cada aluno para auxiliá-los nas tomadas de decisões.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conhecer e contribuir na programação de objetivos curriculares e aspectos metodológicos que se desenvolverão nas distintas áreas de conhecimentos.</li> <li>2. Recolher informações, opiniões e propostas dos demais membros da equipe docente.</li> <li>3. Coordenar, junto com os demais membros docentes, as avaliações, que deverão ajustar-se aos princípios de avaliação contínua, sendo ao mesmo tempo formativa e de orientação.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Realizar uma reunião ao começo do curso para informar sobre a trajetória acadêmica do ano letivo;</li> <li>2. Realizar entrevistas individuais com os pais, bem com a solicitação do tutor ou dos próprios pais.</li> </ol>

Fonte: elaborado pelo autor a partir do texto de Galve y García (2002).

### 3.5 A contribuição da tutoria a partir da perspectiva da comunidade escolar

No ano de 2019, o Colégio Santo Agostinho – SP apresentou o livro “Colégio Santo Agostinho: tutoria em ação” no qual destacamos diversos relatos de alguns membros da comunidade escolar, como eles enxergam o programa de tutoria dentro da instituição e de que maneira este contribui para uma educação humanizadora.

O tutor tem o papel que ultrapassa os limites de conteúdos programáticos. Ser tutor é amparar e orientar o seu grupo. No decorrer dos anos de atuação como tutora, tive a oportunidade de experimentar uma mudança na prática e posso afirmar que, na mudança, o sucesso se faz presente. Regiane Marabello - Tutora no Ensino Fundamental I (p.46)

Conforme o relato, percebemos que ser tutor é um construir-se que requer comprometimento de quem aceita a missão. “Ir além dos conteúdos programáticos” é um deixar-se envolver por aquele que lhe foi confiado, é olhar o outro como possibilidade mediante suas limitações que envolve o contexto de cada ser humano. Acima de tudo é entender que o ser docente, nesse caso, professor-tutor coloca-se numa constante desconstrução para junto com o outro (aluno e/ou grupo) elaborar uma nova forma de prática.

Nesse processo, existe algo que é preciso ter consciência: o ser pessoa e o profissional andam juntos. Não é um projeto que é possível assumir em um só nível. É necessário abraçar o todo, para assim receber os frutos no seu tempo certo, como nos relata a professora Rosely:

“Quando nos foi apresentado o projeto de tutoria, achei que não havia diferença do que praticava com os meus alunos: um grande engano! Nesses dez anos foram muitas as experiências vividas, oportunidades de crescermos pessoalmente e profissionalmente. Ocorreram momentos que agimos com os alunos, no grupo ou individualmente, conseguindo, juntos, encontrar caminhos para o desenvolvimento social, moral e espiritual”. Rosely Brito da Silva Rizzi - Tutora no Ensino Fundamental I (p.47)

Os diferentes momentos, formas e campos de atuação só nos confirmam que a tutoria é um caminho possível de elaborar uma nova forma de fazer educação. Uma educação incluyente e, ao mesmo tempo, personalizada que se constrói junto com o aluno, no individual, e, também, na coletividade das diferenças, nos mais diferentes âmbitos que compõem a complexidade humana.

Hoje temos a plena certeza de que estar em Tutoria é fazer parte de um projeto que tem como objetivo a Educação Integral. [...] aprimoramos nosso olhar constantemente. Olhamos cada aluno como ser único. Aprendemos que educar é humanizar, é preparar cada ser para os desafios e dificuldades pessoais, encarando cada experiência como uma oportunidade de crescimento. [...] A Tutoria é um diferencial na Educação Agostiniana e representa um benefício não somente para os alunos, mas para nós, tutores, também. Regina Célia Ruiz – Tutora do Ensino Fundamental II (p.48-49)

Acredita-se que, ao se falar em educação humanizadora, automaticamente, estamos falando em educação integral, pois o ser humano somente pode se tornar realmente humano se ele estiver integrado, por isso, a tutoria só vem a contribuir conforme o relato abaixo:

A vida do estudante do ensino médio é repleta de demandas: o desempenho acadêmico, os planos futuros, as amizades que quase sempre mudam em alguma medida no decorrer da adolescência, a relação familiar entre outros. [...] o trabalho de tutoria lida com a pessoa humana em seu processo de descoberta dos saberes do mundo e de si. Inicia-se no diálogo um processo que vai além da expectativa de todos. Em cada conversa, tutor, aluno e responsável acadêmico se colocam diante de histórias pessoais de alegria e de dor, de dúvidas e certezas, de descobertas e indagações que são elaboradas no diálogo. [...] Estratégias de ação e compromissos são feitos para a superação de desafios. Laços de confiança são reafirmados. O aprendizado que se cria sobre os saberes e a própria vida se manifesta na individualidade de cada pessoa envolvida no processo, enriquece a todos e a todas na tutoria. Divino Amaral – Tutor no Ensino Médio (p.50-52)

Como visto, são muitos os autores que participam da tutoria para que sejam alcançados os objetivos propostos. É o tutor que acompanha com suas percepções, é o aluno que se depara com suas limitações e anseios e os pais que acompanham e realizam a sua parte nessa tarefa. Cada um tem a sua participação nesse processo. Cada um coloca um pouco de si e se compromete rumo à transformação global do estudante, como percebemos nesse relato:

A prática da tutoria me surpreendeu muito positivamente desde o início. No CSA, encontrei todo o suporte para que as minhas filhas se desenvolvessem de acordo com as suas características individuais, ao mesmo tempo em que elas se sentem inseridas e acolhidas no grupo. A parceria com que as tutoras trabalham com a família é uma importante chave nesse processo. Outro ponto importante é que a tutoria promove uma continuidade no trabalho, ano após ano, e não uma experiência frustrante de ter que recomeçar tudo a cada ano. Cecília Teixeira, mãe de alunos do Ensino Fundamental I (p.60)

Uma das características mais significativas nesse projeto, além do tratamento às particularidades de cada sujeito, é a continuidade do trabalho. A tutoria, ao se propor a entender o todo, não deixa de lado o que fora construído anteriormente. Em outras palavras, ao considerar a história de cada indivíduo, a tutoria deseja, a partir dela, desbravar novas e maiores possibilidades para cada ser humano, buscando desenvolver, ao máximo, o que cada um tem de melhor dentro de si.

Em via de conclusão, a investigação a qual nos propusemos apontou que o projeto tutoria, de fato, torna-se um componente curricular humanizador, à medida que os tutores se utilizam dele para a sua atuação frente aos alunos, a família e a própria escola, e tendo como suporte a metodologia agostiniana, garantindo que diversos aspectos que compõem o ser humano sejam considerados no processo de desenvolvimento integral do aluno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste caminho, investigamos e refletimos sobre a educação humanizadora, numa perspectiva agostiniana, por meio do olhar da tutoria diante da complexidade do ser humano que se encontra em constante desenvolvimento, da grandiosidade do pensamento de Santo Agostinho sobre a Educação e do projeto de tutoria na Educação básica em uma instituição agostiniana.

Ao longo da pesquisa, que teve como seu contexto o problema de educar e aprender e a prioridade do intelecto sobre as demais dimensões do ser humano, buscou-se responder à seguinte problemática: como o projeto de tutoria escolar se articula com a metodologia agostiniana para uma educação humanizadora?

Visando responder a tal questionamento, essas referências evidenciaram em seus resultados, neste momento, que o projeto de tutoria, de fato, articula-se com o pensamento e a metodologia agostiniana, tendo em comum o interesse pelo ser humano na sua globalidade. Ambos, com a particularidade e convergência de seus elementos, estão preocupados com todo o processo, garantindo que o educando tenha todas as condições internas e externas para o seu desenvolvimento integral, de maneira que esse caminho se torne humanizado à medida que é considerado, não apenas o momento presente dos protagonistas professor e/ou aluno, mas em toda a sua trajetória e contexto que carregam suas potencialidades e limitações.

Para chegarmos a esse entendimento, a pesquisa debruçou-se, logo no seu início, em investigar a condição humana e como a educação contribui para o desenvolvimento integral do ser humano. Compreendemos os subsídios das quais a educação se utiliza na construção desse ser. A ideia de uma educação humanizada articulada com a educação cristã abriu o caminho para essa humanização, pois, como foi apresentado, o cristianismo, por assumir que a dignidade do ser humano está vinculada a ele enquanto pessoa constituída como imagem e semelhança de Deus, busca, na sua missão educativa, desenvolver todas as potencialidades desse ser humano.

Em seguida, apresentou-se a herança do pensamento de Santo Agostinho voltado para a Educação, seu desenvolvimento por meio de uma metodologia própria e o estilo do colégio agostiniano assumido pela Ordem de Santo Agostinho no mundo e, principalmente, no Brasil. Aqui, conseguimos entender que o projeto de tutoria, quando inserido na metodologia agostiniana, fruto do pensamento de Santo Agostinho e reflexão dos frades, pode ser considerado uma metodologia propriamente humanizadora, pois, por

ser ela, também, um ramo da educação cristã, está repleta de características e valores próprios que dialogam com os anseios da sociedade presente e buscam colaborar para o aflorar holístico do ser humano, construindo, assim, uma sociedade mais atenta na atuação frente às necessidades desse próprio ser humano.

Como a tutoria é um campo em exploração, principalmente ao se tratar da educação básica, por suas diferentes propostas e ênfases, buscamos conceituá-la, verificando seus componentes, a atuação dos tutores e suas ações dentro dos colégios agostinianos. A partir da visão desses elementos, em conjunto com os olhares de alguns membros da comunidade educativa, evidenciou-se que o projeto de tutoria, dentro do espaço educativo, é um componente curricular humanizador relevante.

Assim, foi possível assumir que o pensamento e a metodologia agostiniana complementam e alicerçam o projeto de tutoria, pois oferecem elementos a todos os personagens da comunidade educativa envolvidos que se nortearem na sua atividade pedagógica.

Acredita-se que a opção pela abordagem qualitativa, primeiramente nos capítulos um e dois, a pesquisa bibliográfica e, logo em seguida, a pesquisa documental no capítulo três foram essenciais para alcançarmos os objetivos aos quais nos propusemos ao longo da pesquisa e, assim, apresentar um resultado significativo para o campo educacional.

O desafio desta pesquisa foi investigar e descobrir teóricos que lidam com seriedade e sensibilidade o tema da educação humanizadora. Esse estudo corroborou na redescoberta da riqueza dos escritos de Agostinho de Hipona e seus discípulos, que se debruçam até os dias de hoje sobre a sua literatura que ainda é tão pouco difundida no campo educacional aqui no Brasil. E, sobretudo, aprofundar a respeito da tutoria adotada pelos colégios agostinianos, por meio dos documentos institucionais, deixando claro que é algo possível e com um impacto significativo dentro do espaço escolar, do currículo, da gestão, nas diferentes dimensões pedagógicas, sociais, educacionais, dentre outras dimensões.

O presente trabalho, ao responder à problemática inicial, estimula os pesquisadores a outras questões. Ainda temos perguntas a serem feitas: todos os educadores passaram por um processo de humanização na sua formação escolar? Como os tutores são formados e acompanhados no espaço escolar? Como a família está inserida e é colaboradora nesse processo humanizador? Dentre tantas outras perguntas que esse estudo pode nos suscitar.

Diante desses questionamentos, temos a certeza de que o primeiro passo foi dado. É o primeiro degrau de muitos a serem escalados... Tantas indagações que ainda precisamos explorar nesse complexo e belo mundo da Educação. Os desafios estão postos. Perguntas a serem feitas, refeitas e estudadas... Existem lutas a serem vencidas... Seres humanos a serem desabrochados...

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Mere. **Perspectivas de abordagem do Currículo no novo milênio**. Recife: Bagaço, 2006.

\_\_\_\_\_. **A importância dos grupos de formação reflexiva docente no interior dos cursos universitários**. CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs). Temas e textos em metodologia do ensino superior. Papyrus editora, 2002.

AGOSTINHO, Santo. **A Doutrina Cristã**. Tradução Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002. Título original: *De doctrina christiana*. ISBN 85-349-1714-0

\_\_\_\_\_. **A Ordem**. Tradução frei Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. Título original: *De Ordine*.

\_\_\_\_\_. **A Trindade**. Tradução frei Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995. Título original: *De Trinitate*.

\_\_\_\_\_. **Carta 101**. Traducción Fray Lope Cilleruelo, OSA. Disponível em: <http://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index.htm> acesso em 18 de nov. 2020. Título original: *Epistolae*.

\_\_\_\_\_. **Confissões**. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997. Título original: *Confessiones*.

\_\_\_\_\_. **O Mestre**. Tradução frei Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. Título original: *De Magistro*.

\_\_\_\_\_. **O livro Arbítrio**. Tradução Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. Título original: *De libero arbítrio*.

\_\_\_\_\_. **Primeira catequese aos não cristãos**. Tradução D. Paulo A. Mascarenhas, Roxo, Opraem. São Paulo: Paulus, 2013. Título original: *De Catechizandis Rudibus*.

\_\_\_\_\_. **Sermão 169**. Traducción Pio de Luis Vizcaíno, OSA. Disponível em: <http://www.augustinus.it/spagnolo/discorsi/index.htm> acesso em 18 de nov. 2020. Título original: *Sermones*.

\_\_\_\_\_. **La corrección y la gracia**. Traducción Victorino Capánaga, OAR. Disponível em: [http://www.augustinus.it/spagnolo/correzione\\_grazia/index.htm](http://www.augustinus.it/spagnolo/correzione_grazia/index.htm) Acesso em 18 de nov. 2020. Título original: *De correptione et gratia*.

ALCALDE, Agustín. **Método, desafios y parábolas de la educación agustiniana**. In: PELÁEZ, Jesús Cano (Coord.). *Una educación agustiniana personalizante para la cultura post moderna*. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello; Colegio San Agustín, 2005.

ALCALDE, Agustín. *¿Cómo enseñar en un colegio agustiniano? Líneas metodológicas*. In: JUÁREZ, M. (Orgs.) *Perfil del colegio agustiniano*. Madrid: FAE, 1998.

ANDRADE, Luiz Antônio Botelho; Silva, Edson Pereira da; Passos, Eduardo. **O que é ser humano?** Ciências & Cognição 2007; Vol 12: 178-191 Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>> Acesso em 10 de nov. 2020.

ANTUNES, Celso. **Introdução à Educação**. São Paulo: Paulus, 2014.

**ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL**. Disponível em: < <https://anec.org.br/sobre/> > Acesso em 15 de nov. 2019.

ARELLANO, Elías Neira. **¿Cómo inquietar corazones?: guía práctica para la formación de profesores-tutores**. Lima: ediciones SM, 2019.

ARIAS, Jose Luís. **Retrospectiva histórica da implantação da tutoria nos colégios da Província Agostiniana do Brasil**. Colégio Santo Agostinho: tutoria em ação. São Paulo, SIS: 2019.

BRASIL. **Lei Nº 9.394**, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Brasília, DF: 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso 18 Nov. 2019.

BORGES, Inês. Augusto. **Educação e Personalidade: A dimensão sócio-histórica da educação cristã**. São Paulo: Mackenzie, 2002.

CASTANHO, S. (Org.) **Temas e textos em metodologia do Ensino Superior**. Papyrus editora, 2002.

PONCE, Branca Jurema. **Como anda o prazer na escola?** CONGRESSO DE EDUCADORES AGOSTINIANOS, nº II, 1999, Belo Horizonte. Educação e humanização: A utopia agostiniana. Goiânia: Max Gráfica & Editora, 1999.

**Constituições da Ordem**: Regras e constituições da Ordem de Santo Agostinho. Cúria Geral Agostiniana, Roma, 2008.

DELORS, Jacques. **La educación encierra un tesoro**. Informe a la UNESCO de la comisión Internacional sobre la educación para el siglo XXI, Madrid: Santillana UNESCO, 1966.

DOMINGUES, J. **O cotidiano da escola do 1º grau: o sonho e a realidade**. São Paulo: Editora da PUCSP, 1988.

EQUIPO PASTORAL FAE, *directorio pastoral agustiniano*, Espanha: FAE, 1986.

FILHO, N. **Avaliação do enfoque dominante de currículo na faculdade de arquitetura e urbanismo de Santos**. Revista Educação e Avaliação ano nº2 jan 1981.

FINCIAS, Francisco Galende. *El modelo educativo Agustiniiano*. BERDON, Eusebio B.(Org.). *Elementos básicos de pedagogía agustiniana*. Roma: Pubblicazioni Agostiniane, Curia Generalizia Agostiniana, 2006.

FRAIJÓ, F. **Racionalidad de las convicciones religiosas**. In: GÓMEZ, J. (Org.) *Religión*. Madrid: Ed. Trotta, 1993.

FRANCO, M.A. do R.S. **A metodologia da pesquisa educacional como construtora da práxis investigativa**. Nuances: estudos sobre educação. Presidente Prudente, v. 9, n.9/10, p. 189-208, jan./jun. e jul./dez. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 2019.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e terra, 2019.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 2019.

GALVE, José Luis Manzano; GARCÍA, E. M. Peréz. *La Acción Tutorial en la enseñanza no universitaria*. Madrid: CEPE, 1992.

GALVE, José Luis Manzano; FLORES, Carlos Luis Ayala. *Orientación y acción tutoria “de la teoría a la práctica”*. Madrid: CEPE, 2002.

GARCÍA, Joaquín. *La educación en cambio de milênio*. Santander: ed. Sal Terrae, 1998.

GOODSON, I. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HENZ, Celso Ilgo. **Na escola também se aprende a ser gente**. In: HENZ, Celso Ilgo; ROSSATO, Ricardo (Orgs.). *Educação humanizadora na sociedade globalizada*. Santa Maria: Biblos, 2007, p. 149 -167.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2.ed. Rio de Janeiro: EPU, 2018.

MARCOS, Isaac González. **San Agustín: apunte biográfico**. Roma: 1993.

Meta 6. **Observatório do PNE, 2019**. Acesso em: <<https://www.observatoriodopne.org.br/>> Acesso em 13 de nov. 2019.

MOREIRA, A. F. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NOFFS, Neide de Aquino; TORRES, Bianca dos Santos. **Tutoria educacional: elemento mobilizador para a formação contínua de professores e superação do fracasso escolar na escola pública**. In: Neide Noffs. (Org.). *A Formação de Professores em Diferentes Contextos de Aprendizagem*. 1ed.São Paulo: ArtGraf, 2016, v. 1, p. 48-72.

NOFFS, Neide de Aquino. **O psicopedagogo na rede de ensino: a trajetória institucional de seus atores-autores**. São Paulo: ed. elevação, 2003.

NUNES, Rui Afonso da Costa. **História da educação na Idade Média**. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

**PE – Projeto Educativo n. 2:** A tutoria no colégio. Colégio Santo Agostinho. São Paulo, 2009.

PRADO, José Souto. *Metodología agustiniana y proyecto educativo*. JUÁREZ, M. (Orgs.) *Perfil del colegio agustiniano*. Madrid: FAE, 1998.

RÍO, Isaías Díez Del. *Presupuestos filosóficos y antropológicos de la pedagogía agustiniana*. BERDON, Eusebio B.(Org.). *Elementos básicos de pedagogía agustiniana*. Roma: Pubblicazioni Agostiniane, Curia Generalizia Agostiniana, 2006.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ; A.I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4 ed. Porto Alegre: ArtMed editora, 1998.

SANTOS, Valdeci da Silva. Educação Cristã: Conceituação Teórica E Implicações Práticas. **Fides Reformata**, São Paulo, v. XIII, n. Especial, p.155-174, 2008. Disponível em:[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_XIII\\_\\_2008\\_\\_2/Educacao\\_Crista\\_\\_Conceituacao\\_Teorica\\_e\\_Implicacoes\\_Praticas\\_\\_Valdeci\\_da\\_Silva\\_Santos\\_.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XIII__2008__2/Educacao_Crista__Conceituacao_Teorica_e_Implicacoes_Praticas__Valdeci_da_Silva_Santos_.pdf). Acesso em 18 nov. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores associados, 2013.

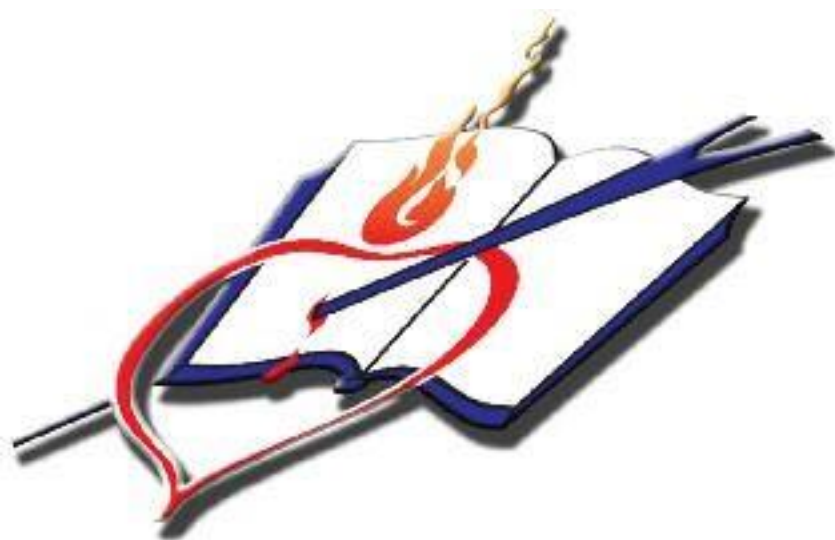
SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho científico** [livro eletrônico]. 24. ed. Revista e atualizada. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Apresentação. In: GOODSON, I. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Superação da Lógica Classificatória e Excludente da Avaliação:** do “é proibido reprovar” ao é preciso garantir a aprendizagem. São Paulo: Libertad, 1998.

**ANEXO A – PROJETO EDUCATIVO 02 – A TUTORIA NO COLÉGIO**

## A TUTORIA NO COLÉGIO



Publicação	Colégio Santo Agostinho – SP Praça Santo Agostinho, 79 – Liberdade - CEP 01533 070 – São Paulo – SP
Ano	2009
Direitos Autorais	SIS Colégio Santo Agostinho
Autores	Equipe Pedagógica
Revisão	Professoras Lucia Helena Nascimento e Carolina Dantas
Projeto Gráfico	Allucci & Associados Comunicação Impressão
Design	Editora e Gráfica Ltda.
Tiragem	300 exemplares

“Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos a confiança e o “direito” de nos ensinar.”

*(Alicia Fernádes)*

1.	Apresentação .....	02
2.	Introdução .....	03
3.	Fundamentos .....	04
3.1.	O Projeto Educativo do CSA .....	04
3.2.	A LDB .....	05
3.3.	Ensino e educação .....	05
4.	A tutoria .....	07
4.1.	O perfil do tutor .....	07
4.2.	O tutor como representante do Projeto do Colégio.....	09
4.3.	O tutor com os alunos .....	11
4.4.	O tutor com o aluno .....	12
4.5.	O tutor com a família .....	13
4.6.	A postura do tutor no CSA .....	13
4.7.	O planejamento e a programação da tutoria .....	15
5.	Bibliografia .....	19

## 1. APRESENTAÇÃO

Desde os tempos muito antigos, cuidar das novas gerações constituiu uma importante tarefa e um desafio para as comunidades que buscaram tanto a sua preservação como a sua evolução.

Diferentes épocas estabeleceram diferentes objetivos para superar os desafios de acordo com seu entendimento sobre este cuidado e preparação com os seus descendentes.

Assim, surgiram diferentes enfoques, projetos, responsabilidades e abordagens para a tarefa que chamamos de EDUCAR.

Etimologicamente, educar significa *“trazer à luz a ideia”, fazer a criança passar da potência ao ato, da virtualidade à realidade; criar, nutrir, fazer crescer*<sup>46</sup>.

Para nós, os agostinianos, educar é tornar o ser humano PESSOA, num processo de desenvolvimento das dimensões constituintes do ser e de transformação para uma relação

---

<sup>46</sup> Martins, E. S. in A ETIMOLOGIA DE ALGUNS VOCÁBULOS REFERENTES

de comunhão com o mundo, com os outros e com Deus.

Costumamos dizer que a época atual apresenta inusitados desafios, nunca antes enfrentados. É evidente a complexidade da contemporaneidade, aliada à rapidez das transformações nos diferentes campos de atuação e ocupação do planeta. Desenha-se um cenário peculiar onde as escolhas representam intensos desafios dada a amplitude de suas consequências.

Para esta contemporaneidade, o CSA-SP propõe uma forma educar que, tendo como foco principal a dimensão acadêmica, realiza um acompanhamento integral do aluno incorporado em sua turma - a TUTORIA.

Reunindo algumas reflexões acadêmicas no que se refere à antropologia e à pedagogia, referências da legislação educacional e depoimentos de educadores, este documento, que agora apresentamos, busca fundamentar a proposta e definir as diretrizes da tutoria, elencando os procedimentos a serem adotados por todos na comunidade educativa.

Destinado a cada um dos educadores do CSA-SP, representa um importante marco da nossa caminhada. Construído de forma compartilhada, tem a função de iluminar a nossa ação e ser referência para a revisão e aprimoramento do nosso trabalho. Cada ideia nele expressa deve espelhar o que acreditam, vivem e praticam os educadores do Colégio Santo Agostinho.

Irinilza Giansi Bellintani  
Coordenadora Pedagógica Educacional

## 2. INTRODUÇÃO

Educar, do ponto de vista agostiniano, é uma missão mais ampla que escolarizar. É formar mais do que instruir, e ainda mais quando se pretende promover gradativamente a autoeducação do jovem. Na atualidade, o amplo acesso à informação, a diversidade de modelos familiares e o sistema escolar que herdamos de um passado de inspiração positivista, liberal e oriundo da razão instrumental<sup>47</sup> exigem rever as respostas às

---

<sup>47</sup> Segundo o Professor Luiz Fernando Marchesin, a razão instrumental é um conceito criado pelos filósofos contemporâneos Horkheimer e Adorno. Para eles, a razão foi “declara- rada incapaz de determinar os objetivos supremos da vida”, ficando reduzida a um mero instrumento, porque se ocupa apenas com os meios e não com os fins. Trata-se da razão pragmática, aplicada em buscar resultados úteis e imediatos. Essa razão se vincula ao poder, já que está a serviço da dominação da natureza e, por conseguinte, do ser humano sobre o seu semelhante.

perguntas essenciais: Quem educa? O que o educando deve aprender para viver como pessoa? Portanto, qual deve ser o currículo da escola humanizadora? Que tipo de educação é preciso para a sociedade que queremos? O Projeto Educativo define três linhas pedagógicas (princípios pedagógicos) que iluminam o como educar:

- Pedagogia Libertadora
- Pedagogia Participativa
- Pedagogia Crítica

O humanismo cristão e de cunho personalista – nossa base antropológica - exige do educador uma visão integral de ser humano. Educar integralmente o aluno, conforme a compreensão do Projeto Educativo (PE), é entender, acolher e educar o desenvolvimento físico, espiritual, social, intelectual, afetivo e moral, de forma unitária e simultânea. A educação com base na pessoa destaca que educar é uma relação entre seres humanos e sua compreensão e estudo pertencem à ontologia do ser. (Ontologia=ciência do ser & epistemologia=ciência do conhecer). A educação, nesta visão ontológica, constitui-se definindo uma antropologia e uma pedagogia conforme nosso PE. Em que sentido a tutoria ajuda a atualizar as respostas para nosso projeto de educação humanista, tornando o aluno “pessoa”?

Devemos entender o trabalho de tutoria como um conjunto de intervenções mediadas pelo professor-tutor com o aluno, com os demais professores, com sua classe e família. Essa mediação do professor-tutor objetiva favorecer o desenvolvimento integral do aluno em equilíbrio com as quatro dimensões da pessoa, AUTONOMIA, AUTOCONSCIÊNCIA, AUTOTRASCENDÊNCIA E AMOR, conforme nosso PE. Pretende-se ainda que ele seja capaz de superar os obstáculos e dificuldades encontradas durante seu processo educativo e em sua construção cotidiana.

A tutoria, portanto, consiste em uma prática educativa de acompanhamento integral do aluno incorporado a sua turma, como forma de atingir o desenvolvimento da educação proposta pelo PE.

O Plano de Ação Tutorial (PAT) no contexto do PE compreende a instituição educacional como uma rede de relações entre diferentes membros que a compõem. Esta realidade é dinâmica e dialética, nela cada um desempenha um papel e assume responsabilidades. O Projeto Educativo, o Regimento Escolar e os planos Escolar,

Curricular e Administrativo, são os instrumentos para a gestão do Colégio, eixos que orientam a intervenção educativa institucional.

Este documento fará, inicialmente, algumas considerações sobre a fundamentação da proposta educativa, principalmente no que se refere ao PE, depois quanto à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN e ao contexto sociocultural em que nos inserimos. Em seguida, apresentará o perfil do tutor e os diferentes focos que deve atender como representante de uma proposta educativa: o tutor na relação com o colégio, com os alunos organizados em classes, no individual e com as famílias. No final encontra-se a bibliografia de orientação e aprofundamento.

### 3. FUNDAMENTOS

#### 3.1 O Projeto Educativo (PE)

Educar, na concepção agostiniana, é um processo que transforma e desenvolve as dimensões do educando. O efeito desejado é uma educação integral com plenitude no encontro com a pessoa de Jesus Cristo. A pessoa é um potencial a ser desenvolvido e jamais um ser acabado e pronto. Isso é que dá sentido à nossa missão educativa, pois educar, para nós, é tornar o ser humano pessoa.



O PE considera a pessoa em 4 dimensões principais:

1. AUTONOMIA –É a capacidade de se *autorregular*, desenvolvida na interação com os outros, com o mundo e consigo mesmo, logo não tem caráter inato. A visão agostiniana ressalta a vontade como aspecto fundamental no desenvolvimento moral. Portanto, à autonomia é imprescindível a condição de liberdade humana. A vontade não é determinada pelo cognitivo e isso significa que conhecer não é suficiente para agir. Não é suficiente saber o que deve ser feito e como deve ser feito, é preciso vontade para fazê-lo. Significa colocar em prática, de maneira criativa, os conhecimentos adquiridos, a capacidade de iniciativa e de enfrentar escolhas e situações novas. Autonomia intelectual e autonomia moral: aprender a pensar, julgar e decidir por si mesmo.

2. AUTOTRASCENDÊNCIA – Sinal de espiritualidade. Nesse movimento de transcendência, o homem passa a ver o mundo, as pessoas e a história, de outra maneira, com sentido e finalidade. Retrata a capacidade de estar voltado para ‘além de si mesmo’, seja para alguma coisa ou sentido a cumprir, ou para outro ser humano, a quem se dirige com amor.
3. AUTOCONSCIÊNCIA – Interioridade. Capacidade de refletir sobre si mesmo. Ninguém entende a pessoa que reside no outro, se não é capaz de entender a si mesma. A pessoa vai se desenvolvendo em meio a duas tensões: do "homem interior" e a do "homem exterior": A "via da interioridade", na espiritualidade agostiniana, é o movimento do homem livre que, partindo da exterioridade das coisas e de si mesmo, entra em contato com o mais profundo de si mesmo. Ela parte do princípio de que o aluno aprende a partir de dentro de si mesmo, ajudado pelo educador, mas com seu próprio esforço. A Educação também faz a ponte entre o homem interior e o homem exterior.
4. AMOR – Relação, comunicação (relação com o mundo, com os outros e com Deus). O ser humano, imagem e criatura de Deus, chamado a uma relação de comunhão com os outros e com Deus; *"necessita dos outros para ser ele mesmo"*; *"Nada se conhece plenamente se não se ama plenamente"* (Sto. Agostinho, Diversis Quest. 83,35,2).

Três princípios pedagógicos iluminam o como educar a partir do PE, ou seja, a pedagogia do

Colégio é uma pedagógica participativa, crítica e libertadora, com ênfase nas relações interpessoais.

- a. Ao educar pela participação, busca-se a vocação do ser humano para ser sujeito e não objeto. Educarem-se participando mais de sua própria educação, objetiva a conquista da autoeducação e torna-a gradativamente menos “reprodutora” e mais “produtora” de conhecimentos e projetos de vida.
- b. Desenvolver o sentido crítico-dialético é tornar o olhar do educando claro, largo e profundo. É um compromisso de abertura às alternativas da realidade e uma postura que questiona os procedimentos de análise dessa realidade. É olhar e pensar perguntando. Educação crítica é um compromisso com a busca

da verdade e da autonomia. A abordagem crítico-dialética permite a superação de alguns falsos dilemas, por exemplo, a ideia de que a aprendizagem pode prescindir do ensino e de que o ensino deve ser baseado apenas nos interesses imediatos do aluno. Quando se compreende o ensino a partir do ser, da ontologia, sua principal característica passa a ser a capacidade de estabelecer relações dialéticas que lhe permitem, por um lado, formular sínteses e por outro, ascender à totalidade. O todo não é a soma das partes, mas uma tensão dialética entre o todo e as partes. Desta forma, o ensino não deve apenas identificar-se com o cotidiano dos alunos, mas contrapor-se a ele. É característica do aluno crítico a capacidade de analisar a realidade a partir do estabelecimento de relações entre os elementos que fazem parte dela.

- c. A educação deve ser libertadora, porque nascemos com vocação para a liberdade. Nesse sentido, o Colégio deve estabelecer uma pedagogia da liberdade que, unida ao exercício da autoridade e ao estabelecimento de normas, aponte para uma proposta clara de valores que sirva de referência para escolher, decidir e desenvolver a autonomia moral. Ou seja, valores que sirvam de referência para o exercício da liberdade.

A relação entre o PE e o Plano de Ação Tutorial (PAT) manifesta-se no conjunto de atuações dos professores tutores com os demais professores, coordenadores e direção e requer um trabalho em equipe.

### 3.2. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)

*“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.* (Art. 2º)

Os docentes incumbir-se-ão de... (Art. N° 13):

- a. “Elaborar e cumprir o plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino” (parágrafo II);
- b. “Zelar pela aprendizagem dos alunos” (parágrafo III);
- c. “Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e comunidade” (parágrafo VI).

### 3.3. Ensino e educação: novo paradigma educacional.

O desenvolvimento de uma educação integral. As sociedades constataram que para a humanidade, ter mais informações não significa ser melhor. As novas tecnologias são muito eficazes na transmissão de conhecimentos e no fornecimento de informações, mas não são tão competentes quando se trata de construir valores, hábitos, atitudes e habilidades básicas diante da vida.

Na educação, essa construção só ocorre quando entendemos o convívio cotidiano entre educadores e educandos. Confirma-se então, a interação da dimensão relacional e presencial na educação como essencial para o desenvolvimento integral para o ser humano e a formação das pessoas.



As limitações da estrutura escolar atual não podem ser ignoradas. Educação e escola ainda são duas realidades que se contradizem, por exemplo, na organização dos tempos pedagógicos de forma fragmentada e no sistema de avaliação que valoriza os resultados “estandardizados”. Enquanto a educação promove o potencial de cada pessoa, a escolarização significa, na maioria das vezes, tolhermos esse potencial e até sacrificá-lo no altar da socialização-padrão por meio das estruturas da instituição escolar.

A reforma do pensamento. Os tempos atuais apontam para uma mudança na maneira de pensar o mundo e o homem, esta passa inevitavelmente pela reforma do pensamento educativo. A UNESCO afirma: *“Será preciso, particularmente, ter uma visão mais global da pedagogia, atribuindo à aprendizagem pela prática o papel que lhe cabe, do mesmo modo que à aprendizagem cognitiva. Mas, talvez, se deva proceder a um remanejamento completo das estruturas e da organização do ensino em sala de aula para propor situações mais diversificadas e estimulantes aos alunos e aos professores. É impensável que no início do século XXI, com todos os meios sofisticados à nossa disposição, não sejamos capazes de conceber novas estruturas pedagógicas, abandonando essa organização secular da classe com um professor que dá uma aula de 50 minutos em uma matéria a um grupo de 40 alunos da mesma idade<sup>48</sup>. Com esse remanejamento, seria possível um acompanhamento mais personalizado dos alunos, de*

---

<sup>48</sup> DELORS, J. (org). Educação para o século XXI, p.29.

*modo que cada um pudesse avançar em um ritmo próprio, diferente daquele que é determinado, sobretudo pelo fato de pertencer acidentalmente a esta ou àquela faixa de idade”* e ressalta que a formação para o futuro tende a ser generalista para buscar a compreensão relacional do mundo e do homem.

A interdisciplinaridade busca a integração entre os saberes, a qual se espera que aconteça graças a novos arranjos curriculares e, principalmente, graças a novas maneiras de se trabalhar os conteúdos disciplinares. Espera-se alcançar a unidade do saber pela integração disciplinar, para amenizar a fragmentação. A interdisciplinaridade também aponta metodologias de trabalho pedagógico para recuperar uma totalidade de pensamento, que teria sido perdida pelo fracionamento que a ciência moderna incorporou à nossa maneira de pensar e ver o próprio mundo, especialmente, com a visão Liberal e Positivista.

A tutoria, enfim, tenta superar a fragmentação do sistema escolar ainda vigente, fortalecendo a dimensão relacional, pois educar tem mais de relação interpessoal que de quantidade de dados e informações. Como profissionais da educação, os tutores assumem uma permanente postura crítico reflexiva, pois a complexidade, diversidade e velocidade das mudanças exigem de nós “produzirmos” uma prática educativa de acordo com nosso tempo, porque as já produzidas nem sempre dão conta do novo aluno, do novo professor, da nova família, das esperanças humanas num mundo em mudança.

#### **4. A TUTORIA**

No Colégio a tutoria é exercida através dos tutores, mas assumida por todos na comunidade. Não é um trabalho de tutores. O Colégio está em tutoria. A tutoria depende do envolvimento de toda a comunidade educativa. O aluno sempre precisa ter personalidades de referência que vão além dos cinquenta minutos da sala de aula e dos assuntos acadêmicos. Alguns autores afirmam que o verdadeiro professor não pode se contentar em ser apenas um construtor de conhecimentos. Ele deve ser uma presença preta de significados. Segundo Ecker<sup>49</sup>, *“o ato de educar por si só, constitui-se em um ato eminentemente ético. O educador é alguém que assume a função de propiciar as condições adequadas e suficientes para que o potencial existente em cada educando possa “explodir”, “acontecer” e tornar-se ato. Ato que o constitui em pessoa plenamente*

---

<sup>49</sup> ECKERT, A. N. Ética na Educação, Revista Brasileira de Administração. Ano V – nº12 – janeiro/abril de 1999

*desenvolvida”.*

#### 4.1 O perfil do tutor

O tutor é o mediador da aprendizagem integral, construtor de valores e um elo de colaboração essencial entre família e o Colégio. O papel do tutor não substitui a responsabilidade de cada um dos professores, da família nem do aluno, mas é ele quem articula as necessidades de cada um dos alunos e professores da turma a ele confiada. Pela convivência com os alunos e sua competência, consegue uma visão global que facilita a ação individual e de conjunto no acompanhamento tutorial de cada aluno e da turma.

No PE todo professor é um tutor em potencial, pois, em uma visão de educação integral, como é a agostiniana, a relação educativa abrange todas as dimensões do educando, assumindo não apenas a questão acadêmica, que poderia corresponder ao professor, mas a todas as outras como, por exemplo, a social, a moral e a espiritual<sup>50</sup>.

O tutor é um professor que reúne determinadas condições e com possibilidades de desenvolver o perfil esperado.

Condições:

- a. Exercer atividade docente (carga horária) na turma. A presença no cotidiano, a convivência e conhecimento direto da realidade e ambiente dos alunos são a fonte e oportunidade de intervir com a palavra frequente, a observação e a escuta.
- b. Ter disponibilidade semanal para atendimento, presença no Colégio além do horário de aula.
- c. Não ter laços familiares com os alunos-tutorandos.
- d. O tutor representa o PE e o colégio em tutoria para os alunos, por isso não é escolhido pelos alunos, mas indicado pelo Colégio.

---

<sup>50</sup> Leonardo Boff (1999) propõe que a espiritualidade deve vir à frente da religião. Religião significa religar com algo, no caso um Ser Divino. Para o autor, a espiritualidade é capaz de ligar, religar e integrar uma busca pelo sentido.

Perfil esperado:

- a. A confiança na tutoria é fator essencial para que ocorram as conquistas educativas e pessoais. O tutor deve conquistar a confiança dos alunos e despreocupar-se com a simpatia ou agrados aos alunos para conseguir o fortalecimento e sustentação do vínculo educativo. A confiança não omite a responsabilidade da ação educativa, mas é condição para alcançar os objetivos da educação.
- b. A exigência. Exigência máxima é substancial aos processos educativos. Exigência máxima de quem ensina e de quem aprende para fazer crescer seu potencial. Deve-se exigir o melhor por meio do estabelecimento de metas de acordo com seu potencial. A exigência com o aluno é uma postura de respeito pelo que ele possa vir a ser, respeito pelo potencial, já que exigir menos do que ele pode, torna-se uma negligência. Exigir para crescer é exercer a autoridade educativa. A palavra autoridade em latim significa “fazer crescer”, o tutor é, neste sentido, autoridade para o aluno.
- c. O equilíbrio. Um dos maiores objetivos da postura como tutor é desenvolver um equilíbrio entre: exigir e compreender, conhecer e respeitar. Deve-se conhecer o aluno e enxergar seu potencial para adequar o grau de exigência. O equilíbrio desejado é resultante de uma competência profissional e da experiência em humanidade.
- d. O autoconhecimento é um quesito necessário ao educador comprometido com a opção de educar. Segundo afirmação de um tutor, a tutoria o tornou mais consciente do efeito da sua personalidade e de suas responsabilidades. Essa



possibilitador, necessário à nossa ação.

constatação evidencia a necessidade de uma constante reflexão sobre a teoria e a prática. Quando somos educadores, precisamos ter a reflexão como instrumento para o nosso desenvolvimento profissional e pessoal. É inegável que ela seja um meio

Conhecer e refletir sobre os sentimentos que estão presentes na relação com o aluno

ajuda a compreender se é um espelho plano e não côncavo, que deforma a figura de quem se espelha nele, e é parte essencial no processo educativo. A sentença popular registra isso desta forma: *“santo odeia o pecado e ama o pecador”*. Santo Agostinho diz: *“É preciso amar o homem, não o erro que nele está. O homem é obra de Deus. O erro é obra do próprio homem. Ama a obra de Deus, não a obra do homem. É necessário amar aquela, purificar esta”*<sup>51</sup>. O autoconhecimento é essencial ao educador e poderá ajudar para que o aluno trabalhe os impulsos que não são bons nem ruins, mas necessários para viver e que devem ser conduzidos a serviço de um projeto de vida que valha a pena.

e. A presença no cotidiano do aluno. Para possibilitar as relações, como oportunidade educativa, algo é muito importante: a presença. O tutor precisa estar presente no cotidiano do aluno tornando-se uma pessoa-chave para ele, ajudando-o a se encontrar dentro de si mesmo e a ter a certeza de que tem valor para alguém. Muito mais do que uma técnica, é um compromisso baseado na sensibilidade humana. O tutor aproveita momentos e acontecimentos para canalizá-los na formação da personalidade dos tutorandos. Significa que o tutor terá o cuidado de saber quais momentos vai criar, além da sala de aula, para estar presente na vida dos tutorandos, quer individual quer coletivamente. As principais ferramentas de trabalho são: a escuta, a observação, o diálogo e o tempo educativo, ou seja, uma intervenção com começo, meio e fim. E para isso, temos que criar oportunidades diretas (sala de aula, plantão...) e indiretas (excursões, pátio, corredores, emails). Todos esses recursos e ocasiões são acontecimentos educativos favoráveis ao olhar do tutor, a fim de descobrir pistas de ação e ser uma presença educativa, transformadora.

f. É necessário ter a visão de prevenção. Aquele que concentrar a atenção em resolver problemas, corre o risco de tornar-se disciplinador e perder de vista as metas, ou seja, aquilo que o aluno poderia vir a ser. Para isso é necessário agir preventivamente planejando ações. Oferecer opções favoráveis para o grupo organizar projetos e iniciativas positivas é a melhor maneira de assegurar que o grupo direcione seu potencial e interesses para empreendimentos construtivos. Dessa maneira, o tutor não precisará disciplinar tanto, nem trabalhar apenas na solução de conflitos.

g. Prática de registro. O registro do planejamento das informações e dos

---

<sup>51</sup> Comentário da primeira epístola de São João, VII, 11

procedimentos formaliza e subsidia o trabalho de tutoria.

#### 4.2. O tutor como representante do Projeto do Colégio

O tutor educa em nome do Colégio, a partir do Projeto Educativo. Essa mentalidade e consciência de missão devem pautar nossa prática na forma de falar e na atuação, conciliando a iniciativa pessoal e a consciência institucional.

O professor tutor faz parte do movimento de descentralização do sistema escolar vigente, viabilizando maior responsabilidade e participação efetiva de mais membros da comunidade educativa na formação do aluno.

O tutor buscará as parcerias necessárias para o planejamento e acompanhamento de seus tutorandos dentro do CSA, sob a supervisão do CPE.

A ligação permanente com a Equipe Técnica (Coordenação Pedagógica Educacional, Gestor de Monitores e Porteiros e Equipe de Pastoral) marcará as diretrizes gerais e acompanha o tutor e tutores da mesma série ou ano, criando linhas de trabalho comuns e coerentes com o Projeto Educativo.

O tutor colaborará com os outros professores recebendo e transmitindo informações pertinentes aos alunos. Sobretudo, professores e tutor poderão juntos planejar e intervir para que o aluno aprenda e desenvolva-se conforme os objetivos do PE.

Os professores, que atenderem pais, deverão comunicar os respectivos tutores que, conforme as circunstâncias, poderão agendar um atendimento coletivo. O atendimento feito em conjunto será uma prática esporádica, a prática habitual e preferencial será o atendimento individual. O tutor receberá e verificará informações como ausências, atrasos e ocorrências na frequência escolar. Acompanhará, regularmente, as ocorrências, que digam respeito a seus tutorandos, informando e sendo informado a respeito deles (os tutorandos). Estas atividades fazem parte do procedimento e das fundamentações de que precisa como profissional.

A dimensão acadêmica consiste em intervir para ajudar o aluno a encontrar caminhos para o desenvolvimento de suas habilidades metacognitivas – pensarem sobre o próprio processo de conhecer – em prol da autoeducação, para ajudar no planejamento

de hábitos de estudos e para a superação de dificuldades na aprendizagem.

O tutor deve estar atento às notas da classe para poder manter uma visão global e individual e informar às famílias sobre a evolução do rendimento discente, o tutor deve se lembrar de que fazer isso significa torná-la ciente e orientá-la, sobre o processo de ensino-aprendizagem. Para isto, é necessário que fale sobre os meios de ensino que vêm sendo desenvolvidos para que o aluno aprenda, supere o que precisa superar e receba do Colégio o que necessita para desenvolver ao máximo suas potencialidades.

Compete ainda ao tutor compartilhar as informações sobre o desenvolvimento dos alunos de sua tutoria ao Conselho de Classe na avaliação da turma. Será de suma importância que prepare com a supervisão da coordenação, e com antecedência, o Conselho, colhendo informações, identificando prioridades, e propondo soluções, por meio de estratégias coletivas ou individuais.

Portanto, o tutor será o moderador do Conselho de seus tutorandos e, com a colaboração dos demais professores da turma, proporá questões pertinentes sobre os alunos e fará o registro em ata.

Embora todos sejam responsáveis pela disciplina – no sentido de assumir o aluno que precisa ser corrigido ou apoiado – na aplicação da sanção ou punição ao aluno; sempre que possível, o tutor será consultado para decidir a sanção mais adequada. Segundo o procedimento do Regimento Escolar do Colégio, para as sanções consideradas graves deve ser elaborado um relatório, encaminhando-o para a direção e posterior escrituração na secretaria do Colégio.

#### A Tutoria e a Coordenação:

Como ocorre a parceria/acompanhamento dos Coordenadores com os tutores?

Cada departamento do Colégio colaborará com a tutoria a partir da sua função. O tutor estabelecerá especial vínculo com as Coordenações Pedagógicas. Os CPEs têm, como uma de suas funções primordiais, supervisionar os processos de ensino e aprendizagem ao longo dos anos ou séries através da parceria com cada



membro da comunidade educativa.

O Coordenador acompanhará o trabalho do tutor que, à luz do PE, PAT, LDB, Regimento e Plano Escolar, incentivando os alunos e as famílias para o envolvimento necessário no decorrer do ano letivo, interligando o seu trabalho às diferentes disciplinas e a dos demais professores, bem como com os psicólogos e a Pastoral para alcançar os objetivos do PE.

O acompanhamento deverá constar de:

- Registro e dados de observações feitas pelo próprio tutor, professores e funcionários da escola, em diferentes atividades dentro e fora da sala de aula;
- Dos estudos e do planejamento do PAT dos alunos;
- Dos atendimentos às famílias e dos contatos com profissionais que orientam alunos fora do espaço escolar, pois são nossos parceiros na busca de compreensão e intervenções que objetivam a remoção de barreiras para a aprendizagem e participação;
- Fundamentação dos encaminhamentos de alunos a especialistas, quando necessário.

É indispensável a todos nós, educadores, a reflexão permanente sobre nossas ações perante o ensino e a aprendizagem dos alunos, prática essa que nos remete à busca necessária por coerência metodológica, cujas concepções teóricas e práticas estão pautadas no PE.

Dizemos, em síntese, que o estudo busca e nos permite compreender como os alunos se desenvolvem e como ajudá-los através da pedagogia agostiniana.

#### 4.3. O tutor com os alunos (a classe)

A dimensão social do homem é tão importante que no PE é considerada como condição essencial para a humanização, daí a importância de pensar a tutoria como educação de e em grupo.

Parece óbvio que o tutor seja tutor de todos e de cada um dos alunos. Talvez o que pareça óbvio não seja tão claro na prática. Uma tutora, no encerramento de um ano letivo, lamentava-se porque tinha deixado de lado os alunos tidos como “sem problema”. Para tomar consciência do todo, ou seja, da turma, precisamos conhecer o aluno e o aluno na turma. O todo, neste entendimento da ontologia do ser dialético, não é a soma das partes,

mas a relação dialética entre elas. Neste sentido, sermos tutores de uma turma, não é igual a ser tutor de uma soma de alunos, mas de um grupo que se constitui no que é através de suas relações.

A sala de aula é o coração do colégio, pois é neste espaço que hoje todos os alunos passam a maior parte do seu tempo escolar e é, neste mesmo espaço, que deve acontecer a maior parte da ação tutorial.

Começar o ano conhecendo as famílias, as atividades que o aluno frequenta na escola e fora dela, observando como se relaciona na sala de aula e nos recreios ou em outras atividades permite o desenvolvimento do PAT, pois possibilita tomar consciência da situação de cada um dos alunos e as relações que mantêm na turma para estabelecer estratégias e prioridades de ação.

Organizar o planejamento por prioridades evitará o risco de chegar ao final do ano e ter deixado para trás o que considerava importante. O planejamento da tutoria grupal também deve estar integrado com o calendário escolar, por exemplo, aproveitando algumas atividades e situações já previstas:

1. A eleição do representante de sala;
2. Explicação e diálogo sobre as normas de convivência da agenda;
3. Orientações e apoio para o estudo individual (hábitos de estudo);
4. Diálogos com a turma, para retomar assuntos e ter a oportunidade de resolver os problemas da classe;
5. Desenvolvimento de valores positivos no grupo. O tutor detectará muitas oportunidades de identificar valores e fazer a turma refletir com um olhar mais crítico sobre eles.



Para todos os propósitos, o professor-tutor poderá pesquisar e utilizar técnicas de trabalho em grupo (debates, mesa redonda, entrevistas, assembleias entre outras).

Serão muitos objetivos em função das próprias necessidades do dia a dia dos alunos, então, deve dar prioridade para eventualidades e ou emergências, mas o que fará a diferença será superar o plano operacional e trabalhar com uma visão a longo

prazo.

O plantão semanal é tempo específico para o trabalho individual e grupal com os alunos, atendimentos às famílias, parceria com outros professores que também trabalham com a turma.

#### 4.4. O tutor com o aluno (o individual)

Para garantir um contato individual, será chamado, a critério do tutor, cada aluno da turma. Este contato pode ser numa excursão, em um recreio e, claro também no plantão. O objetivo é duplo: criar o vínculo e fazer um acompanhamento do processo pessoal do aluno a nós confiado. De uma maneira direta ou indireta, mas consciente, todos os tutorandos devem reconhecer a presença e o acompanhamento do tutor. Este acompanhamento e mediação devem proporcionar ao aluno autoconhecimento, segurança e incentivo para o desenvolvimento de suas potencialidades, integração com toda a comunidade educativa, resolução de conflitos e tomada de decisões.

Sabemos que o aluno precisa que confiem em seu potencial e arrisquem com ele, para ele mesmo também poder confiar em si. Para tanto, podemos fazer desta condição uma estratégia para que o aluno “o eleja” como alguém com quem pode aprender e crescer.<sup>52</sup> O acompanhamento pessoal é necessário para todos os alunos, mas alguns necessitam num grau maior. O tutor ocupa uma posição de importância, pois pode “despertar” no seu tutorando uma autopercepção positiva para aprender e superar barreiras. E. From afirmou que a forma mais poderosa para dominar um ser humano é convencê-lo de que não confie na própria vontade e entendimento.

Nossa dimensão relacional se desenvolve porque alguém se *interessa* por nós (D. Winnicott). O conhecimento de si mesmo é dependente do que o outro diz direta ou indiretamente sobre nós. Quando não há no núcleo de seu meio alguém para esta função, poderá ou não eleger, escolher, outorgar um modelo para identificar-se em outros meios, como por exemplo, na mídia, na escola.

O diálogo individual (reunião) deverá ser personalizado ou adaptado para cada circunstância, pois, talvez, só a partir do quarto ou quinto ano do fundamental, possamos

---

<sup>52</sup> Como alguém pode aprender sem sentir que pode? Como podemos fazer alguma coisa sem um mínimo de confiança de que poderemos ter êxito?

estabelecer um diálogo mais elaborado. O levantamento de dados se justifica em função do que vai ser feito com eles: o que é preciso saber para elaborar o planejamento e acompanhar a turma e os alunos?

Eu e os outros: a turma, os amigos, como o tutorando se sente no Colégio?

Hábitos de estudo: aprender a pensar, segundo L. Quintas culmina em aprender a aprender. Habilidades metacognitivas dizem respeito ao pensamento crítico e complexo. Espera-se que o aluno saiba como aprende, para que e por que aprende para tornar-se mais crítico e mais livre, ou seja, mais pessoa. Tornar-se consciente e mais responsável pelos hábitos de estudo em casa (sono, alimentação, horários durante a semana e finais de semana e cursos opcionais que frequenta). Orientar e acompanhar a rotina e hábitos de estudo.

O tutor terá verificado anteriormente o controle de ocorrências e suas observações para poder dirigir o diálogo e entendê-lo.

- a. O que você gosta de fazer?
- b. O que gosta de estudar?
- c. Encontra dificuldade em algum conteúdo? Como faz para superar?
- d. Quando estuda (hora), em que lugar (local)? Acha que é o melhor?
- e. Descreva como faz... Primeiro lê, depois pensa no que leu? Como é?
- f. Como quer que termine este ano? O que gostaria de conseguir?
- g. Fechamento: convide o aluno para escolher uma prioridade a ser trabalhada. Ele escolhe e decide sobre sua vida, o tutor ajuda para que não seja desproporcional: metas extremamente elevadas ou exageradamente acomodadas.

O equilíbrio entre a compreensão e a exigência é fundamental, pois está em jogo a autoestima do aluno, fonte que abastece seu crescimento. Controle o tempo. Durante quanto tempo vai trabalhar esse objetivo, quando vai retomar com ele? Deixe datas marcadas, mantenha pequenos contatos durante a semana. Por exemplo, no final da sua aula, com discrição, pergunte: como vai? Uns dias antes da data da reunião avisem-no.

Compartilhar ideias com os tutores da mesma série/ano pode ser muito válido. As anotações devem ficar no registro do tutor, na página do aluno; serão anotações que não

revelem aspectos ou partilhas de carácter íntimo e com destaque para o foco da escola: o académico e a classe.

#### 4.5. O tutor com a família

O tutor buscará manter uma estreita relação com cada família, oferecendo atendimento semanal (plantão), evitando o atendimento fora do contexto escolar. O plantão de atendimento tanto aos pais quanto aos alunos deve ser respeitado.

Ao Colégio chegam situações de alunos originadas em outros ambientes. Isso significa que devemos prevenir para que a influência não seja determinante, oferecendo outro ponto de vista, modelos de identificação diferenciados e olhar crítico, quer aos pais quer aos alunos. Determinados assuntos detectados merecerão, com certeza, encaminhamentos ou a participação de especialistas.

Em algumas circunstâncias o tutor poderá sentir necessidade de ligar à noite de sua casa como também fazer atendimentos fora do horário ou até mesmo visitar o aluno no hospital. A tutoria não espera tais ações do tutor mas, no caso de acontecerem, podemos entendê-las como exceções.

Informar os pais sobre o rendimento trimestral e orientá-los a respeito da situação do aluno é responsabilidade fundamental da tutoria.

#### 4.6. A postura do tutor no CSA

A ação tutorial é crescimento pessoal e profissional. Podemos crescer com os erros e com os acertos quando não são ignorados, mas compreendidos e trabalhados. A reflexão é uma ferramenta para nós educadores que transitamos nas modalidades de ensino e aprendizagem. Esta poderá contribuir para nossa autoavaliação, para a nossa automotivação em prol do nosso bom desempenho.

Expor em sala de aula observações que evidenciem o conhecimento íntimo de um determinado aluno, provenientes de situações diversas, como por exemplo, da entrevista pessoal, compromete o sigilo e a confiança que aluno e família necessitam do colégio. Também comparar alunos e fornecer informações alheias, além de comprometer o vínculo de confiança imprescindível que requer o trabalho com o aluno, a família e o

colégio ferem o direito de ter a intimidade resguardada e contraria a proposta do trabalho de tutoria do CSA.

A confiança é uma construção que pode acontecer na sucessão de atendimentos e convivência. Discernir o momento para algumas colocações poderá fazer diferença para firmar os objetivos que se pretendem alcançar.

Ao tutor cabe ocupar-se com a pessoa do aluno tendo como foco sua vida acadêmica. Também, o aluno poderá ser informado sobre a necessidade de fornecer aos pais alguma observação, informação a seu respeito.

Simplesmente escutar pode ajudar muito. Quando ouvimos, possibilitamos a própria escuta de quem está falando e isto pode ajudar a pessoa na integração de suas ideias com seus sentimentos, aliviando-lhe o mal-estar.

Há limites na ação tutorial com os alunos e com as famílias. Não devemos nos esquecer de que o professor é o primeiro responsável na sua aula. O que acontece em determinada aula deve ser resolvido por ele e não pelo tutor.

Ao recepcionar os pais na portaria, tenha em mente qual é a sala onde ocorrerá o atendimento para não conduzirem os pais a diversas salas. Verifique se a sala de atendimento está disponível. Busque e acompanhe os pais na recepção, eles não devem circular sozinhos pelo colégio.

Procure deixar recados neutros, por exemplo – "*Sra. Sueli, favor entrar em contato com a tutora do Henrique*" – para ter a oportunidade de dialogar com a família. Evite deixar recados explícitos, como – "*Sra. Sueli, a tutora ligou, dizendo que seu filho teve notas baixas*" – o que caracteriza um monólogo.

Muitas são as vias para entrar em contato com a família: agenda do aluno, e-mail, telefone, reunião. A Linha Participativa tem um critério de subsidiariedade<sup>8</sup> que diz: o que pode ser resolvido num patamar mais simples, não deve chegar ao outro. Por exemplo, o que pode ser resolvido com o aluno, não precisa dos pais; o que pode ser resolvido com um recado, não precisa de reunião.

As anotações devem ficar no registro do tutor, na página do aluno; serão anotações que não revelem aspectos ou partilhas de caráter íntimo. O registro do tutor é sigiloso e ninguém deve ter acesso sem sua autorização. Portanto, o tutor não deve mostrar o

registro da tutoria para os pais. As anotações são exclusivas do tutor (profissional do Colégio) para sua organização, reflexão e fundamentação do planejamento.

#### 4.7. O planejamento e a programação da tutoria

Como planejar as mediações e intervenções? Intervir, significa estar entre. "Entre", "é um espaço de construção que se dá no meio de quem fala e quem escuta um "espaço ontológico". É um lugar de produção de sentido. Quando escutamos o outro e quando lemos, estamos produzindo um sentido; aí está o ato criativo".<sup>9</sup> Planejar é explicitar o sentido do que fazemos: Por quê? Para quê? E como? O sentido é o leme da pedagogia agostiniana. Podemos nos perguntar a respeito dos tutorandos: estão se tornando mais pessoas? Tornamo-nos mais pessoas, quando desenvolvemos a autonomia, a auto consciência, a autotranscendência e quando amamos ?<sup>10</sup> Como e quais atividades e mediações vão contribuir para esse objetivo?

##### Primeiro Nível

Partir do levantamento de dados e observações, é momento de estabelecer os objetivos gerais do PAT, considerando as três dimensões (individual, coletivo e familiar) e os âmbitos de atuação:

Acadêmico: hábitos de estudo, organização, visão de outros professores, postura em sala de aula, a origem das dificuldades (na perspectiva do aluno).

Integração na classe: relação, capacidade de diálogo, colaboração, respeito.

É importante constatar os aspectos positivos observados.

##### Segundo Nível

Com os dados coletados no 1º. Nível e o objetivo (os objetivos) para o Plano de Ação Tutorial (PAT), o tutor poderá estabelecer as intervenções no contexto em que se inserem as necessidades do aluno e da turma.

No PAT, devem estar definidas as possíveis intervenções para a superação das dificuldades do aluno ou para as demandas naturais do desenvolvimento educativo (formação integral).

O tutor verificará qual das intervenções poderá ser construída juntamente com os

alunos ou aluno. Normalmente, todas podem contar com a participação do aluno, mas é importante o planejamento prévio do tutor (a visão do educador) mesmo que no contato com o aluno as mesmas sejam alteradas.

### Terceiro Nível

O acompanhamento consiste na observação sistemática do desempenho do aluno a partir do estabelecimento do PAT. A partir deste nível caberá ao tutor manter constância nas intervenções, fazer ajustes, acrescentar intervenções, eliminar ou diminuir outras e estabelecer parcerias (CPE, família, ou tros) para o que for necessário. O tutor deve sempre incentivar o aluno para que seja artífice de sua formação, deve encorajá-lo, ajudá-lo na autopercepção de seu potencial para aprender e conviver.

Os recursos para tal atitude decorrem da busca constante de conhecimentos pertinentes e circundantes da nossa área de atuação, bem como da nossa essência humana que opta por uma dedicação profissional na Educação.

Recordamos que observamos o aluno e sua classe para conhecer e com esse conhecimento decidirmos melhor. Com a observação do aluno na turma e a turma do aluno, obteremos importantes informações, esse é o ambiente que mais o influencia e onde teremos maiores oportunidades de educá-los.

#### a. Com a classe (coletivo)

Levantar dados da classe:

- Alunos novos: integração, apoio do CSA (organizar um momento com os alunos novos da sua turma) de acordo com a orientação da CPE;
- Inclusão: doenças, deficiências;
- Confissão religiosa;
- Orientação Vocacional (EM);
- Alunos repetentes;
- Frequência em Cursos Opcionais: esportivos, acadêmicos, religiosos, artísticos.

Para observar essa dimensão do aluno na classe, podemos utilizar estes indicadores:

- Tem iniciativa?
- Cumprimenta?

- Como expressa a afetividade e as ideias? Com palavras, gestos?
- Responde e estabelece diálogo?
- Considera o ponto de vista do outro?
- Sabe esperar sua vez para falar e conquista seu espaço?
- Estabelece vínculos de amizade com colegas? Como é a interação com os colegas nos momentos de intervalo? É entrosado, domina “territórios” ou está sempre isolado?
- Termina as tarefas/diálogos que começa?
- Tem independência para realizar as atividades e tarefas, como assoar o nariz, lanchar, vestir-se?
- Colabora em tarefas do ambiente cotidiano?
- Compartilha materiais e brincadeiras?
- Participa da elaboração de normas e combinados no grupo?
- Assume as normas de convivência e, mesmo quando não tem um adulto junto, pauta-se pelas normas combinadas?
- Cuida do ambiente: usa lixeira, deixa os objetos no lugar, utiliza-os corretamente, organiza a mochila e a carteira?

Programar a participação no planejamento e acompanhar as atividades da classe no que diz respeito a:

- Estudos do meio, saídas;
- Oração de início e final de ano com a Pastoral;
- Reflexões com a Pastoral;
- Lembrar os aniversários, conforme orientação da CPE;
- Conversar semanalmente (os 10 primeiros minutos da aula) sobre:
- Os conteúdos da agenda do colégio (normas de disciplina), esta responsabilidade é a primeira para todos, tomarem consciência do que já está combinado no CSA;
- Informações sobre o CSA: cursos opcionais, eventos e calendário;
- Leituras de parábolas, fábulas, usem a criatividade e garantir a finalidade educativa desses recursos.

#### **b. Com o aluno**

Verificar as ocorrências e notas (acadêmico/social):

- Ocorrências: frequência a cada 15 dias
- Sem tarefa, dispensas, advertências, faltas...
- Notas: momentos de correção em rota
- Antes de acontecer...

Agendar reunião individual (sem divulgar para os outros alunos). Para escolher a ordem em que acontecerão as reuniões com cada aluno, o tutor deverá levar em conta o mapeamento prévio, pois esse levantamento ou mapeamento das partes fornecerá o diagnóstico para estabelecer as prioridades. Prioridades não esperam.

Organizar um agendamento que permita falar com todos e de acordo com a prioridade, para não chegar ao final do processo e lamentar por ter deixado algo que era importante.

Dialogar com seu tutorando, na hora da roda ou na reunião individual com foco nos hábitos de estudo e relacionamento com a turma. O diálogo individual ajuda a entender o que o tutor observa na classe e os dois – a observação no coletivo e o diálogo individual – fornecem informações para decidir a melhor mediação com a classe e com o aluno.

Sugestão de roteiro:

#### Hábitos de estudo

- O que você gosta de fazer?
- O que gosta de estudar?
- Como faz para prestar atenção? Acha que essa é a maneira mais proveitosa?
- Encontra dificuldade em algum conteúdo? Como faz para superá-la?
- Quando estuda (hora) e em que lugar (local)? Acha que é o melhor?
- Como faz para estudar? Primeiro lê, depois pensa no que leu?
- Usa o computador? Você gosta? Quantas horas por dia utilizam o computador? O computador facilita suas atividades?
- Verifique o e-mail que usa.

#### Eu e os outros (classe)

- Como você se sente na sala de aula?
- Acredita que alguma coisa possa melhorar? O quê? Você já tentou melhorar?

Oportunidade para esclarecer as observações feitas a partir dos indicadores acima (Item A – na classe).

### **Fechamento**

- Como quer que termine este ano?
- O que gostaria de conseguir?

Convide o aluno para escolher uma prioridade a ser trabalhada. Registrar uma prioridade para cada assunto: hábitos de estudo e relações com a classe. Próxima conversa (agendar com data).

### **c. Com a família (apresentação, formação do vínculo)**

- Tomar a iniciativa de marcar ou entrar em contato, não deixar que a família o faça;
- Agendar o contato e criar o vínculo. De preferência, no primeiro contato, pessoalmente, depois pode ser através de e-mail ou telefone.
- Para:
- Torná-la ciente da trajetória do aluno;
- Unir esforços na orientação, nos hábitos de estudo;
- Torná-la ciente do que vem sendo feito pelo CSA.

### **d. Com o CSA/CPE**

- Acompanhar o PAT;
- Registro, verificações;
- Fundamentação, estudo e reflexão;
- Preparação do conselho de classe;
- Integração dos tutores da mesma série ou ano;
- Avaliação semestral
- A tutoria, a orientação de estudos e os cursos opcionais;
- Fechamento e entrega do caderno (final do ano).
- Acompanhar a matrícula.

O professor do CSA é educador. Seja professor de uma disciplina ou de um Curso Opcional, quer um quer outro são educadores, ambos estão para o mesmo objetivo: educação integral e integrada de acordo com o PE.

## 5. BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- ALONSO, Carlos Arribas et alli. *Orientación y Tutoria*. Madrid: Ed Edelvives, 1995.
- AQUINO, Julio Croppa (Org.). *Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 9. ed. São Paulo: Summus, 1996.
- ARGUIS, R. *Tutoria: com a palavra o aluno*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CARMONA, José Cantilho (Org.). *Um aprendizaje de valores mediante el diálogo. DILEMAS MORALES*. Valencia: Nau libres, 2005.
- CÓDIGO CIVIL. Artigo 159.
- CORTELLA, Mario Sergio; TAILLE, Yves de la. *Nos labirintos da moral*. Rio de Janeiro: Papirus, 2005.
- COSTA, A.C.G. *O professor como educador*. Fundação Luis Eduardo Magalhães: Salvador, 2001.
- DELORS, J. (Org.). *Educação para o século XXI*. s.n.t.
- FERNÁNDEZ, A. *Os idiomas do aprendente*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Poner em juego el saber*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.
- GAUDÊNCIO, Paulo. *Mudar e vencer, como as mudanças podem beneficiar pessoas e empresas*. 5.ed. São Paulo: ed. Palavras e Gestos, 2003.
- GRUP XIBECA . *Los dilemas morales: un método para la educación de valores*. Valencia: ed. Nau Libres, 1995.
- MARTINS, Maria Helena Pires. *Eu e os outros: as regras de convivência*. São Paulo: Moderna, 2001.
- MIRANDA, Margarete Parreira. *Adolescência na escola: soltar a corda e segurar a ponta*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- QUINTÁS, A.L. *A formação para o amor: três diálogos entre jovens*. São Paulo: Paulus, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Como lograr una formación integral: El modo óptimo de realizar la función tutorial*. 2. ed. Madrid: San Pablo, 1996.
- ROGERS, C. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ROHDEN, H. *Educação do homem integral*. s.n.t.
- VRIES, Rheta de; ZAN, Betty. *A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na*

*escola*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WINDT, Marcia Cristina Vaz dos S.(Org.); PINTO, Antonio L.de Toledo. (Org.).  
*Estatuto da criança e do adolescente*. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1998.



**S.I.S. Colégio Santo Agostinho**

Pça. Santo Agostinho, 79 - Liberdade

CEP 01533-070 • São

Paulo/SP Fone (11)

**3388.2588** Fax (11)

**3388.2578**

[www.csa.osa.org.br](http://www.csa.osa.org.br)

**ANEXO B – PASTA DO TUTOR**





## Relatório – Postura de Estudante

Este relatório tem por objetivo registrar os aspectos da postura de estudante que são trabalhados no CSA para o desenvolvimento pessoal e da aprendizagem dos nossos alunos e as dificuldades apresentadas pelo aluno que necessitam de acompanhamento durante o ano letivo.

**Aluno(a):** \_\_\_\_\_

Preencha a tabela abaixo utilizando a seguinte legenda:

**F** - Frequentemente / **AV** - Às vezes / **R** - Raramente

<b>Observações de aspectos acadêmicos e relacionais</b>	<b>1ºT</b>	<b>2ºT</b>	<b>3ºT</b>
É pontual nos horários de entrada e mudança de aula			
Apresenta o material solicitado (estojo, livros e cadernos)			
Utiliza a agenda adequadamente			
Mantém-se atento às explicações e interage nas discussões em classe, trazendo contribuições para o grupo			
Esclarece suas dúvidas com os professores durante as aulas			
Realiza as atividades, em classe, no tempo esperado e com independência			
Lê, compreende e interpreta textos com facilidade.			
Expressa-se oralmente com linguagem clara e precisa.			
Expressa-se por escrito com linguagem clara e sequência lógica			
Conclui e estabelece comparações / conexões de forma coerente.			
Apresenta raciocínio lógico.			
Apresenta lição de casa e trabalhos na data determinada			

Demonstra organização em suas atividades e com o seu material			
Trabalha com facilidade em duplas ou grupos			
Ouve os colegas e aguarda sua vez de falar			
Atende as solicitações do professor – mantém a disciplina			
Mantém rotina de estudos			
Frequenta os plantões de dúvidas, quando necessário			
Participa das aulas de reforço oferecidas, se necessário			
Demonstra cuidado com os objetos e os espaços coletivos			
Interage de forma produtiva com os colegas no pátio e em classe			
Manifesta cordialidade e respeito nas relações com colegas, professores e funcionários do colégio			

Preencha a tabela abaixo marcando com um **X** as recomendações necessárias:

<b>Recomendações da equipe pedagógica ao aluno</b>	<b>1ºT</b>	<b>2ºT</b>	<b>3ºT</b>
Ser assíduo, pontual e estar devidamente uniformizado.			
Manter o material escolar organizado e apresentá-lo sempre que solicitado.			
Utilizar adequadamente a agenda escolar			
Realizar as atividades propostas seguindo as orientações dos professores nos prazos determinados.			
Participar das atividades propostas em sala de aula.			
Questionar / perguntar sempre que estiver em dúvidas.			
Atender as solicitações do professor – manter a disciplina			
Manter organizada a rotina de estudos – estudar diariamente			

Registrar todas as informações necessárias referentes à aula.			
Frequentar plantões de dúvidas			
Acatar as normas e disposições do Colégio, tratando professores e colegas e demais funcionários com cordialidade e respeito			

TUTORIA CSA

FCSA 211\_rev01